



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

FRANCISCO HARLEY DE OLIVEIRA ALMEIDA

**POEIRA DE OSSOS, SANGUE SEM CORPOS E ESPÍRITOS VEGETAIS:
IMAGENS AMBULANTES DA FEIRA-LIVRE EM REDENÇÃO-CE**

REDENÇÃO – CEARÁ

2022

FRANCISCO HARLEY DE OLIVEIRA ALMEIDA

**POEIRA DE OSSOS, SANGUE SEM CORPOS E ESPÍRITOS VEGETAIS:
IMAGENS AMBULANTES DA FEIRA-LIVRE EM REDENÇÃO-CE**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título Bacharel em Antropologia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus do Ceará.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Michelle Cirne Ilges.

REDENÇÃO – CEARÁ

2022

Dedico esta produção artística e acadêmica em memória de meu avô, Raimundo Nonato de Oliveira - feirante e líder de uma associação de feirantes na cidade de Fortaleza. Em memória de minha avó e madrinha, Cleonice Batista de Oliveira - benzedeira, rezadeira, macumbeira e mãe de santo, e em memória de meu tio Francisco César de Oliveira - camelô em São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Todo meu respeito e agradecimento as/os feirantes, ambulantes, camelôs, marchantes, raizeiras, quitandeiras e demais pessoas que perambulam pelas feiras-livres e mercados municipais, populares, públicos e centrais.

Gratidão a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em todo seu corpo institucional composto por discentes, técnicos e docentes desta universidade, federal, internacional, pública e gratuita. Além de toda comunidade do Maciço de Baturité. Agradeço em especial a cidade de Redenção por ter me acolhido, as amizades e as trocas sinceras que consegui criar durante minha permanência vivendo não só na cidade, mas vivendo a cidade, com a cidade e seus habitantes novos e antigos.

Daqui do Ceará mando também um salve para a comunidade do Malês, na Bahia.

Meu muito obrigado a esse projeto de universidade popular, que exercita sempre a Integração, a Internacionalização e a Interiorização. Estas serão sempre nossas ferramentas de luta e de resistência dentro e fora desta universidade.

Não poderia deixar de cortejar o único governo que esse país já teve que tornou possível não apenas o meu sonho de estudar em uma universidade pública, federal e gratuita, mas também a de muitxs que passaram ontem, os que estão passando e o que ainda passarão por aqui. Sem perder de vista que a UNILAB foi construída pensando em reparação histórica com os povos africanos, tanto o continental como o diaspórico, em cooperação solidária entre os povos, sancionada pela Lei n 12.289, de 20 de julho de 2010, e instalada em 25 de maio de 2011. Assim, meus cumprimentos a pessoa de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, que não sozinhos, mas com a ajuda das muitas mãos de trabalhadoras e trabalhadores, com muita coragem e luta, tornaram possível uma universidade no interior do Ceará e da Bahia, o que para muitos seria um projeto impossível e/ou do improvável.

Sinceramente, me orgulho de ter sido estudante desta universidade e poder sentar ao lado de estudantes indígenas, quilombolas, periféricos, internacionais, sobretudo dos países lusófonos do continente Africano (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique). Estudantes de toda parte do Ceará, sobretudo das localidades rurais, assentados, estudantes de outros estados brasileiros, além de nossas companheiras e companheiros do continente asiático em Timor-Leste.

Meu agradecimento por ter tido contato com povos agarrados na terra, como Ailton Krenak (2019) chama em seu livro Ideias para adiar o fim do mundo, “aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na

África, na Ásia ou na América Latina”. Tenho imensa gratidão pelxs professorxs e amigxs que viabilizaram meu contato com o pensamento da diferença, autoras e autores de lutas contra-coloniais, ao curso de agronomia que me recebeu tão bem em várias das disciplinas em que me serviram de ponte para dialogar com a antropologia e demais saberes que me dão a alegria de viver em um momento de luta contra os golpes do fascismo, do colonialismo, dos autoritarismos e dos brutalismos que nos rodeia incessantemente.

A amizade e todxs aquelxs amigxs e amores que sempre me ajudaram das mais diversas maneiras. A minha filha Yamka, minha mãe Maria, meu pai Alfredo, meu irmão mais velho, Harlleen e em memória a meu irmão mais novo, Harly, que partiu no dia 02 de agosto de 2021.

Meu irmão que virou semente e foi plantado no mesmo período em que eu produzia deste trabalho de conclusão.

A minha orientadora, Professora Michelle Cirne, pela parceria e acolhimento. Professora Gisele Gallicchio, Professor Rafael Antunes e Professor Jony Silva, aquele abraço!

Ao grupo k-talises, e a turma do LAMUR (Laboratório Arte e Micropolíticas Urbanas).

Meu abraço, meu carinho e amor a tdxs vocês que me seguram firmes nessa caminhada.

Assim, finalizo meus agradecimentos reforçando meu salve a todos os povos contra-coloniais.

RESUMO

O presente trabalho pretende lançar alguns elementos ligados aos efeitos produzidos por uma experimentação em audiovisual e outras visualidades. Por meio deste relatório experimental-conceitual que se experimenta com os registros de/em campo (audiovisual, fotográfico, *rabiscagens* e *print's* de tela do computador, transcrições, traduções e atualizações de notas etnográficas impressas em caderno de campo). Em um encontro da antropologia com a arte, com a ciência e com a filosofia. Esta experimentação dos encontros percorreu por entre as encruzilhadas da feira a partir de uma ciência nômade, uma antropologia mutante e imagens ambulantes, em uma rede entre-mundos: humanos e inumanos, orgânicos e inorgânicos, visíveis e invisíveis, marcados por um exercício prático-teórico, entre circuitos e redes da feira-livre na cidade de Redenção no Ceará; por meio da poeira de ossos, do sangue sem corpos e dos espíritos vegetais, e que estão presentes nesta pesquisa produzindo ressonâncias contemporâneas com o centro-feira e com a feira-mundo.

Palavras-chave: Feira-livre, Ciência Nômade, Antropologia Mutante, Espíritos Vegetais.

SUMÁRIO

PRÓLOGO [AOS POVOS DO FUTURO]	5
INTRODUÇÃO	8
2. COMPOSIÇÕES E MISTURAS	10
3. NAS ENCRUZILHADAS DA FEIRA	13
3.1 A FEIRA E A CIDADE	15
3.2 IMAGENS AMBULANTES	23
3.3 A <i>MISSA-FEIRA</i>	28
3.4 A <i>NECROPOWER</i>	32
4. CIÊNCIA NÔMADE, CIÊNCIA DO DEVIR	40
5. FEIRA-RÉQUIEM, FEIRA-MUNDO	48
6. ESPÍRITOS VEGETAIS	73
7. CONSIDERAÇÕES	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

PRÓLOGO [AOS POVOS DO FUTURO]

Eu quase desisti de continuar.

Não foi fácil retornar, retomar e continuar.

Mas é preciso continuar lutando!

Ainda mais com a máquina de morte desenfreada pela pandemia de Covid-19, um país governado por uma estrutura de poder que produz morte de forma mais acelerada que em qualquer outra época, em que os maiores alvos de extermínios são os povos indígenas, quilombolas, periféricos, sem terra, sem teto, população em situação de rua, população LGBTQIA+ entre outros coletivos e grupos minoritários.

Além de toda devastação nos últimos anos na Amazônia e no Pantanal, contaminações nos solos, nos rios e oceanos, territórios invadidos e exterminados, de vidas humanas e não humanas pelas mais diversas organizações criminosas como as da mineração, do garimpo, da grilagem e a do agronegócio.

A barbárie contemporânea que se instalou em nosso país através da bancada BBB (boi, bala e bíblia) que se somam a esse projeto genocida, ecocida, etnocida...

No meio de tudo isso, não é só gente que morre, são milhares de vidas vegetais, animais, dentre outros viventes que desaparecem do planeta todos os anos.

Como se calar, diante de tudo isso, enquanto são liberadas milhares de agrotóxicos e que de alguma maneira chega em nossos pratos todos os dias? Como o projeto de lei que está tramitando no congresso nesse momento, o tal do pacote do veneno (PL6299/2002). “Este projeto de lei flexibiliza em definitivo a lei de agrotóxicos, abrindo brechas inclusive para o registro de agrotóxicos sabidamente cancerígenos.” (informação retirada do portal Contra os Agrotóxicos, disponível em: <https://contraosagrototoxicos.org/lira-coloca-pedido-de-urgencia-do-pacote-do-veneno-em-pauta-na-ultima-sessao-do-ano/>).

Como se não bastasse comer veneno, estamos respirando, bebendo e comendo partículas de microplásticos todos os dias. “Cientistas calculam que, por ano, ingerimos mais de 70 mil partículas de microplásticos” (informação retirada do portal BBC News Brasil, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48518601>).

A pandemia deixou os bilionários ainda mais ricos, chegando a dobrar seus patrimônios, enquanto a pobreza aumentou. O Brasil voltou para o mapa da fome e as imagens que não me saem da cabeça é da “fila de ossos”, pessoas em uma fila pra receber doação de ossos. O vídeo em Fortaleza que viralizou nas redes sociais, de pessoas procurando comida em caminhão de lixo em um bairro nobre da capital cearense.

Fico pensando nos povos do futuro, o quanto essas pessoas vão nos odiar por ter entregue a esse povo um mundo inabitável, completamente carcomido. O que me remete as palavras de Ailton Krenak na 19ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty que teve como tema “Cartografias para adiar o fim do mundo”. Na mesa de encerramento do evento, Krenak diz que “os humanos estão encenando uma humilhante condição de consumir a terra. Estamos perdendo a mágica que nos faz seres transcendentais. Entristecer o mundo parece que é a vontade do capital. O capitalismo quer fazer um mundo triste, em que operamos como se fôssemos robôs. Por que nossos peixes têm de carregar microplásticos em suas estruturas? (Disponível em: https://youtu.be/78ikR_oxrtg).

O ser humano, diria Novíssimo Edgar, “é uma criação quase que incomparável, anda de helicóptero mais ainda caga em água potável”, (trecho da canção com participação do rapper indígena, Kunumi MC “Que a Natureza Nos Conduza” do disco Ultraleve, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/DaeL8vUi8wY>).

Olhar para o curso de antropologia na UNILAB me levou a pensar e perceber que a presença de povos indígenas, quilombolas, ciganos, rurais, afro-brasileiros, sertanejos, periféricos, africanos, LGBTQIA+, etc., produzem novas composições com a antropologia, a partir do encontro com os diversos modos de vida. O que quero dizer é que esses diversos povos trazem um pouco de seus territórios para a UNILAB e levam um pouco da UNILAB para seus territórios. Esses trânsitos, que envolvem uma relação de trocas e novas alianças entre saberes e práticas de mundos diversos, fazem dessa antropologia um território que passa por uma verdadeira transformação a partir de experiências que chegam. Uma vez que esses territórios são múltiplos e heterogêneos; abarcando uma relação que envolve humanos e inumanos, orgânicos e inorgânicos, visíveis e invisíveis.

As ocupações de estudantes das mais diversas proveniências têm trazido para esse curso a possibilidade de desterritorialização e reterritorialização da própria antropologia enquanto uma disciplina exclusiva das ciências humanas. Isso inclui outros modos de fazer (metodologias inventivas), quando dialoga com outros campos de saberes e práticas, criando novas alianças, outras relações, incluindo as não humanas, como por exemplo: os vegetais, outros animais, montanhas, rios, sonhos, espíritos etc.

Outro ponto que tenho observado é que nosso povo na antropologia tem produzido muitas experimentações da antropologia com a fotografia, com a dança, com a música, com o desenho, com o audiovisual, etc. Isso tem indicado que as/os estudantes tem criado meios de produzirem diálogos com a antropologia visual, da antropologia com a arte, da antropologia com saberes e práticas de povos que compõem a UNILAB, já citados, a partir de suas

cosmologias e cosmogonias, mesmo não tendo especificamente uma componente curricular na antropologia visual, ou antropologia da arte etc.

Me parece que esse movimento de trânsitos e atravessamentos, com essas novas alianças, têm produzido algo para além de uma antropologia visual ou uma antropologia da arte, me arrisco a dizer que seria uma antropologia das sensações, uma antropologia que, no fazer, produz afetos, ao mesmo tempo em que, é afetada. Nesse sentido, essa antropologia é atravessada por um pensamento-vida, onde não há inseparabilidade nas relações.

Nossas produções, quer sejam artísticas e/ou acadêmicas tem criado uma tradução de mundos que transbordam a comunicação do tempo presente, do aqui agora. Essas produções dialogam com os povos do futuro. Nesse caso, tecemos imagens com o passado na tentativa de fazer contato com os povos do amanhã. O presente é uma força criativa e inventiva de recriar mundos, transformar mundos, reconectar-se com a vida produzindo novas imagens, existências atualizadas.

Assim, é preciso reconhecer que **“Poeira de ossos, sangue sem corpos e espíritos vegetais: imagens ambulantes da feira-livre em Redenção-CE”**, acompanhado por uma experimentação audiovisual intitulado: **“Feiragens”**, não é um trabalho confortável. Este é um trabalho que desassossega, incomoda; que provoca o pensar.

Devo, por fim, concordar com duas frases escritas em cartas por dois artistas que muito admiro e que tenho tomado para compor com minhas produções, sejam artísticas e/ou acadêmicas, e tem sido um meio de sempre lembrar que a luta não pode parar.

A primeira frase faz referência a carta de Kafka a Oscar Pollak que diz:

“Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? Porque nos faz felizes, como você escreve? (...) nós precisamos de livros que nos afetam como um desastre, que nos magoam profundamente, como a morte de alguém a quem amávamos mais do que a nós mesmos, como ser banido para uma floresta longe de todos. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós. É nisso que eu creio.” (KAFKA, F. Carta a Oscar Pollak, 1904.).

A segunda frase é de Leminski; um poema-epístola que fora enviado como carta ao poeta e amigo Régis Bonvicino: **“PARA SER POETA TEM QUE SER MAIS QUE POETA”** (Epístola a Régis¹. De: Paulo Leminski Para: Régis Bonvicino, outubro de 1977).

¹ Paulo Leminski e Régis Bonvicino. Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica. Organização de Régis Bonvicino, com a colaboração de Tarso M. de Melo. São Paulo: Ed. 34, 1999, pp. 52-53.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) apresenta por meio do audiovisual, um produto fílmico intitulado: **Feiragens**². Acompanhado de uma análise antropológica crivada pelos encontros com a arte, a filosofia e a ciência. Através deste relatório experimental-conceitual que se experimenta com os registros de/em campo (audiovisual, fotográfico, *rabiscagens* e *print's* de tela de computador, transcrições, traduções e atualizações de notas etnográficas impressas em caderno de campo), em um exercício prático-teórico entre circuitos e redes da feira-livre da cidade de Redenção³ no Ceará.

A pesquisa também cria composições com outras imagens para além das registradas em um campo físico. São os *print's* de imagens satélites, visualização de mapas do *Google Maps* e vistas panorâmicas através do *Google Street View*⁴ que é um recurso do *Google Maps* e do *Google Earth*. Essas ferramentas do Google que mistura mapa com fotografias de lugares do mundo cria uma experiência chamada de “Imagens Imersivas”⁵ com 3 opções: *Photo Spheres* (panoramas de 360°), Sequências de fotos (uma série de fotos conectadas ao longo de uma rua ou trilha), *Street View* (panoramas conectados de uma câmera 360°). Dessa maneira, foi possível criar outros registros do território da feira através dessas “imagens imersivas” que permite virtualmente que os usuários vejam partes de algumas regiões do mundo ao nível do chão/solo.

A pesquisa na experimentação imagética junta: **Imagens Imersivas**⁶ (2020 – 2021), do *Google Street View*, **Feiragens: Imagens de Feira**⁷; que é uma série de fotografias autorais produzidas durante os anos de 2017 até o início de 2022. Um apanhado de rabiscos intitulado: **Rabiscagens: Espíritos Vegetais**⁸ (2020 – 2021). O material disponível funciona como uma espécie de catálogo imagético da feira, ou melhor, uma experimentação *caosmótica* com a feira. Além desse catálogo imagético, esse trabalho também produziu dois curtas-metragens autorais

² Vídeo composto por registros audiovisuais nos anos de 2018 a 2021 no território da feira-livre da cidade de Redenção – CE. “Feiragens” é resultado de um processo de montagem e remontagem dos filmes autorais “Missa-Feira” e “A *Necropower*”; filmes independentes e autorais que foram realizados nos anos de 2018 e 2019 em composição com outros registros audiovisuais no período da pandemia de Covid-19 (entre os anos de 2020 e 2021) no mesmo território.

³ A cidade de Redenção está localizada no sertão central cearense e faz parte da região do Maciço de Baturité.

⁴ App Google Street View. Disponível em:

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.street&hl=pt_BR&gl=US.

⁵ “Imagens Imersivas” é uma coletânea de *prints* de tela a partir da experiência de perambular virtualmente pelo circuito da feira no centro de Redenção, Ceará através do *Google Street View*.

⁶ Disponível em: https://issuu.com/home/published/gogle_street.

⁷ Disponível em: <https://issuu.com/home/published/feiragens>.

⁸ Disponível em: https://issuu.com/home/published/gogle_street.

e independentes, intitulados: **Missa-Feira**⁹ (2018) e **A Necropower**¹⁰ (2019), dentre as quais estão publicadas na plataforma de compartilhamento de vídeos, Youtube. Por fim, o curta **Feiragens**¹¹ (2022); que foi um novo processo de montagem, e que juntou fragmentos do *Missa-feira* e *A Necropower* com filmagens realizadas entre os anos de 2020 e 2021, marcados pela suspensão da feira e a nova configuração da feira. Assim, *Feiragens* foi montado sobretudo para pensar e dialogar com este trabalho escrito.

Marcada e atravessada pela pandemia de Covid-19 e seus impactos, esta pesquisa se compõe em blocos modulares que assinalam os períodos: **pré-pandêmico** (2017 a 2019) e **pandêmico** (primeira onda, segunda onda e a terceira onda – de 2020 até 2022). Uma crise sanitária e humanitária que trouxe perturbações e mudanças não apenas na paisagem, mas que afetaram também as relações, os comportamentos e a própria dinâmica da feira com a cidade e suas construções e urbanização. Esses processos criaram um diálogo mais amplo, a nível planetário; por se tratar de uma epidemia que cria relações entre um terreiro local e global. Dessa maneira, a pandemia acabou produzindo um deslocamento nesta pesquisa com a feira, de modo que, o emaranhado produzido pela feira acabou se emaranhando com os fios produzidos no mundo em que ambos encontraram entrelaces nesta pesquisa.

Este trabalho, por assim dizer, se trata de um encontro na/com a feira-livre de Redenção no Ceará. Um encontro com antropologia com a arte, com a ciência e com a filosofia. Esta experimentação dos encontros percorreu por entre as encruzilhadas da feira a partir de uma ciência nômade, uma antropologia mutante e imagens ambulantes, em uma rede entre-mundos: humanos e inumanos, orgânicos e inorgânicos, visíveis e invisíveis.

Por se apresentar como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Antropologia na UNILAB, esta pesquisa perpassa experiências, de povos diversos que chegam a esta universidade, como já foi dito anteriormente. Nesta proposta, aproximamos uma relação a partir de uma perspectiva antropológica contemporânea; imanente, que passa pela antropologia simétrica, e que permeado por tais universos, este trabalho tensiona novas maneiras de pensar a descrição antropológica; como uma experimentação com as ferramentas

⁹ Missa-feira. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/bJasnODiGbA>.

¹⁰ *A Necropower*. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/OPJAJMXB8KA>.

¹¹ Um trabalho em audiovisual que faz parte do TCC em Antropologia da UNILAB (2022). Composto por registros audiovisuais nos anos de 2018 a 2021 no território da feira-livre na cidade de Redenção – CE. “Feiragens” é resultado de um processo de montagem e remontagem dos filmes autorais “Missa- Feira” e “A Necropower” (filmes independentes e autorais que foram realizados nos anos de 2018 e 2019) em composição com outros registros audiovisuais no período da pandemia de Covid-19 (entre os anos de 2020 e 2021) no mesmo território. Disponível em: <https://youtu.be/B7Us5hRKOF4>.

de descrição da antropologia; de um lugar que é bastante visitado por antropólogas e antropólogos, mas raramente teorizados.

Nessas visões um pouco mais tradicionais sobre a feira, ela frequentemente aparece como uma espécie de um lugar máximo da sociabilidade, uma espécie de módulo da vida social comunitária; uma terra do sacrifício dos bichos, espaços de legalismos, espaços de disputas e guerras, etc.

Na recusa por essa perspectiva mais tradicional, este trabalho então resolve experimentar a feira de um outro modo. Ao passo que este trabalho produziu uma espécie de dissonância; presente no ruído da feira, que nos ajuda a pensar não apenas a natureza da experimentação em antropologia, mas que há também um outro sentido para se pensar uma experimentação, que coloca em questão o nosso mundo por meio de outros modos de viver-sonhar como uma possibilidade de existir-resistir, ou seja, povoar o mundo com essas outras existências: sejam bichos, sonhos, plantas, espíritos etc. Assim, essa experimentação encontrou novas alianças que ajudaram na tecitura deste relatório e na montagem desta produção artística e acadêmica.

2. COMPOSIÇÕES E MISTURAS

As experimentações sonoras e imagéticas produzidas neste trabalho assinalam as intensidades das práticas cotidianas, captando os efeitos e afetos de forças humanas e inumanas, presentes na feira. Levando essa perspectiva em consideração, este trabalho buscou construir uma trajetória rizomática (que produz conexões¹²), de caminhos com as mais diversas veredas. Experimentação como eco-potência de uma dimensão estética que corta e se conecta a uma dimensão ética e política, produzindo aberturas para a possibilidade de criar outros percursos antropológicos, a partir de novos encontros. Dessa maneira, esse material apresenta os mais diversos processos de mudanças, trânsitos, migrações e novos povoamentos no território da feira.

As escritas, as imagens e as sonoridades, enquanto plataformas que produzem ecos dos encontros, eco-potencialidades que perambulam¹³ e povoam este trabalho, bordam livremente linhas das mais diversas cores, entre bilros¹⁴, mãos, patas, folhagens, encantamentos e outras

¹² O rizoma em si mesmo é conexões, sempre em cortes e desvios.

¹³ Ziguezaguear, flunar.

¹⁴ “Peça semelhante ao fuso, de metal ou madeira, para fazer rendas e artefatos de cabelo.” BILRO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bilro/>>. Acesso em: 27/07/2021.

linhas existenciais, que se encontram nessa multiplicidade, composta de rastros coletivos desse pedaço de chão no centro da cidade de Redenção, chamado feira-livre. Essas linhas multicoloridas bordam não apenas a cidade, mas cria conexões com a Região do Maciço de Baturité, e com o Ceará, e com o Nordeste brasileiro, e com o Brasil, e com a América Latina, e com o planeta Terra. Com uma infinidade de novos outros encontros-composições que produzem novos encontros, novas composições de encontros.

Isso para dizer que não há inseparabilidade nas relações, e é dessa maneira que o trabalho é tecido, em uma tentativa de escapar de um pensamento compartimentalizado, científico-moderno e ocidentalizado. Nessa perspectiva, que também marca uma postura política que perpassa todo o processo de produção deste trabalho, os territórios dos encontros, como é o caso da feira, não é compreendido com um lugar controlado, e/ou descolado, e sim como um terreiro em constante composição e que se atravessa com a vida, sem as cercas que produzem *apartheid*.

Quando estamos fazendo desses encontros uma experimentação inseparável da vida, este trabalho traça a produção da singularidade que rompe com as linhas majoritárias, recusando os referentes da subjetividade dominante e das modalidades científicas para tensionar outros modos de viver, assinalados pela afirmação das coexistências. Guattari (1986, p. 55), ressalta que um “processo de singularização [...] pode ganhar uma imensa importância, como um grande poeta, um grande músico ou um grande pintor, que, com suas visões singulares da escrita, da música ou da pintura, podem desencadear mutação nos sistemas coletivos de escuta e de visão”. A arte torna-se inseparável da vida, permeando as relações cotidianas, inventando algo novo entre seus componentes, novas posturas e concepções encarnadas nas práticas.

Pensar um encontro com esses modos de vida que se atravessam com a feira neste trabalho é entender que as fronteiras se borram e se mesclam a cada encontro. Assim, os encontros não fixam um ponto específico para demarcar uma centralidade do que é ou não encontro, muito menos do que é ou não ciência, arte, antropologia e filosofia, nem tão pouco para determinar o que é ou não feira.

Apesar da feira estar povoada ou situada no centro da cidade de Redenção, essas ocupações que povoam a feira marcam os diferentes modos de vida, fazendo da feira um lugar de encontros heterogêneos.

O centro é entendido como uma marcação de um rosto, que é apresentado como uma política de identificação que atribui unidade e homogeneidade à feira. O rosto, segundo Deleuze e Guattari (1995), consiste em uma política que define um centro ordenador, o qual atua como superfície geral de referência, um modelo, procedendo por representação, identificação e

reconhecimento, a fim de determinar uma unidade ao capturar os agenciamentos heterogêneos. Deleuze e Guattari (1995, p. 58) salientam que “se o rosto é uma política, desfazer o rosto também é”. Assim, a feira, enquanto composições das diversas relações, humanas e inumanas, sinalizam nesse trabalho os afetos que marcam linhas de força que se passam entre os encontros.

O material audiovisual que está agarrado a este trabalho, intitulado “Feiragens” está atravessado ao conceito de devir-fílmico (ALMEIDA, 2018). O devir-fílmico traz a potência de provocar uma experimentação com a abertura para criação de sentidos, atuando como um intercessor qualitativo, um disparador que gera deslocamentos por diferentes territórios e produção de novos agenciamentos através do audiovisual.

O devir-fílmico consiste numa expressão audiovisual que transversaliza ciência, filosofia e arte. Uma experimentação lançada pela cartografia esquizoanalítica conforme a perspectiva da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, atravessando as coordenadas em outras direções, inúmeras direções, sentidos e vetores, assinalando o processo cartográfico, não obedecendo à orientação das coordenadas, assinalando as intensidades vividas, captando os efeitos das forças humanas e não humanas. Dessa maneira, transgride o território identitário. Quando a experimentação imagética perpassa as fronteiras e as linhas de existência, resistentes nas margens, *imargens* assinalam modos de vida. Territórios (geográfico, político e existencial) cujos limites não coincidem, nem se correspondem numa sobreposição precisa definida como unidade. Territórios instituídos por margens moventes, pelas forças do fora que dão consistência e assinalam sua multiplicidade.

Deslocamentos e trânsitos dão movimento a essas linhas que perpassam a feira, arrastam e se emaranham entre redes e circuitos que atravessam o centro da cidade de Redenção, Ceará. Essas composições apontam: existências, permanências e resistências dos mais diversos mundos presentes no território-feira. Território não apenas físico, mas também existencial.

Chamar atenção para esses deslocamentos é exercitar com essas linhas, possibilidades de descentralização, não só com a cidade, mas através das relações-composições presentes nos encontros, como por exemplo no encontro da missa com a feira, do encontro da feira com a pesquisa, etc. Sem que estas relações estejam apenas fixadas a um determinado ponto que delimita a feira a um espaço geofísico e social, é importante perceber a feira em seus transbordamentos que alargam as relações entre-fronteiras, ou seja, para além de uma feira-visível, e, que não apenas é habitada no centro da cidade de Redenção, muito menos na feira enquanto um lugar demarcado por algumas poucas ruas do centro da cidade. Como se apenas nessas ruas a feira pudesse ou não existir.

É importante dizer que a feira não é um lugar fixo, em que o/a pesquisador(a) é o/a único(a) que perambula nesse território. A feira é um território movente, que arrasta linhas mutantes em um campo heterogêneo em que estão marcadas as relações físicas e existenciais.

Nesse sentido, esta pesquisa não é feita apenas na feira, mas com a feira e com tudo que atravessa a feira num encontro entre a antropologia e a arte, e a filosofia e a ciência. Esse exercício desloca a antropologia de um lugar fixo criando novos deslocamentos, outros sentidos, de modo inventivo, rumo ao desconhecido, que se lança nas veredas do devir.

Assim, o devir-filmico traz expressões inseparáveis do pensar. Ele não quer dizer nada por não ter pretensões de representação e decalque. Ele produz voos com seres de sensações, que fogem das explicações, das submissões à fala e à linguagem, dos referentes semióticos. Sem representar, lança afectos, perceptos e conceptos com materiais expressivos irreduzíveis a narrações e percepções. Um devir que gera um composto por blocos sonoros, blocos de cores, repouso em imagens que se borram e se mesclam, tensionando a escapar do humano e de seus traços antropomórficos. Nesta tensão, provocada por um modo de expressão, a demora no cotidiano, no imperceptível e nas velocidades inapreensíveis à comunicação, trazem golfadas de ar ao pensamento, o qual se torna irreduzível às cadeias significantes. Os fios de alta tensão diluem-se em direção a outras margens e usos.

O devir filmico traz uma potência de expressão que força a produção artística e acadêmica a se deslocar, ao transitar entre as margens da arte, filosofia e ciência, problematizando o vivido através da criação. Nele, não há reprodução, há composição, em que “a arte não é o caos, mas uma composição do caos, que dá a visão ou a sensação, de modo que constitui um caosmos, como diz Joyce, um caos composto – não previsto, nem preconcebido” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 263). No devir-filmico, há fluxos e feixes de fios que margeiam horizonte, voos que tensionam e avizinham conceitos, blocos de sensações em que os pássaros se tornam figuras estéticas e nos incitam a deslizar no movimento infinito do pensar.

3. NAS ENCRUZILHADAS DA FEIRA

Entre um berro¹⁵ e outro de vendedores ambulantes, oferecendo as mais variadas mercadorias que circulam pela feira, que vai desde a comercialização de: desentupidor de fogão a gás, ferragens, painéis, roupas, eletrônicos, plantas, adubo, lambedor, remédio caseiro, ervas

¹⁵ Tomando como referência a música “Berro” (1986) de Ednardo: “Do boi só se perde o berro/ Só se perde o berro e é/ Justamente o que eu vim apresentar”. Disponível em: < <https://youtu.be/wfYqXn00Onc>>. Acesso em: 27/07/2021.

e cascas de plantas, churrasquinho de rua, merendeiras que circulam com seu carrinho de feira adaptado, animais que perambulam famintos pelas coxias, barracas de frutas e verduras, feirantes, bicheiros, camelôs, atravessadores, mercadores, raizeiros, chaveiros, amoladores de faca, marchantes - cortadores de carnes, mercado das carnes, vendedores de cd e dvd, transportes alternativos, hospital, clínica, agência de plano funerário, ponto final de ônibus intermunicipal, vendedores de milho, agência de venda de passagens, pau-de-arara, ônibus fretado, motoristas, cobradores e fiscais, bicicletas, moto-taxistas, topiqueiros, trambiqueiros, carros de frete, vez por outra um músico tocando ao vivo para ganhar uns trocados, a fumaça que sobe com cheiro de churrasco, lama e cachaça. Um homem evangélico todo engravatado aos berros debaixo daquele sol febril de Redenção, esbravejando com a bíblia na mão, pregando sobre o fim do mundo, gritando: Jesus tá voltando! labaxurias decantas, sharamanaias¹⁶. Parecia que aquele sujeito tinha saído do filme: *O Bandido da Luz Vermelha*¹⁷ de Rogério Sganzerla (1968); na voz perturbadora do personagem que aos berros profetiza: “O Terceiro Mundo vai explodir”, “Quem tiver sapato não sobra”.

Os ruídos, as sonoridades polifônicas se misturam naquela manhã de domingo, disputando entre as ofertas e mercadorias pelo alto-falante da igreja em que a missa chega a perambular pela feira, junto aos circulantes, o carro de som da ótica, caótica, anunciando que é dia de fazer exame de vista e comprar novos óculos, parcelado, no cartão de crédito, na promissória, no boleto, de qualquer jeito. É dia de promoção anunciado em outros carros de som, panfletos, encartes promocionais das redes de supermercados que sufocam, cercando a feira como uma boca faminta e que competem diretamente com a feira. O mesmo pregador, evangelizador, que também comercializa a palavra de deus, através de cds e dvds gospel, competindo com o vendedor de mp3 que empurra seu *pendrive* em um amplificador velho, contendo uma *playlist* de músicas nacionais e internacionais, e mais uma variedade de filmes.

Tem produtos em cima da lona assentada ao chão das ruas onde acontece a feira, em cima do carro, na bacia em cima da cabeça, como é o caso de alguns verdureiros ambulantes. Barracas improvisadas, madeira, isopor, corda, pedra, plástico, papelão. Ruas, ladeiras, vielas, agências bancárias, lojas, supermercados, prefeitura, igreja matriz, cartórios, óticas, papelarias, lanchonetes, bijuterias, frigorífico, praças, estátuas e botequins.

¹⁶ verbetes de línguas neopentecostais (popularmente conhecido como falar em línguas) usadas normalmente para realização de curas e profecias.

¹⁷ Filme brasileiro de 1968. Um clássico do cinema marginal. Disponível em: <<https://youtu.be/pSbBA4OiqBc>>. Acessado em: 20 de janeiro de 2021.

Tem de tudo um muito, nesse centro da cidade de Redenção em que a feira está povoada. Um vai e vem de gente de todo canto do Maciço de Baturité e de outras proveniências. Alguns poucos estudantes da UNILAB que permanecem no final de semana pela cidade, principalmente os estudantes internacionais¹⁸.

Gente descendo e subindo as ruas da feira, vindo das zonas rurais do município. Gente apressada pra não perder a missa, gente correndo depois da missa para feira, gente lotando os supermercados, e os demais comércios de lojas e outros comércios instalados nas fronteiras da feira.

Uma das coisas que chega muito cedo na feira são os transportes, trazendo as pessoas pra missa, feira e comércios. Esses transportes ocupam os arredores do circuito da feira e ficam estacionadas até o final do horário comercial de domingo. Normalmente, a feira e comércio em geral só funciona até o meio dia e se arrasta até as 13hs.

3.1 A FEIRA E A CIDADE

No entrelace da feira com o centro da cidade de Redenção é importante apontar que muitas das relações trazidas para a discussão se deram no caminhas com a feira. Uma feira que produziu caminhos diversos. Entres assas experiências com o circuito da feira foi a relação dos mapas; entendendo as diversas camadas que compõem mapas para além do desenho geopolítico desse território que estamos chamando de centro-feira.

Através de *print's* de tela da plataforma virtual de mapas (*Google Maps*) impressos nesse bloco, estamos inicialmente demarcando com linhas coloridas na **Imagem 1**. Entendendo que esse território de centro-feira tem uma topografia fisicamente íngreme (na forma de ladeira), e que estamos grafando nesse mapa geográfico como: **Alto da Feira, Médio da Feira e Baixa da Feira**. Essas marcações não tem pretensão de definir esse território, mas trazer algumas das ocupações físicas para pensar com esse centro-feira. Lembrando que a feira não ocupa fisicamente todo o território do centro de Redenção¹⁹, mas uma parte do centro, como está demarcado na **Imagem 2**.

¹⁸ Estudantes oriundos de países da CPLP: Angola, Moçambique, Cabo-verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Timor Leste.

¹⁹ Texto em *ipsis litteris*, conforme publicado na página do IBGE: “O distrito policial de Acarape foi criado por Ato Provincial de 18 de março de 1942. A freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Acarape, atualmente Redenção, deve sua criação à lei provincial nº 1.242, de 5 de dezembro de 1868. Instituída canonicamente por Provisão de 24 de agosto de 1869. No mesmo dia da criação do município era assinada uma lei autorizando o Presidente da Província a despende, anualmente, a importância de quinze mil réis com a libertação de escravos de preferência do sexo feminino. Esta circunstância - coincidência ou não - parece ter influído no ânimo dos acarapenses que, em pouco tempo, se levantaria contra o jugo infamante. Em 8 de dezembro de 1882 fundou-se a

do BANCESA²⁰, e algumas lojas comerciais (óptica, papelaria, frigorífico, loja de roupa, gráfica);

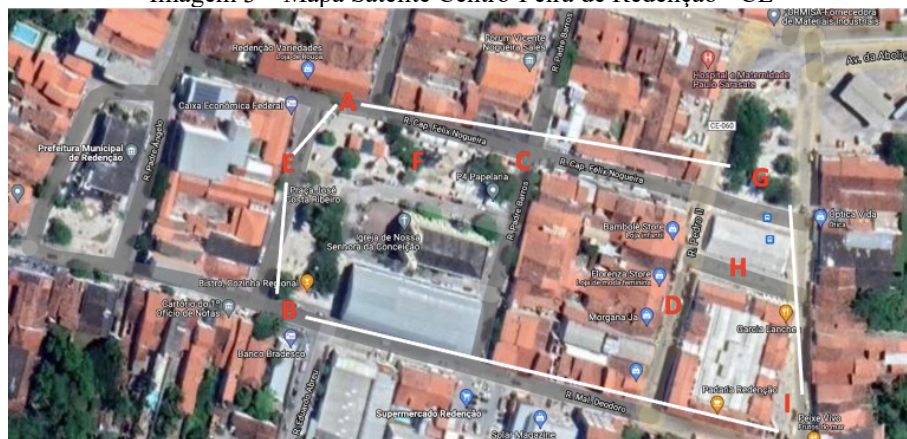
Médio da Feira: ocupada fisicamente por diversas lojas comerciais (supermercado, farmácia, pousada, fórum, posto de saúde, sorveteria, loja de bijuterias, loja de eletrônicos, loja de roupas);

Baixa da Feira: ocupada por diversos transportes (topiques, táxis, moto-táxi, ônibus intermunicipal, transportes alternativos), barracão, quiosques de alimentação, restaurante, bar, barbearia, mercado popular, mercado das carnes, loja de ferragens, sapataria, padaria, residências (majoritariamente ocupadas por estudantes da UNILAB), lojas de roupas, etc.

Apontar essas estruturas físicas é importante para entendermos em que linhas a feira-livre está transpassada.

As principais ruas e pontos referenciais do centro de Redenção que fazem parte do circuito da feira e que são registradas oficialmente através das placas de sinalização, na qual podem ser acompanhadas pela **imagem 3**, abaixo:

Imagem 3 – Mapa Satélite Centro-Feira de Redenção - CE



Fonte: Imagem retirada do *Google Maps*, 2021.

A- Rua Capitão Felix Nogueira

B- Rua Marechal Deodoro

C- Rua Padre Barros

D- Rua Pedro II

²⁰ Foi um banco brasileiro, inicialmente é um banco popular fundado pela Ação Social no Ceará, da igreja católica. “O antigo Banco Popular de Sobral” passa a se chamar Banco do Ceará S.A – BANCESA, quando os novos compradores mudam a razão social do banco. Banco Comercial Bancesa S/A, foi a última mudança de nome e que ficou registrado até o encerramento de suas atividades. A Empresa Massa Falida do Banco Comercial Bancesa S/A deixou erguido em algumas das cidades do Ceará seus prédios onde funcionavam as agências do banco. O Prédio que funcionava o Bancesa em Redenção, hoje funciona como um grande depósito, onde são guardadas boa parte das barracas da feira. É também um depositário de excrementos humanos. Quando se passa na calçada do prédio, na frente da entrada é possível sentir o cheiro fétido de fezes e de urina.

E- Rua José Costa Ribeiro (Praça Joaquim Távora)

F- Praça da Princesa Isabel

G- Praça dos Taxistas (Extinta Praça do Relógio)

H- Praça Tenente Eilson

I - Rua Ludgero Guilherme Costa (Estrada CE 060)

Algo que sempre chamou minha atenção, inicialmente, nesse território do centro-feira foram os nomes dessas ruas e praças em que sinalizam e demarcam esse centro, através de placas indicativas como pontos de referência: o exército, a coroa, a igreja – mas, que também, outros nomes escapam dessas instituições de poder, como por exemplo a praça dos taxistas (antiga praça do relógio) que entra quase como um apêndice. Outros nomes como: José Costa Ribeiro²¹ e Rua Ludgero Guilherme Costa, não consegui identificar com exatidão; nem com os moradores mais antigos, nem através de uma busca rápida pela internet; quem são essas pessoas e que relação teriam com a cidade de Redenção.

Um fato interessante é que os/as moradores(as) mais antigos(as) normalmente não conhecem o nome das ruas como estão grafadas nas placas. Para essa população as ruas são batizadas com apelidos, como por exemplo: a rua do buraco, a rua da feira, a rua da igreja, entre outros apelidos. Essa relação é bem parecida com os nomes que rebatizam as pessoas através de algum apelido. Esse apelido passa a ser um nome próprio, o que dificulta identificar ou localizar determinadas pessoas pelo nome de registro.

Como exemplo dessa experiência, é contar que, quando morava em um dos bairros da cidade, as ruas não eram conhecidas pelo nome e sim como: rua de cima, rua do meio e rua de baixo. Se quisesse localizar alguém nesse bairro teria que fazer uso do apelido dado a cada rua, assim como o ponto de referência era sempre a casa de alguém que também não era conhecido por seu nome de registro. Até eu ganhei um apelido naquela cidade. As pessoas do bairro me chamavam de professor, mesmo eu dizendo que não era professor, esse apelido era constantemente usado para fazer referência a minha pessoa, mesmo co-habitando no bairro com outros moradores que de fato eram professores.

²¹ O mais próximo que pude encontrar na internet, mas sem ter certeza que se tratasse de fato da mesma pessoa que leva o nome dessa rua; José Costa Ribeiro segundo uma pesquisa que encontrei no acervo do Departamento de Física da Universidade de São Paulo (USP), foi diretor científico do CNPq, de acordo com uma carta de José Costa Ribeiro a Abrahão de Moraes; datado em 24 de agosto de 1951, na cidade do Rio de Janeiro. O documento na íntegra está disponível em: <<http://acervo.if.usp.br/index.php/carta-de-jose-costa-ribeiro-a-abraha-de-moraes>>. Acessado em 14 de janeiro de 2022.

A cidade de Redenção já foi apelidada de **Rosal da Liberdade**, mesmo nome que leva uma das rádios locais da cidade. Mas falar sobre esse apelido é um tanto contraditório quando se percebe no cotidiano as controvérsias, uma vez que senzalas e pelourinhos vieram a fazer parte do modelo dessa cidade. Onde o monumento **Busto da Princesa**, cravado em sua base uma placa metálica grafado: **A Redentora**. A estátua sempre se encontra em ótimo estado de conservação, pintada de dourado, está fixada na frente da igreja matriz, e dá nome a **Praça Princesa Isabel**.

Figura 4 – Busto da Princesa, pelo artista: Jacinto de Sousa (1933)



Fonte: Facebook - Redenção, o teu nome na história ²²

Já nas costas da praça e da igreja encontra-se a **Estátua de Vicente Mulato**, que segundo narrativas locais, foi considerado o último homem escravizado a ser vendido no Acarape.

Segundo relatos, a escultura foi feita pelo pintor Francisco Mendes Nacreto, mais conhecido por seu apelido, Bob (morador da localidade de Antônio Diogo em Redenção). Essa obra é por muitas vezes esquecida; sem manutenção e sem a devida atenção. Tinta e cimento que se desgasta, que se descasca e se esfarela com o tempo corrói o corpo da estátua, e com o tempo vira poeira. Esta obra quase sem manutenção, sem placa de identificação, sem nome e sem apelido; plantado naquele lugar, imprime mais uma memória de escravidão em Redenção.

²² Texto *ipsis litteris* conforme *post* da página Redenção, o teu nome na história: “Esta fotografia da Princesa Isabel, serviu de expiração para o artista Jacinto de Sousa esculpir em pedra sabão o busto da soberana, a mando do Ilustre Revmo. Padre João Saraiva Leão financiado pelas famílias tradicionais de Redenção, em homenagem a insigne Princesa, e comemorativo do primeiro cinquentenário da remissão dos cativos em Redenção. Inauguração do Busto da Grande Soberana Isabel, a Redentora em 1º de janeiro de 1933.” Redenção, 7 de abril, 2018. Facebook: Redenção, o teu nome na história. Disponível em: <<https://www.facebook.com/148704721986749/photos/a.152601831597038/772007802989768/>>. Acesso em: 20 de janeiro, 2020.

É importante dizer, que essa é uma obra recente e foi construída em meados do ano de 2008, marcando os 125 anos de abolição. Havia ali, antes da estátua, uma árvore centenária, um tamarineiro, que veio a cair. Diz-se que naquela árvore, ao redor, ocorria o comércio de escravizados. Ou seja, ali também já foi um outro “Mercado das Carnes”; das “carnes negras”, como descrita na canção “A Carne²³” de 1998; “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Figura 5 – “Feiragens, Imagens de Feira”



Fonte: Imagem do autor. Esq. (2017) e Dir. (2020).

Figura 6 – Cena do curta-metragem: Missa-feira.



Fonte: Imagem do autor. (2018).

Outro fato curioso é que a padroeira da cidade é Nossa Senhora da Conceição, mas os festejos religiosos são incorporados à co-padroeira, Santa Rita de Cássia, conhecida como a santa das causas impossíveis. Os festejos acontecem no mês de setembro, congregando devotos em uma peregrinação pela cidade, além dos eventos culturais e artísticos. A cidade fica efervescente, tomada por milhares de visitantes devotos e não devotos. O clima de festa

²³ Música brasileira de 1998, composta por: Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Cappelletti. Gravada pela banda Farofa Carioca e logo em seguida tendo ainda maior repercussão nacional na voz de Elza Soares. Disponível em: <<https://youtu.be/yktrUMoc1Xw>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

acompanhada das diversas ocupações pelas ruas e praças do centro da cidade mais parece um shopping-feira, que incorpora também nesse período produtos religiosos, parque e praças de alimentação em um território mais amplo do centro da cidade.

De todo modo, percebo que esta relação de nomes/apelidos entre as pessoas e a cidade, criam outros contornos, tanto com a cidade como com os/as habitantes de Redenção. Esse processo se dá de maneira inventiva, eu diria, ao passo que esses novos tratamentos dados aos nomes produzem desvios a uma certa identificação formal e documental (algo que está na ordem dos registros oficiais). Dessa maneira, compreendo que o apelido tem uma força desviante, um eco potente capaz de escapar dos bancos de identificação, assim como a presença da feira também produz diversas outras relações no encontro com o centro. Essas relações descentralizantes, torcem placas e ruas, nomes e prédios, atravessando novas ocupações no centro de Redenção.

O que pode nos levar a entender que esse território não é fixo e sim, um território movente, por ser ocupado por corpos heterogêneos. Na feira, não circulam apenas pessoas e isso me fez criar um maior interesse em me aproximar da feira, compreendendo-a como um território potente para exercitar outras relações.

Outro ponto que quero retomar, se refere aos mapas e os circuitos da feira; na relação com a cidade, que são as “Imagens Imersivas”, que neste trabalho se trata de uma coletânea de fotos do território centro-feira, capturadas através de *print's* de tela. Uma perambulação virtual realizada no circuito da feira no centro da cidade de Redenção. Esse flunar virtual sob as ruas da feira foi possível através da plataforma do *Google Street View*. Isso para dar conta de uma das problemáticas surgidas no campo de pesquisa no período da pandemia; que teria sido o quanto essa crise sanitária teria afetado nossos trabalhos; de maneira geral. A feira foi um dos primeiros campos que passou por um processo de desaparecimento, com o distanciamento social, principalmente na primeira onda.

Em tempos de isolamento, uma maneira de revistar o circuito da feira, experimentando outros movimentos com a feira e a cidade, foi através das “imagens imersas”, que mesmo isolado em casa, pude perambular pelas ruas da feira, encontrando assim, uma possibilidade de visitar o campo de pesquisa no período crítico da pandemia, e de poder criar outros atravessamentos. Como foi perceber que as imagens registradas, pelo carro do *Street View*, não foram fotografadas uma única vez, em que esse veículo circulou pelas ruas do centro da cidade de Redenção. Ou mesmo quando essas imagens se juntaram por camadas, remontando as paisagens do centro-feira, elas não se atualizaram pelo ano de registro.

As imagens fotografadas pelo *Google* que desenham aquele circuito marcam diferentes temporalidades. Ou seja, para minha grande surpresa, a cada rua, a cada curva, em que o meu “avatar” caminhava sob aquela superfície montada por uma inteligência artificial do *Google*, produzia uma experiência vertiginosa com o território centro-feira. Talvez essa sensação vertiginosa seja diferente para quem nunca pisou naquela cidade, e que em uma breve pesquisa no *maps* do *Google* caminhe sobre aquele solo, sobretudo no circuito da feira fazendo uso dessa plataforma virtual que oferece a possibilidade de uma perambulação por um mapa interativo.

Uma observação; segundo o próprio Google, “as imagens imersivas” passam por 4 etapas: “coleta de imagens²⁴”, “alinhamento de imagens²⁵”, “transformar fotos comuns em 360°²⁶”, e a precisão topográfica através daquilo que eles chamam de “mostrar a imagens certa²⁷”.

Para quem conhece minimamente aquela cidade essa experiência vertiginosa se dá sobretudo na rápida mudança na paisagem de Redenção nos últimos 10 anos, pelo menos. Afinal, as imagens registradas pelo carro do *Google* se embaralham entre diferentes anos. E por essas imagens não se organizarem e/ou se atualizarem por data de registro, foi possível identificar as variadas camadas justapostas de imagens do centro-feira. Assim, o centro de Redenção fica parecendo uma espécie de bricolagem borrada com o tempo.

Se o carro do *Google Street View* circula pelas cidades no mundo, fotografando as ruas e integra essas imagens-cidades fazendo uso de uma inteligência artificial através de algoritmos que possibilita essa espécie de sensação de estarmos caminhando pelas ruas de uma determinada cidade, imagine então caminhar através de seu “avatar” por uma rua “A” no ano de 2012 e de repente a poucos metros o registro imagético da rua repentinamente muda para o

²⁴ “Antes de tudo, precisamos sair por aí e fotografar os lugares para mostrar no *Street View*. Estamos atentos a muitos fatores, inclusive as condições climáticas e a densidade populacional de diversas áreas, para determinar quando e onde podemos coletar as melhores imagens.”. Informações retiradas do site do *Google Street View* e estão disponíveis em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/explore/>. Acessado em: 20 de janeiro de 2021.

²⁵ “Para fazer a correspondência de cada imagem com a respectiva localização geográfica no mapa, combinamos sinais de sensores no carro que calculam os dados do GPS, a velocidade e a rota. Isso nos ajuda a reconstruir o trajeto exato do carro e até mesmo inclinar e realinhar as imagens, se necessário.”. Informações retiradas do site do *Google Street View* e estão disponíveis em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/explore/>. Acessado em: 20 de janeiro de 2021.

²⁶ “Para evitar falhas nas fotos em 360°, câmeras adjacentes tiram fotos levemente sobrepostas, e nós as “costuramos” em uma só imagem de 360°. Depois, aplicamos algoritmos especiais de processamento de imagens para diminuir as “costuras” e criar uma transição suave.”. Informações retiradas do site do *Google Street View* e estão disponíveis em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/explore/>. Acessado em: 20 de janeiro de 2021.

²⁷ “A velocidade com que os três lasers do carro refletem nas superfícies informa a distância de cada prédio ou objeto e permite construir modelos em 3D. Quando você se afasta para uma área distante, o modelo em 3D determina o melhor panorama a ser mostrado daquele local.”. Informações retiradas do site do *Google Street View* e estão disponíveis em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/explore/>. Acessado em: 20 de janeiro de 2021.

ano de 2016, e que ao virar a esquina para entrar a rua “B”, o ano registre agora o ano de 2021. Nesse zigzaguear pela cidade é interessante perceber as mais diversas mudanças ocorridas ao longo do tempo no circuito do centro-feira. Na troca das ruas pelo asfalto, a biblioteca-museu municipal que deu lugar para uma agência bancária da Caixa Econômica, o cinema que virou pizzaria e agora é ocupada pela prefeitura de Redenção. A arquitetura das casas demolidas para ganhar desenhos modernos em Redenção, as construções desordenadas de moradas para alocar as/os estudantes, professoras(es) e as/os técnico-administrativos (TAEs). O número de árvores registradas nessas imagens imersivas e que hoje não faz parte desse mapa urbano atualizado.

As feiras-livres são terreiros de perambulações, território de trânsitos e de encontros, em que estão atravessadas nesse chão cruzado uma multiplicidade de gente, bichos, plantas e outras diversas espécies que se encontram entre ruas, vielas e becos.

O centro produz diversos movimentos e ruídos na feira, da feira, com a feira e fora da feira. Isso para fazer uma marcação de que a relação centro-feira desorganiza um e outro na medida em que se atravessam e criam deslocamentos, descentralizações. Desde a mobilidade que promove uma relação com o rural e o urbano, com os produtores-agricultores da região, os comerciantes, a missa, a feira, o trabalho e as mais diversas ocupações que povoam a feira.

Em Redenção, o dia da feira é o domingo. Com esse dia, a cidade tem comércio funcionando de domingo a domingo, diferente de outras cidades da região, como Barreira e Baturité (mesmo que o comércio funcionem nestas, no domingo não é dia de feira). O dia da feira já foi motivo de muitos debates na cidade, o porquê de acontecer no domingo. Um grande motivo é a economia do Maciço de Baturité que se beneficia, porque os feirantes circulam entre as cidades; e a economia de Redenção ganha com mais um dia com o comércio aberto, pelo menos até meio-dia. Por outro lado, funcionários de lojas e supermercados trabalham todos os dias da semana.

3.2 IMAGENS AMBULANTES

Fui um desses corpos-ambulantes de chapéu de palha na cabeça que carregava celular, bateria externa, fone, tripé, pau de self, um suporte improvisado de PVC e uma garrafa com água. Perambulava cedo pela feira de domingo fazendo registros, (não eram todos os domingos, mas só registrava aos domingos). Os registros eram feitos por meio da fotografia, gravações sonoras e em audiovisual, inicialmente.

Confesso que nem sempre era possível registrar alguma coisa, mas só perambular, conversar com o povo da feira, comer comida de rua pela feira, comprar frutas e verduras, saber

quando um vegetal era produzido de maneira orgânica ou com uso de agrotóxico, quem eram os/as produtores(as) locais e quem era atravessador, que revendiam na feira produtos do CEASA²⁸. E assim eu conhecendo o nome das localidades rurais de Redenção, aqueles encontros com as/os feirantes produziam uma espécie de mapa-falado de lugares de Redenção que não conhecia.

Em outras perambulações, eu adentrava no mercado das carnes para captar apenas as sonoridades das máquinas de corte e o som ao redor, por fim escapava pelas bordas da feira fazendo apenas fotografias. Quando sentia que era possível filmar, eu ligava a câmera do celular e me enfurnava pela feira gravando diversos *takes*, nunca era uma filmagem contínua, mas sempre pensava na possibilidade de editar na própria filmagem para facilitar meu trabalho na montagem do filme.

Como não era do meu interesse fazer um filme do gênero documental, não gravei nenhuma conversa, entrevista, ou mesmo uma elaboração de roteiro. Nesse caso, o trabalho audiovisual está na ordem do improvisado, do encontro e do devir.

Quando era dia de perambulação pela feira, normalmente acordava às 5 da manhã e só retornava depois das 13hs; horário em que findava o comércio e a circulação na feira juntamente com o desmonte das barracas.

Como era de praxe, eu costumava tomar café da manhã na barraquinha do café com tapioca, que era montada na frente da quadra esportiva, (do outro lado da feira), por trás da igreja matriz. Nessa barraquinha, era onde eu normalmente começava os primeiros contatos, conversando com as pessoas, sentindo o que seria possível registrar enquanto som e imagem, e como registrar aquele encontro dominical, com a feira, a missa etc.

Foi assim, nos anos de 2018 e 2019 quando de fato comecei a perceber a feira como um território-fílmico (territórios povoados por sonoridades e imagens em movimento). Essas materialidades resultaram em dois curtas, intitulados: “Missa-feira²⁹” (2018) e “A Necropower³⁰” (2019), marcando um período pré-pandêmico.

²⁸ Texto *ipsis litteris* conforme *post* da página *Agric Website*: “CEASA é a sigla para Centrais Estaduais de Abastecimento. As Ceasas são empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros. Hoje, a grande parte das frutas, legumes, e flores comercializadas em feiras, supermercados, restaurantes e sacolões foram por eles compradas através das Ceasas.” Disponível em: <https://www.agric.com.br/comercializacao/o_que_e_ceasa.html>. Acesso em: 22 de janeiro, 2020.

²⁹ Disponível em: <https://youtu.be/bJasnODiGbA>

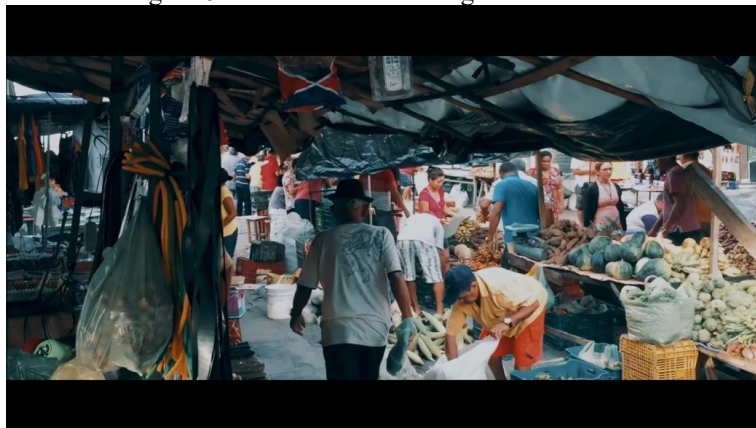
³⁰ Disponível em: <https://youtu.be/OPJAJMXB8KA>

Figura 7 – Cena do curta-metragem: Missa-feira



Fonte: Imagem do autor. (2018).

Figura 8 – Cena do curta-metragem: Missa-feira



Fonte: Imagem do autor. (2018).

Figura 9 – Cena do curta-metragem: A Necropower



Fonte: Imagem do autor. (2019).

Figura 10 – Cena do curta-metragem: *A Necropower*

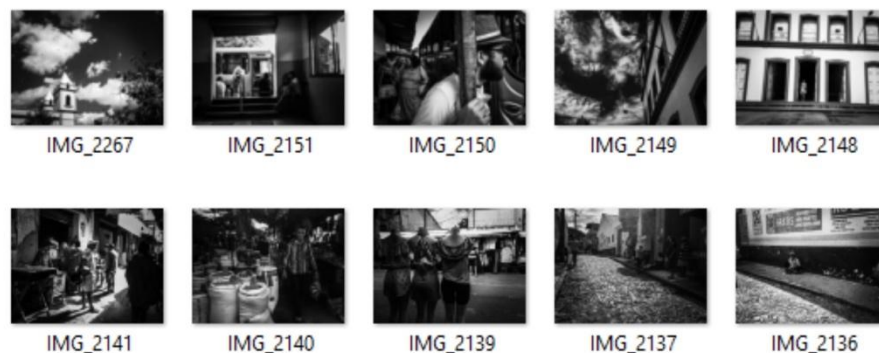


Fonte: Imagem do autor. (2019).

Antes de falar sobre o processo desses dois filmes, é importante dar alguns passos atrás.

No ano de 2017, fui atraído por esse mundo das feiras-livres e mercados populares, quando pensei em criar um projeto de ocupações videográficas que pudesse registrar territórios de perambulações pela Região do Maciço de Baturité, produzindo uma série com pequenos vídeos (microfilmagens) e fotografias. Intitulei esse projeto de “Janelas do Maciço³¹”, essas séries estavam divididas em: **Feiras** (registros das feiras-livres e mercados populares nas cidades que abarcam a Região), **Malocas** (registros das diversas moradas dos estudantes da UNILAB), **Permanências** (registros dos espaços físicos da UNILAB) e **Trânsitos** (registros das paisagens das diferentes cidades da Região e suas fronteiras).

Figura 11 – Janelas do Maciço (Série Feiras)



Fonte: Imagem do autor. (2017)

³¹ Disponível em: <https://harleyalmeida.wixsite.com/janelasdomacico>.

Figura 12 – Janelas do Maciço (Série Feiras)



Fonte: Imagem do autor. (2017)

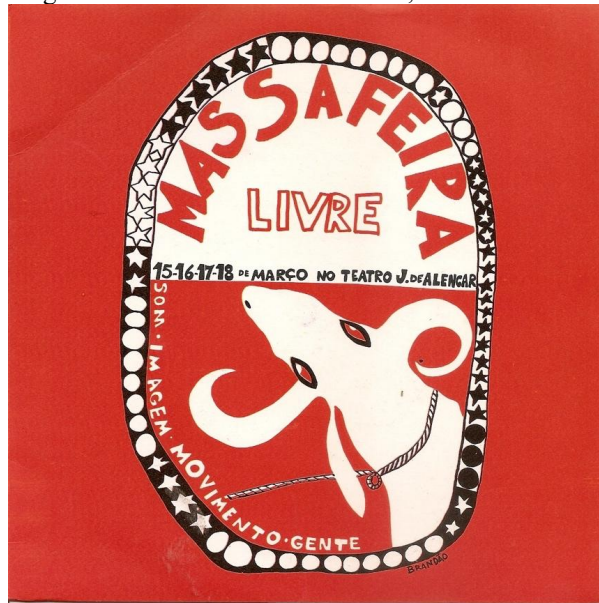
Os primeiros registros foram feitos na feira da cidade de Redenção e na cidade de Baturité. Nessas duas cidades, percebi que a feira e a igreja matriz criavam algum tipo de relação. De algum modo, percebia através das imagens registradas que a feira e a igreja se atravessavam, a ponto de criar diversas interrogações nessa relação que mais adiante apelidei de *missa-feira*. Inclusive, fazendo referência ao movimento de artistas conhecido como *Massafeira Livre*, realizado de maneira coletiva por mais de 400 (quatrocentos) artistas entre os anos 1978 e 1980 em Fortaleza, Ceará. A *Massafeira Livre* era uma espécie de feira cultural que abarcava a música, a fotografia, a poesia, a literatura, o cinema e as artes plásticas; o que muitos apelidaram de semana de arte moderna cearense. Esse movimento foi consolidado em Fortaleza, no Theatro José de Alencar em 1979. Em 1980, foi produzido um disco duplo e coletivo intitulado *Massafeira*³² para deixar registrado musicalmente aquela feira cultural.

Esse disco e tantos outros discos de artistas cearenses como Belchior, Ednardo, Rodger e Teti, apelidados e conhecidos pela mídia da época como Pessoal do Ceará, e tantos outros discos e artistas povoaram com sonoridades essa trilha experimental de ouvir-sentir-caminhar-cantar com Redenção, com a UNILAB, com a feira, com a antropologia, com a arte, com a filosofia, com a ciência; de maneira dançante e errante, descompassada e delirante feito balão baião e foguete em festa de São João.

Quem sabe um dia a gente consiga inserir essas sensações de ler um texto acompanhado de músicas, sem ser audiovisual. A cada capítulo uma nova faixa de uma *playlist*, produzindo novos encontros, novas sensações.

³² O disco reuniu cantores, compositores e poetas, como Ednardo, Fagner, Ângela Linhares, Mona Gadelha, Patativa do Assaré, Fausto Nilo e Belchior. E que conta com músicos como Tuti Moreno, Antônio Adolfo, Rui Motta, Túlio Mourão, Robertinho de Recife, dentre outros. Disponível em: <https://youtu.be/HwZdLdgLCHg>. Documentário MASSAFEIRA 30 ANOS. Disponível em: <https://youtu.be/bOMbJLsNQO4>

Figura 13 – Cartaz da Feira Cultural, Massafeira Livre



Fonte: Página Discoteca Pública³³

3.3 A MISSA-FEIRA

Em um percurso descontínuo entre o urbano e o rural, os fluxos de intensidades e velocidades assinalam rastros e ecos que reverberam nas diferentes camadas de ocupação da missa-feira. Missa e feira acontecem ao mesmo tempo em que a casa e a rua se misturam, o sagrado e profano despem-se de uma dicotomia moralizante, em que as ocupações no centro da cidade diluem fronteiras existenciais, capaz de descentralizar esse centro ordenador, a partir das suas relações de forças cotidianas e microfísicas, em que as práticas atravessam o pensamento.

Há um duplo deslocamento, físico e subjetivo, que fende territórios da região e as fronteiras da missa-feira presentes nas cadeias hierárquicas de poder assinalado na topografia do centro. Assim como a *Massafeira Livre* reuniu gerações das mais diversas expressões artísticas, e produziu um álbum coletivamente sem seguir um gênero musical específico, entre os diversos estilos e ritmos reunidos, o encontro da missa com a feira na relação missa-feira é capaz de produzir novas ressonâncias e multiplicidades nesses territórios. Essas relações apontam a presença dos diferentes modos de vida, cosmologias que imprimem uma polifonia, tecendo mundos possíveis nesse terreiro existencial, assinalando as intensidades vividas, captando os efeitos das forças humanas e inumanas, sem descolamentos, como o pensamento moderno ocidental que vem impondo um modo de vida de consumo exacerbado que investe na

³³ Disponível em: <<https://www.discotecapublica.com.br/7-polegadas/massafeira-1980/>>. Acesso em: 30 jan. 2022

produção de morte. Como a polifonia que se intensifica na camada sonora do vídeo (*Feiragens*), indiscerníveis; sons de *intermezzo*.

Figura 14 – Cena do curta-metragem: Missa-feira



Fonte: Imagem do autor. (2018)

Seguindo os diversos rastros que atravessam o território do centro de Redenção, onde abarca geograficamente o recorte que demarca a feira-livre que acontecesse todo domingo do mês, percebemos que a feira, a cidade e a igreja se articulam num mesmo instante. A mistura acontece no trânsito dos diversos movimentos em que a feira produz nas ocupações desse chão com o centro, com a missa, com a feira e com tudo que atravessa essas camadas, não apenas físicas, mas também existenciais.

Forças plásticas, nas quais os processos de ocupações dos feirantes, os transportes que fazem a mobilidade da população das localidades mais distantes de Redenção, as locomoções de pessoas para a missa realizada na igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a igreja com a feira, a feira com a missa, os/as diversos(as) ocupantes nessa relação de missa e de feira, feirantes-devotos-fregueses, produzem nesses encontros plurais um borramento entre fronteiras, desmanchando as relações de poder demarcadas pelos pontos fixados no mapa da **imagem 02**.

Esses borrarmentos diluem as linhas molares demarcadas e sinalizadas nos mapas físicos para comporem novas geografias dos encontros. Os encontros plurais, dão novos contornos, descentralizando as relações e é dessa maneira que estamos fazendo desse movimento uma possibilidade de produzir ciência, no campo do sentir-fazer. Arriscaria dizer, de uma maneira muito preliminar, que este trabalho propõe um encontro molecular. Quando encontra linhas de fuga que escapem das imposições de um modo disciplinar e vigilante que ordena nossas práticas, limitando à existência a modos de produção e de consumo.

Assim, esse trabalho não quer dizer o que é a feira, os feirantes, os fregueses, as mercadorias comercializadas nesta feira. Nem dizer como funciona o centro da cidade de Redenção no Ceará e seus significados. Muito menos o que representa a missa dominical, os católicos, o culto, a igreja matriz e seus aparatos simbólicos.

Essas relações não tratam de relações e prestações de reciprocidade, como descritas por Mauss (1923-1924), na obra, “O Ensaio sobre a dádiva”, que se baseia nos contratos em um sistema de trocas e que regulam as sociedades através do princípio comum, a obrigação de dar, receber e retribuir, e suas implicações mediadas por esse sistema de trocas. Mas que é de importante conhecimento para entendermos a lógica ocidental que insiste em padronizar as relações em uma esfera global e globalizante, através do modo de vida capitalístico.

O que estamos tratando nesse pensamento que se experimentam nos encontros, com as relações diversas, e não só humanas, novas alianças são possíveis de atravessarem o próprio fazer antropológico e não como funciona a sociedade da feira em Redenção.

A pergunta que dispara então esse exercício é o que se passa na feira, no centro e/ou na cidade, através do que se passa entre os corpos (humanos e inumanos) que perambulam pela feira-missa-cidade-centro, quando postas em relação, transpassadas nesse entre e que não é correspondente a uma topografia demarcada em um mapa físico, mas nas microfísicas que produzem posturas éticas-estéticas e políticas. De modo que essa pergunta não fixa uma resposta específica, definida e definitiva, determinando uma legenda que descreva um ponto sinalizado no Google Maps. O que estamos propondo nesse exercício é de como essa pergunta pode produzir potência para uma antropologia que desvia de seu próprio bote fatalístico, que busca reconhecimento na representação de mundos povoados por humanos e/ou apenas entre um grupo seletivo de *humanóides*³⁴.

Quando se pensa a feira em sua localização espacial, definida por um mapa geográfico, é visivelmente organizada, pois nossa mente tende a setorizar os espaços, com limitações e demarcações. Como por exemplo: o setor das frutas, o setor das verduras, o setor das carnes, o setor dos vestuários e dos eletrônicos etc... Individualizamos as coisas pois objetificamos e separamos uma coisa da outra, etiquetando e colocando em prateleiras correspondentes, como em um supermercado. Embora este estriamento ocorra na organização da feira e dos estandes. Tratamento dado a este agenciamento “feira” que esgarça seus limites.

³⁴ “somos governados por grandes corporações. Quem vai fazer a revolução contra corporações? Seria como lutar contra fantasmas. O poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representa alguns humanóides” (KRENAK, 2020, p. 15-16).

O fato é que a feira em um movimento de mistura, cria novas linhas (linhas visíveis e invisíveis, e que não são apenas linhas retas que ligam um ponto a outro), mas que produzem saltos desviantes, que percorrem clandestinamente por entre esses territórios demarcados, escapando dos enquadramentos. Uma *esquizo-perambulação* que produz outros rastros imagéticos e sonoros, como estamos propondo experimentar neste trabalho através do audiovisual, e dessa maneira, essas relações não se encontram separadas, nem equiparadas, para alocar som e imagem em um lugar representativo e/ou ilustrativo dessa escrita, mas que se justapõem a partir dos encontros em uma multiplicidade. Assim como a feira em toda sua composição, em um entrelace com a antropologia, em toda sua composição, pode produzir afetos. Os afetos produzem blocos de sensações impressos através das artes, da ciência, da filosofia e dos demais campos do conhecimento.

Esses encontros são capazes de romper com a monocultura, o monopensamento, as monorelações, as relações agrotóxicas cotidianas e que são reproduzidas através de uma vida monológica. Exercício para escapar ao antropocêntrico que captura, acomoda ou ignora as linhas divergentes à antropologia como ciência-régia.

É preciso encontrar brechas para fugir desse plano interpretativo que a antropologia normalmente se coloca, em uma posição pretensiosa de descrever uma determinada sociedade uma determinada cultura, acunhado por ferramentas extremamente apegadas ao ocidente, que balizam os diferentes povos do mundo por divisão e comparação (isto “ou” aquilo): identidade/alteridade, natureza/cultura, mundo selvagem/mundo civilizado, antigo/moderno.

Nesse sentido, este trabalho tem a pretensão de tensionar essas posturas apegadas ao ocidente, que trouxe para a antropologia essa dupla crise, que se dá nessa divisão sobre o outro. Em uma aproximação com o pensamento de uma antropologia contemporânea, que marca o “giro” ou “virada” ontológica na antropologia, problematizando essa relação a partir de algumas obras como: *A Invenção da Cultura* de Roy Wagner (1975) e *Jamais Fomos Modernos* de Bruno Latour (1991), isso para citar apenas alguns dos diversos trabalhos possíveis de serem encontrados facilmente nas plataformas virtuais de busca (acadêmicas e não acadêmicas), na sessão de referências deste trabalho também é possível perceber autoras e autores que dialogam com a antropologia em um pensamento imanente, em que, as relações são composições e atravessamentos de agenciamentos heterogêneos.

3.4 A NECROPOWER

A *necropower* é uma palavra inventada a partir do encontro de duas palavras: [*necro*³⁵] + [*power*³⁶], para apontar como esse encontro cria uma relação entre a lógica de mercado expressa no modo de vida capitalista, que produz morte das mais diversas ordens, e como se dá esse processo a partir de uma estrutura de poder, em um projeto de extermínio. Um projeto que sobrevive sob os moldes de dominação colonial que parasitam entre as porções de corpos mortos, “são tantas vezes gestos naturais”³⁷.

Se **necro** enquanto um radical está sempre acompanhado, **power** faz companhia nessa relação composta de morte e poder-domação para produzir **necropoderes** como uma máquina de morte. Fiz questão de inserir no título desse trabalho em audiovisual uma palavra em inglês que pudesse traduzir a ideia de poder e dominação, principalmente para marcar o flerte do Brasil com os EUA, mais precisamente na relação de governos da extrema direita, nas figuras de Bolsonaro e Trump.

A morte como efeito da guerra é quando a máquina de guerra transformou-se em máquina de Estado, ou seja, quando a guerra se tornou seu “objeto”.

Comprendemos a partir de Foucault (1999) que “o poder opera de modo difuso, capilar, espalhando-se por uma rede social que inclui instituições diversas como a família, a escola, o hospital, a clínica. Ele é, por assim dizer, um conjunto de relações de força multilaterais”. Assim, o termo que inventamos, intitula o filme e dialoga sobretudo com os conceitos cunhados por Michel Foucault se tratando de biopolítica (política em nome da vida) e biopoder (vida subordinada ao poder da política), bem como o conceito de necropolítica (políticas de morte), do autor camaronês, Achille Mbembe (2018).

Perceba então que os encontros, as relações e as composições nem sempre produzem afetos³⁸ alegres, pensando nessa alegria espinosana³⁹.

A *Necropower*, o filme, tem uma montagem completamente diferente do que costumo trabalhar com os filmes em geral. Este trabalho, especificamente, tem sequências longas, o peso da saturação da cor da imagem é outra marcação forte na imagem, dando a ideia de que essas

³⁵ Etimologicamente essa palavra vem do grego e significa morte. Necro é um radical que acompanha palavras compostas. Ex.: necrose, necrotério, necrobiose, necrofagia, etc.

³⁶ Palavra em inglês que em nossa tradução significa poder.

³⁷ Trecho da canção “Podres Poderes” composta por Caetano Veloso, e que faz parte do álbum Velô (1984). Disponível em: <https://youtu.be/Y2rzsnyggY>.

³⁸ “Por afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções.” (E III def. 3, p. 237).

³⁹ Referindo ao filósofo holandês, Baruch Espinosa.

imagens estão respingadas pelo vermelho do sangue dos corpos mutilados no mercado das carnes. Uma sonoridade perturbadora das máquinas de corte e o som dos “Amoladores de Faca⁴⁰” a cada corte se misturaram com pouquíssimas intervenções sonoras produzida para esse trabalho em audiovisual.

Figura 15 – Cena do curta-metragem: *A Necropower*



Fonte: Imagem do autor. (2019)

O Mercado Popular apelidado de Mercado das Carnes, que estava localizado na parte mais central da baixa da feira, em uma estrutura fixa e física que atualmente está fechado para reforma, agora se encontra provisoriamente em um barracão nos limites da entrada e saída da cidade; na fronteira do rio Pacoti que muda de nome para rio Acarape ao cruzar por debaixo da ponte da entrada-saída da cidade e continuar ao fundo de um vasto canal atravessando uma propriedade particular, onde é fabricado a cachaça Douradinha.

Uma outra questão é que nesse período as filmagens ficaram exclusivamente voltadas para esse mercado das carnes. O celular, nessa temporada estava com problemas na tela (*touch screen*), de uma hora pra outra enquanto eu estava filmando, o zoom era acionado aleatoriamente dando vários outros movimentos de aproximação e/ou recuo. Assim, várias das imagens registradas ficaram com esse movimento de intervenção acidental causado pelo próprio problema no celular. Ou seja, o celular também criou seu próprio modo de fazer sem a ação dos meus comandos, o que me deslocou de lugar de controlador e de decidir como as imagens seriam enquadradas e editadas já no ato de filmar, como havia feito com o *Missá-feira*.

Esse também foi o lugar mais complicado para filmar, pois os/as trabalhadores(as) estavam sempre de olho na minha perambulação pelo mercado, me fazendo perguntas,

⁴⁰ Referência ao texto “A Atriz, o Padre e a Psicanalista- Os amoladores de faca” - Luis Antonio Baptista. Disponível em: <<https://app.uff.br/slab/uploads/texto95.pdf>>. Acessado em: 10 de março de 2019.

querendo saber quem eu era, para quem eu trabalhava, estava fazendo o que ali, se eu era da televisão, sobretudo da “Rede Globo”, se eu trabalhava para a prefeitura, ou algum órgão vinculado com o IBGE e/ou com a vigilância sanitária. O Mercado das Carnes e suas contravenções; tráfico de órgãos, de pessoas, de armas, que transformam gente em fragmentos de carne (guerras de extermínio), desmatamentos e pastagens do agronegócio.

Se na relação com o processo filmico do *Missa-feira* eu me sentia mais livre e à vontade, quase que invisível registrando som e imagem no meio da feira, no Mercado das Carnes eu tive que pensar como estava se dando essa relação que ao mesmo tempo parecia tenso, também tinha algo sádico e sátiro, pois quando eu passava entre os corredores formados por um conjunto de balcões que se juntavam e demarcavam as linhas retas desenhando os longos corredores das viandas, os/as trabalhadores(as) do mercado me olhavam amolando suas facas, e/ou ligando a máquina de corte, estapeando pedaços maiores de carnes com a faca deitada, como quem está amaciando o corpo para o corte, ou mesmo pra identificar uma carne maciça através do som. Assim como aquela sonoridade violenta de tapas na carne, que soava dentro do barracão como uma espécie de sirene de alerta de guerra, chamando atenção dos fregueses e transeuntes como eu.

Aqueles olhares me acompanhavam ao longo desses corredores enquanto os corpos dos animais eram desmembrados, fatiados, cortados, através da lâmina da máquina e/ou da lâmina da faca na mão do marchante ou moídos em outra tipo de máquina.

Passei algumas semanas testando os registros das imagens no mercado, mas não queria me demorar na escolha para apertar o botão “REC” e começar a filmar.

Quando comecei a filmar, depois de umas 3 (três) visitas, pensei em colocar em primeiro plano as mãos, trazendo o gesto daqueles(as) trabalhadores(as) para dentro do filme. Assim, também poderia ganhar mais confiança deles(as), ao filmar apenas suas mãos, como uma maneira de não identifica-los(as) no filme. Então, sempre que me aproximava de cada barraca gastava alguns minutos acompanhando os gestos daquele trabalho: a mão que apalpa e escolhe a carne, as mãos que amolam a faca, liga a máquina de corte, que segura as partes maiores do corpo animal para serem cortadas e transformadas em pedaços menores. A separação daqueles corpos de animais se transformando *mercadorianimal*; pedaços de carne, ossos e sangue. Mercadoria feita pra matar-vender, vender-lucrar, comprar-comer, comer-alimentar, alimentar-matar (em um ciclo estagnado no ato da repetição que justifica o extermínio).

Uma observação importante: entendo que faço uma relação bem grosseira, com esses ciclos hemorrágicos que atravessam o matar, o vender, o lucrar, o comprar, o comer para alimentar-se e saciar-se, mas que de algum modo essas relações fazem algum sentido nessa

discussão com as políticas de consumo e de morte em escala planetária. Entranhadas nas vísceras desse mercado dos mutilados, e a segmentarização que nos torna peças e engrenagens deste modo de vida violento e cruel é manifesta na carne.

Ainda sobre o processo filmico, *A Necropower* foi filmada com outras propostas de planos de enquadramentos, os movimentos de câmera foram pensados juntamente com a relação que ia se criando com os circulantes desse mercado. De modo que, essas decisões mais técnicas foram tomadas de uma maneira muito intuitiva, sem um roteiro prévio, mas sempre com muita atenção ao que estava se passando entre a feira e o visor do celular.

Como tentei trazer para o primeiro plano o gesto, sobretudo das mãos que se encontram nesse mercado das carnes, nesse caso a duração de cada gesto, por isso os enquadramentos do filme são corpos humanos desenquadrados, cabeças cortadas. Cortes e gestos suturam o próprio filme, entre corpos extirpados, corpos não humanos, corpos selecionados para consumo, corpos esquartejados, em que cada pedaço de corpo é incorporado a um valor específico de cada animal, preço que não só marca a distinção dos corpos, mas o quanto vale cada parte de seu corpo. O som da morte, a crueldade e a brutalidade que atravessam a película filmica estão marcadas entre os ruídos desse mercado da morte que parece tamponar os gritos dos animais, em que existências são trituradas, expostas e comercializadas naquele necrotério que se intensifica em um movimento da feira para o mundo, do mundo para feira. O comércio da vida em uma dimensão planetária (sangue e morte = lucro; ruídos, máquinas de corte, balança, transação comercial; cheiro de sangue, política de morte, bichos cortados vivos). Práticas que se prolongam nas políticas de guerras e de extermínio.

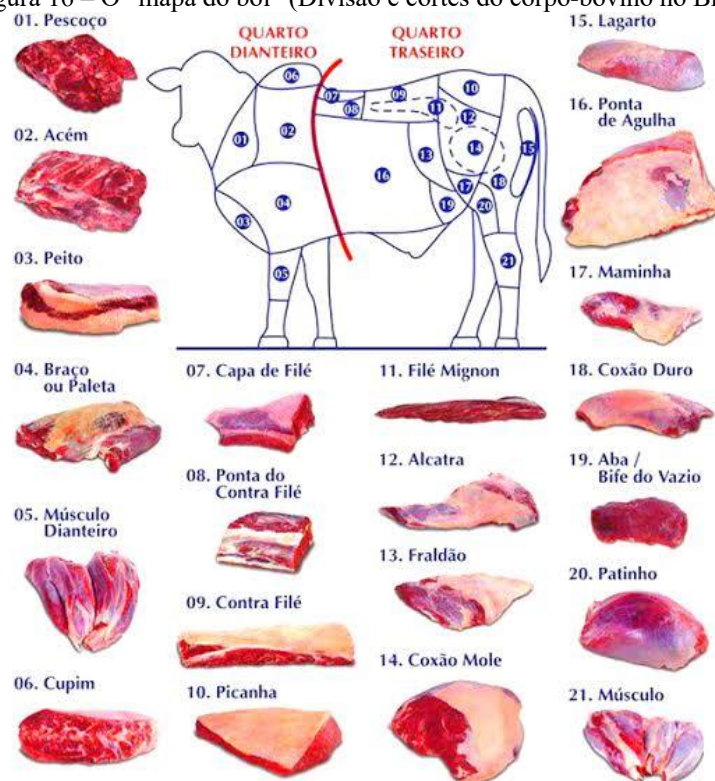
O necropoder que esse modo de vida capitalístico reproduz é um projeto de extermínio que se impõe no controle dos corpos, destinando o lugar que cada corpo deve ocupar. Isso implica, por exemplo, como os corpos devem ser cortados, separados, comercializados, consumidos e de como esse processo que envolve trabalho e alimentação pode promover um processo maquínico de desaparecimento de corpos.

O ato de como é comercializado e como é consumido esses corpos pode ser entendido como uma relação que reforça o necropoder como uma máquina de morte que tem o poder de apagar os vestígios de uma existência: animal, e/ou vegetal. Esse processo passa por um meio de esfacelamento da imagem desses seres até que a imagem do porco, do boi, da galinha, do carneiro, do peixe, do urucum, etc., sejam transformadas em produtos. Sem vida, congelado, etiquetado e identificado por um novo nome, cada pedaço de corpo-animal ganha nesse comércio um novo nome comercial; um corpo-animal desterritorializado que vira uma vianda, mas não deixa de ser um corpo-animal mesmo aos pedaços, expostos em prateleiras do

mercado. Se tomarmos como exemplo o corpo animal do boi (corpo-bovino), no Brasil se tem um “mapa do boi” que é um esquema de divisão do corpo bovino para cortes, separando as partes do animal. Cada país tem seu mapa, e isso também pode ser observado em outros animais comercializados. Animais já mortos e esquartejados, se desfazem, quando fragmentados e desterritorializados em produtos embalados; uma espécie de descartáveis – resíduos. Quando vendidos inteiros já são produtos-mercadoria, já são objetos de consumo.

Como podemos conferir nas figuras abaixo, um mapa do corpo bovino, apontando os cortes mais comuns no Brasil e em outros países.

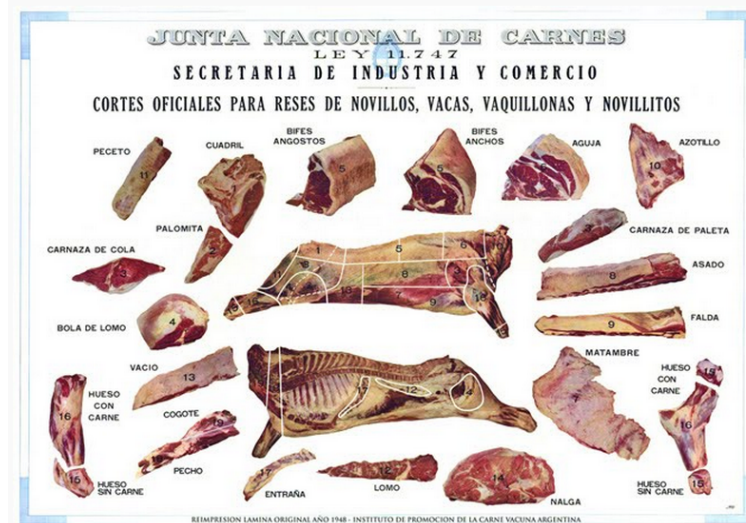
Figura 16 – O “mapa do boi” (Divisão e cortes do corpo-bovino no Brasil)



Fonte: Página da Beefpoint⁴¹

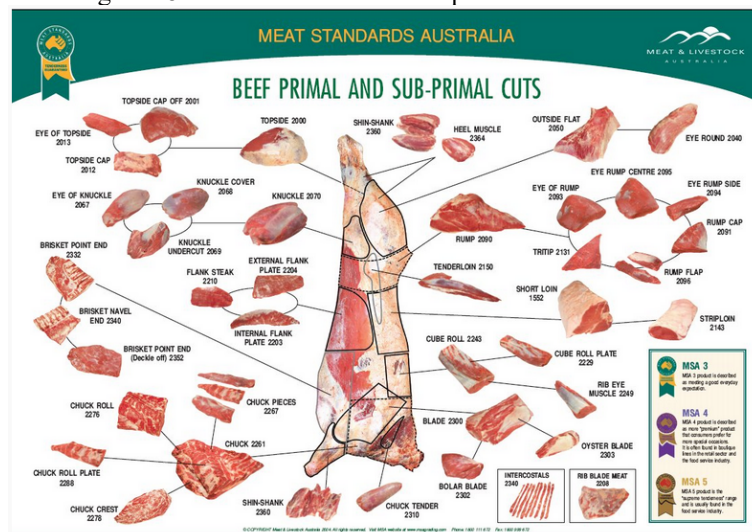
⁴¹ Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/confira-os-cortes-de-carne-bovina-mais-comuns-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Figura 17 – Divisão e cortes do corpo-bovino na Argentina



Fonte: Página da Beefpoint⁴²

Figura 18 – Divisão e cortes do corpo-bovino na Austrália

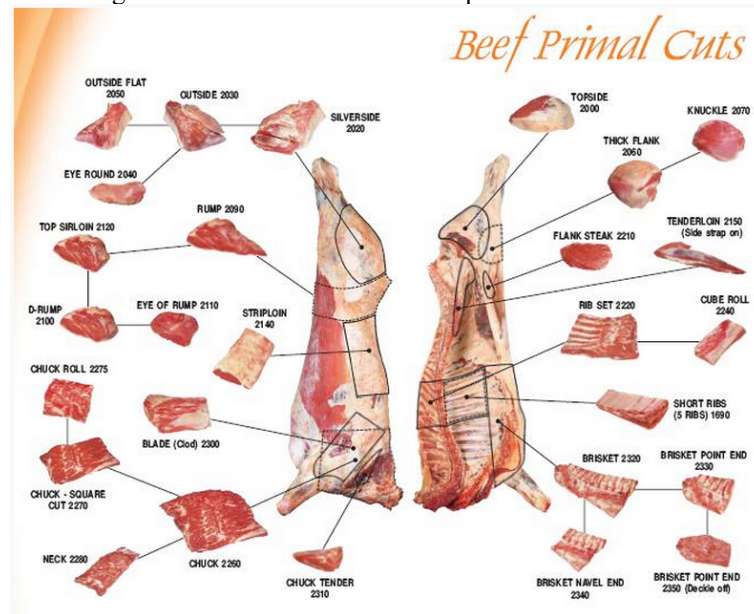


Fonte: Página da Beefpoint⁴³

⁴² Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/confira-os-cortes-de-carne-bovina-mais-comuns-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

⁴³ Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/confira-os-cortes-de-carne-bovina-mais-comuns-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Figura 19 – Divisão e cortes do corpo-bovino nos EUA.



Fonte: Página da Beefpoint44

No mercado das carnes, a imagem do porco, do boi, do carneiro, da galinha, do peixe, e de outros animais desaparecem, deixando apenas alguns vestígios de sua presença, como as cabeças cortadas que ficam em exposição nas bancadas sem o menor espanto das pessoas.

Ainda usando a o bovino como exemplo, depois que o corpo é cortado e passa a ser apenas um pedaço de carne, ou melhor, um produto de consumo. Mãos e gestos aparecem ainda no mesmo plano para organizarem as peças, como são chamados os cortes maiores, no mercado. Exemplo: peça de patinho, peça de alcatra, peça de maminha, etc.

As peças são cortes maiores feitas na carne, que são identificados e organizados nas bancadas por categoria, de modo homogêneo. Ou seja, as peças e os pedaços de todos os tamanhos se juntam por categorias. Assim, esses pedaços podem pertencer a diversos animais de uma mesma espécie. Exemplificando: ao comprar 1 (um) quilo de alcatra, corremos o risco de estar levando pra casa, esse pedaço conhecido como alcatra, de vários animais bovinos, mas que estão misturadas como produto único.

O processo de comercialização se dá no toque do freguês sobre esses produtos. Depois de apontar e separar os pedaços que serão levados, o produto é pesado. A balança marca o peso e o valor. O freguês confere, a venda é realizada. Os pedaços daqueles corpos são ensacados em uma sacola plástica e são despachados, depois que o dinheiro é recebido e conferido. No recebimento do dinheiro, o dedo é levado a boca, e esse gesto é constantemente percebido na

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/confira-os-cortes-de-carne-bovina-mais-comuns-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

hora da passagem do troco, em que a saliva no dedo ajuda a separar uma cédula da outra e que ao final, esses dedos impregnados de sangue, carne, saliva e os inúmeros microrganismos presentes no dinheiro (cédulas e moedas) se esfregam na ponta da flanela que está normalmente amarrada na parte de cima da armação das barracas (é possível observar o dedo indicador e o polegar em um movimento de pinça – gesto que se repete entre os/as trabalhadores(as) do mercado).

Dentro desse barracão improvisado, coberto por uma extensa lona, que de longe faz aparentar um circo mambembe e de perto gera espanto. Entre a multidão que ocupa aquele mercado, espalhados entre as dezenas de barracas, por cima das bancadas, variados são os corpos mutilados, que saem dali sempre aos pedaços e ensacados. Em sacos de plástico, amarrados em um nó que estrangula o sangue preso na pele do pacote, sufocando o cheiro de morte. Que chega na cozinha, que se mistura com corpos vegetais, que vira tempero e se transforma na panela com o fogo.

Nesse rápido movimento em que a mão que escolhe é a mesma que paga, a outra que recebe é a mesma que separa e pesa, empacota e passa o troco. E por fim, a mão que recebe o troco leva pra casa pedaços de corpos mortos, ensacados em um pacote de plástico, que vai virar saco de lixo por essa mesma mão, que ensaca pedaços de outros tantos corpos residuais, que viram lixo dentro de um mesmo saco plástico, e, que é entregue a mão de outro trabalhador, gari, lixeiro e catador, pra depois esse resíduo que ainda sobra seja engolido pelo caminhão do lixo, e mastigado com outros lixos, sendo vomitado em um aterro, ou num terreno baldio.

E por fim, esse ciclo que não tem fim, deixamos espalhados, toneladas de rastros tóxicos, em escala planetária, tem produzido: envenenamento, degradação, intoxicação, violências, todos os tipos de brutalismo, adoecimento e morte. Acometendo todas as espécies, colocando em risco nossa própria vida e de outros animais, vegetais, e outros microrganismos vivos.

Enquanto estamos fazendo essa discussão, “toneladas de materiais registrado como peças de refugo chegam em Gana, África *hitec* de resíduos. As calotas de *gliter* e de sucata não afetam em nada o ecossistema. Só o ego sistema dos nossos fotógrafos.”. Esse é apenas um trecho da canção, Plástico⁴⁵ do multiartista e rapper brasileiro, “Novíssimo Edgar”, em uma possível aproximação por meio da arte, com o que estamos colocando em discussão; promovendo assim, possíveis encontros entre a antropologia, a arte, a filosofia e a ciência.

⁴⁵ Esta música faz parte do álbum: Ultrassom (2018). Edgar - Plástico (Videoclipe Oficial). Disponível em: <<https://youtu.be/j4CJ6OVfCeY>>. Acessado em 10 de jan. 2022.

4. CIÊNCIA NÔMADE, CIÊNCIA DO DEVIR

Chamemos atenção para alguns elementos presentes no título deste trabalho e que são importantes para exercitarmos o pensamento a partir dos blocos que foram criados para dar movimento a esta pesquisa-experimentação e que são disparadores nesse exercício.

Esse tipo de bricolagem que se inter cruzam com a antropologia em forma de encontros com a feira versam nesta sessão com aquilo que escapa de uma maneira quase que imperceptível as nossas produções, quando elegemos apenas o que é perceptível, ou seja, aquilo que está na ordem do sensorial-cognitivo.

Quando não só perambulamos, mas também chafurdamos e nos sujamos a esse chão de feira, levamos um pouco dessa lama para esse processo de montagem de nossas produções e que normalmente fazemos uma espécie de assepsia para apresentarmos um trabalho higienizado. Essa higienização produz excrementos, sobras e nesse processo de separação setorizamos os copos dessas produções, assim como é percebido na feira.

Mas o que quero chamar atenção nesse momento é para aquilo que é produzido enquanto resíduo, o lixo da feira, aquilo que não é comercializado e que escapa quando por exemplo a máquina de corte que separam as carnes no mercado elegem partes do corpo de um animal com um valor específico e que a poeira de ossos produzidos entre a lâmina, os ossos e a carne de um animal se espalham pelo chão do mercado, o sangue que esvai desses animais e se misturam nos córregos com outros elementos líquidos e sólidos e que ao escaparem pelo chão da feira desembocam no Rio Acarape que é continuação do Rio Pacoti e que atravessa as fronteiras da feira e a propriedade particular da família Muniz Rodrigues, “Engenho Livramento⁴⁶”, onde é fabricada a cachaça Douradinha instalada na fronteira da feira, ou mesmo quando outros animais à espreita aguardam um naco de carne para se alimentar, ou mesmo os vegetais apodrecidos e cascas viram lixo ao final da feira. Todos esses elementos que escapam dessa comercialização estão colados nesse trabalho como poeira, sangue e espírito; ossos, corpos e vegetais, e que nos chamam atenção para outros desdobramentos, uma vez apontado como parte das relações com esse modo de vida capitalístico que captura, identifica, segrega, classifica e elimina corpos, produzindo assim um modo de vida que acumula corpos adoecidos, corpos para serem exterminados, eliminados.

⁴⁶ “A Fazenda data de 1750 e teve como primeiro proprietário o português Simão Jurumenha, depois passou a pertencer ao Sr. Juvenal de Carvalho e hoje pertence a família Muniz Rodrigues já na sua 5ª geração.” Redenção, 22 de agosto, 2018. Facebook: Redenção, o teu nome na história. Disponível em: <https://www.facebook.com/148704721986749/photos/a.152601831597038/870570766466804/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

Levando em consideração principalmente que nossos trabalhos também produzem sobras, resíduos da pesquisa, materiais que escapam do processo de montagem, sejam textuais, sonoros e/ou imagéticos e que poderiam criar novas composições com outras produções artísticas e/ou acadêmicas, de maneira compartilhada.

Dessa maneira, estamos produzindo uma plataforma na web que junte todo material registrado e produzido nesta pesquisa, sem que tenha apenas o formato de um trabalho final a ser apresentado, mas contendo também as diversas materialidades da pesquisa, capaz de criar novos encontros, elaboração de novos trabalhos de maneira coletiva e que envolve outras pessoas interessadas. De modo que, essas materialidades da pesquisa possam promover coletividade e compartilhamento, criando novas composições e produções não apenas com texto, mas também com sonoridades e imagens.

Quando Pierre Verger desembarca na Bahia de todos os santos, em 1946, onde ficou por três anos perambulando com sua câmera *Rolleiflex*, registrando através da fotografia a cidade de Salvador, sobretudo os portos, as feiras, os ambulantes, a capoeira, o samba, o carnaval, os blocos afro, os/as trabalhadores(as) rurais, o circo, o frevo, os cultos afro-brasileiros. Esse trabalho que envolve imagens fotográficas foi transformado em um produto fílmico intitulado *Olhares Nômades*⁴⁷. Tomando por esse fazer nômade, que dialoga diretamente com a ideia de perambulação nos territórios da feira de Redenção, mas que não tem a pretensão de eleger apenas o olho, o olhar, nem tão pouco os olhares, como destaque a esse trabalho, inclusive para não cair na armadilha metodológica de fazer uso limitado que determina um mero olhar treinado e disciplinado do/da pesquisador(a), em que normalmente as escolas do campo das ciências sociais mais clássicas ensinam, treinam e disciplinam não apenas o olhar, mas todo um corpo-pensamento.

Tendo em vista que o olho, o olhar e olhares não estão descolados do corpo nem tão pouco o corpo separado do pensamento, como o pensamento moderno-cartesiano, o que estamos propondo neste trabalho é de aproximar um movimento nômade, de perambulação prático-teórico para o campo das sensações. Ou seja, um atravessamento entre redes e circuitos da feira que se dá na ordem dos afetos, e que nesse exercício só é possível através dos encontros, da forma mais ampla da palavra encontros. Tratando inclusive de encontros não como uma palavra apenas, mas como um conceito.

Sendo ainda mais radical, para além de uma mera observação de campo, do “ver, ouvir e escrever”; é preciso também fechar os olhos!

⁴⁷ DVD *Olhares Nômades* - Fotografias de Pierre Verger. Disponível em: <https://youtu.be/jzBxFsybm-k>

Quando a gente fecha os olhos a gente sonha. E isso aparece nas *rabiscagens*, que se atravessam com os sonhos em um encontro com os espíritos vegetais.

É preciso entender que os encontros promovem relações. Relações que são inseparáveis da vida, das práticas cotidianas, assim como a antropologia e os demais saberes quando se encontram produzem novos possíveis. O que faz com que as análises e registros escapem de uma investigação descritiva antropomórfica, de modo que a escrita etnográfica rompa com a autoridade monológica, citada pelo antropólogo James Clifford (1998), quando tensiona a ideia dessa escrita “autorizada” que “fala por” um determinado povo. O encontro nesse caso é composição, é falar com” propõe então nesse exercício uma ciência nômade, que perambula e que produz afetos, ao mesmo tempo que também é afetado.

Esses encontros dialogam e se aproximam com o território da feira, com os/as autores(as) que encontramos no meio do caminho, seja com os outros diversos saberes e práticas acadêmicos e não acadêmicos.

Embarcando no texto “etnografia não é método” (PEIRANO, 2014) a antropóloga lucida a emergência de novas pesquisas, numa recomposição a cada encontro.

“A emergência de novas pesquisas, sendo uma constante, deve nos levar a uma igualmente constante recomposição da antropologia, de quem somos, e do mundo como o entendemos. Se essa lição da antropologia for mais partilhada, teremos menos certezas, mais dúvidas e, com sorte, mais liberdade.” (PEIRANO, 2014)

Desse modo, podemos entender que os trabalhos etnográficos podem ser lidos como etnografias dos encontros, e que esses encontros podem produzir movimentos de composição e recomposição, à medida que esses encontros criam aberturas e aproximação com outros campos do saber, por exemplo. A antropologia contemporânea tem criado diálogos transdisciplinares com a biologia, a física, a química, a filosofia, as artes, e vários outros campos. Esses diálogos têm criado novas alianças entre bichos, plantas, montanhas, rios, sonhos, espíritos, etc. Alianças que abarcam as relações: humanos e inumanos, orgânicos e inorgânicos, visíveis e invisíveis.

A [etno]grafia como a escrita de um étnos, etno, étnico, *tecniconográfico* como se define ser a escrita do “outro”, neste trabalho não tem a pretensão de definir esses “outros” presentes na feira, ou mesmo falar por elxs, nem seu oposto, como uma escrita-espelho que fala de si (da/do antropóloga/antropólogo) de maneira interpretativa endereçando esse outro, como uma produção narcísica (primária ou secundária). Isso para citar o campo da práxis psicanalítica, que toma como base interpretativa o mito de Narcísio, roubado das mitológicas gregas para tratar seu aparato fantasmagórico-alegórico que paira sobre as engrenagens psicanalíticas ao tratar das relações-interpretativas que desembocam sempre no famoso complexo de Édipo, e que as etnografias podem correr o risco de caírem em um campo árido

das representações, armando seu próprio bote a partir da relação de uma escrita narcísica primária (nesse caso, simbiótica a feira) e narcísica secundária (na ruptura da relação primária se focando em uma produção da falta).

A etnografia neste trabalho faz torção a um mero significado etnológico, e lida como um tipo de cartografia que carrega a potência de produzir desvios, no sentido de poder criar caminhos desviantes que saltam do campo identitário e das representações interpretativas.

Assim, as etnografias dos encontros aproximam-se de um processo cartográfico. Uma cartografia dos afetos. Cartografia são mapas das conexões, um mapa dos encontros. Um mapa que traz em sua composição, não apenas marcações físicas, mas também existenciais.

A cartografia é também um encontro “do abraço experimental, das almas atentas, antenas entre si, entrelaçadas” como cantada na canção “Museu⁴⁸” de Chico César (2015), marcadas nesse processo de camadas e de povoamentos que entrelaçam as tramas que compõe com a vida. Esse exercício pode produzir outras posturas diante de uma lógica de dominação que “ainda tenta silenciar os índios, os caboclos, os pretos, os ciganos, as pombas-giras e todos aqueles vistos como estranhos por um projeto colonial amansador de corpos, disciplinador de condutas e aniquilador de saberes” (SIMAS, 2019, p.171). Nesse sentido, esse trabalho está atravessado a uma dimensão ética-estética e política.

A tendência moderna do conhecimento, que predomina no mundo acadêmico, científico e cultural, produziu através da representação um ideal ascético, cuja busca de uma verdade absoluta e transcendente com suas leis procede por universalização, modelização e julgamento. Este conhecimento, prolongado da divisão corpo e alma, provoca uma separação da vida, contrariando-a através da determinação de uma hierarquização de juízos e de valores moralizantes. Um conhecimento que, conforme Gilles Deleuze (s/d, p. 150) “dá à vida leis que a separam daquilo que ela pode, que a impedem de agir, mantendo-a no quadro estreito das reações cientificamente observáveis”. Conhecimento faz com a vida aquilo que o capital faz com a terra, especialmente a terra indígena: separa, priva, sentencia; inseparabilidade da ciência e do capital; insubordinação do pensamento em relação aos quadros da ciência.

O indígena e antropólogo, João Paulo Tukano, em seu trabalho intitulado *Wai-Mahsã: peixes e humanos - Um ensaio de Antropologia Indígena*, o autor apresenta um modo de vida Tukano, para além de narrativas míticas, através da relação entre humanos e não-humanos, escapando das interpretações antropomórficas e de como uma ciência moderna costuma tratar modos de vida indígena. “Para os Tukano, os peixes nunca tiveram, nem mesmo em sua origem

⁴⁸ Faixa 05 dos disco Estado de Poesia (2015). Disponível em: <<https://youtu.be/mloPl68oj1U>>. Acessado em: 14 de março de 2020.

mítica, condição humana. Pelo contrário, como veremos, sua gênese está quase sempre relacionada ao que é descartado: restos de madeira, objetos e ornamentos abandonados pelos wai-mahsã, as partes descartadas e podres do corpo humano etc.” (BARRETO, 2013).

No Colóquio Internacional, Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra⁴⁹, Donna Haraway (2014) anuncia: “Devemos compreender que para ser um, devemos ser muitos. Nos tornamos com outros seres”. Desse modo, a noção de uma ciência nômade propõe outras alianças, outros diálogos; devires que criam algumas alianças que dialogam de alguma maneira com a proposta deste trabalho.

Diferentemente da proposta antropológica em seus postulados enquanto disciplina, o que estamos tensionando com a antropologia contemporânea está na ordem dos encontros.

É fato que, o que a antropologia praticou e por muitas vezes ainda pratica questões extremamente problemáticas, principalmente quando se prestou e se presta a questões como: medições de crânios - métrica, dominação, espionagem, registros realizados ou colocados a serviço do Estado; a exemplo de Gregory Bateson, e tantos outros; como explicitado pelo Comitê Invisível (2016):

Da mesma forma que o surpreendente Gregory Bateson, antropólogo em Harvard, empregue pelos serviços secretos norte-americanos no Sudeste Asiático durante a II Guerra Mundial, amante refinado de LSD e fundador da escola de Palo Alto. Ou ainda o truculento John von Neumann, o redactor do First draft of a Report on the EDVAC, considerado como o texto fundador da ciência informática, o inventor da teoria dos jogos, contributo determinante para a economia neoliberal, partidário de um ataque nuclear preventivo contra a URSS e que, após ter determinado o ponto ótimo onde largar a Bomba sobre o Japão, não deixou mais de prestar diversos serviços ao exército norte-americano e à então jovem CIA. Estes mesmos, portanto, que contribuíram de forma nada negligenciável para o desenvolvimento dos novos meios de comunicação e de tratamento da informação após a II Guerra Mundial, lançando assim as bases dessa “ciência” que Wiener chamaria de “cibernética”. (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 87)

Outra questão se dá nesses escritos descritivos, em que normalmente são de cunho euro-ocidental-interpretativo, e que estão impressas nas diversas fases teóricas da antropologia. O movimento pós-estruturalista, ainda faz uma crítica ferrenha a essa relação hierárquica e de poder através dessa figura em que o(a) antropólogo(a) estava imbuído e o que essa presença acaba representando quando se faz presente nos diversos territórios: das pesquisas, e das produções etnográficas, principalmente enquanto uma escrita sobre “esse outro”. Essas produções geralmente partiram e partem de um pressuposto, de um referencial, de um monopensamento, eurocêntrico; como toda essas nomenclaturas que carregam um pensamento

⁴⁹ Em entrevista com Donna Haraway feita em 21/08/2014 por Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski e exibida no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra no dia 18/09/2014. Disponível em: <https://youtu.be/1x0oxUHOIA8>

ocidental (homem branco, cis, heterossexual, cristão, etc.) para definir os povos não brancos⁵⁰, normalmente lida a partir desse referencial monocêntrico, para balizar as relações através da ciência moderna por comparação, classificação, definição e segregação de povos, sobretudo na África, Ásia e América Latina, o que bem conhecemos em diversos clássicos etnográficos com esse viés agarrado a uma ideia de evolucionismo cultural, na figura do “nativo”, em que esse “outro” em uma leitura-interpretativa pelo antropólogo(a) era denominado como: o incivilizado, o selvagem, sem cultura e sem alma, entre outras nomenclaturas reducionistas, o que corroborou com o processo colonial-civilizatório de dominação a esses povos.

Como aponta Viveiros de Castro:

(...) supor que todo discurso “europeu” sobre os povos de tradição não europeia só serve para iluminar nossas “representações do outro” é fazer de um certo pós-colonialismo teórico a manifestação mais perversa do etnocentrismo. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.21)

Uma marcação importante para que não seja feita uma leitura apressada e/ou ingênuas, como se eu estivesse tentando dizer que depois que a antropologia faz uma crítica a si mesma, revisitando seus processos desde os primórdios, ela teria abandonado tais práticas coloniais.

O fato que quero chamar atenção nesse momento introdutório é para o perigo da interpretação, em que esta está diretamente ligada ao campo das representações e das identidades, e que estas práticas são sobreviventes e se fazem presentes em muitos dos trabalhos etnográficos, por muitas vezes de uma maneira atualizada, “mais aprimorada”, para parafrasear com o cineasta baiano, Glauber Rocha (1965) quando escreve em seu manifesto intitulado Uma Estética da Fome, “o que diferencia o colonialismo de ontem do atual é apenas a forma mais aprimorada do colonizador”. Dessa maneira, o ponto chave para esse trabalho é trazer o encontro como conceito torcido, de modo diferente, capaz de produzir diferença e não reprodução e/ou interpretação das relações. O encontro é o que dá movimento para uma ciência nômade, uma antropologia mutante e imagens ambulantes, no sentido de uma antropologia em constante transformações a cada encontro. Encontro como conceito potente que atravessam povos e povoamentos heterogêneos. Uma etnografia como uma cartografia dos encontros, uma antropologia dos afetos. O que poderemos realizar um trabalho mais demorado em um outro momento sobre uma perspectiva de um devir da antropologia; superfície e horizontalidade x hierarquias e segmentações; multiplicidade x alteridade, etc.

Assim, a pergunta que emerge nessas relações plurais que envolve saberes e práticas orgânicas, no sentido das confluências (pinçado da geografia para indicar o encontro de rios de

⁵⁰ Como o xamã yanomami, Davi Kopenawa chama os povos da mercadoria, em seu livro escrito em parceria com Bruce Albert intitulado, A queda do céu.

diferentes proveniências), apontado pelo mestre quilombola piauiense, Nego Bispo (2015), se tratando de saberes e práticas contra-coloniais ⁵¹, que são relações compartilhadas de maneira mais ampla, em um atravessamento com modos de vidas diversos, uma bio-interação, como ele costuma chamar em suas palestras, para tratar da relação entre humanos e inumanos, o que estou chamando de eco-potências⁵² ao longo deste trabalho como uma tentativa de escapar de um tão somente corpo biológico.

A pergunta que move inicialmente este exercício que se dá no bojo desse trabalho e que se passa nas diferentes camadas de relações na feira-livre no centro de Redenção é: - Que afetos atravessam esses territórios, e, que relações são produzidas quando a antropologia se encontra com... a arte, a filosofia e a ciência? No âmbito da produção disciplinar de conhecimento; pois os audiovisuais ultrapassam com sobra estas questões na medida em que sugerem relações com outros conceitos (devir e *necro*, por exemplo), que forçam a pensar a forma predominante de vida e suas atualizações.

Nesse trabalho que evocamos o encontro da antropologia, com a arte, com a filosofia e com a ciência, como um modo de criar novas alianças de saberes e práticas diversas, e estas enquanto estéticas que dialogam diretamente com os modos de vida plurais, em que esses campos de saberes não estão subordinados ou hierarquizados pela antropologia, por se tratar de uma pesquisa antropológica. Desse modo, este encontro aponta para as diversas camadas em que o encontro da antropologia com outros saberes e práticas deslocam um campo controlado essencialmente antropológico e que sofrem interferências a partir dos encontros criando novas relações.

Quando estamos trazendo uma antropologia dos encontros; com a arte, com a filosofia e com a ciência, nesse primeiro momento, não estamos querendo enquadrar e/ou adaptar a arte na antropologia, a filosofia na antropologia e/ou a ciência na antropologia, como de praxe é sabido nas nomenclaturas já estudadas nos subgrupos da antropologia como: a antropologia da arte, a antropologia da filosofia, e/ou a antropologia da ciência.

Na realidade estamos fazendo do encontro uma possibilidade de composição com saberes e práticas diversas e produzindo o que podemos arriscar de uma maneira muito amistosa dizer, que os encontros produzem viradas, giros e torções, criando conexões com os diferentes

⁵¹ Nego Bispo trata desse conceito para denominar povos que na prática marcam um processo de lutas e que resistem até hoje aos golpes de um projeto civilizatório-colonial desde o período de invasão europeia nos territórios pindorâmicos (visão afroamerídios) que é batizado pelos colonizadores portugueses de terra brasilis.

⁵² São forças capazes de transitarem entre as fronteiras, promovendo composições, encontros, misturas, entrelaces e conexões com mundos diversos, uma relação pluriverso, nas confluências entre humanos, bichos, plantas, montanhas, rios, sonhos, espíritos, fungos, bactérias, etc... (ação de comunidade).

modos de vida, e que potencializam saltos desse campo interpretativo que paralisa o movimento para um plano das confluências, no qual alguns autores e algumas autoras estão chamando de imanência, colocando as relações em movimento transversal com um(a) antropólogo(a)-artista, um(a) antropólogo(a)-filósofo(a), um antropólogo(a)-cientista.

Isso para dar um contorno mínimo como exemplo desses encontros possíveis.

Os encontros não estão na ordem dessa organização palatável, quase que matemático que se somam e que criam na linguística clássica um lugar confortável de dizer o que significam os encontros. Como da geometria se tratando dos conjuntos que nas intercessões acomodam o pensamento, em que o conjunto $A+B$ é igual ao elemento C que é resultado de uma soma dos elementos $A+B$. O exemplo também não descarta essa possibilidade de compor com o mundo dos conjuntos e/ou híbridos, mas de provocar uma saída de tudo aquilo que acomoda, seja os sentidos mais cognitivos como os das sensações que difere das cognições, das combinações esquemáticas que acabam caindo sempre no campo da semiótica para interpretar um fenômeno.

Estamos trazendo esse pensamento introdutório para pensarmos de maneira rizomática, e não à toa pinçado da botânica para dialogarmos para além de um pensamento demasiadamente humano, pois, uma vez que os encontros carregam mundos diversos, os encontros sempre serão encontros de encontros. Ou seja, os encontros carregam mundos, compartilham mundos, atravessam mundos e criam mundos.

Aproximando-se com a ideia de cosmopolítica cunhado por Isabelle Stengers (2018), que tem juntado os/as antropólogos(as) da ciência e os/as antropólogos(as) que trabalham com povos indígenas e não ocidentais de modo em geral, a autora aponta a cosmopolítica com uma tentativa de politizar um fazer científico, de modo que fazer ciência é construir mundos, em uma nova aliança entre saberes, ecologia das práticas e como forma de experimentação ética.

Conforme o pensamento indígena impresso por Ailton Krenak (2019) no livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, em que este pensador-indígena faz uma relação com o cosmos, capaz de produzir nesse encontro, diálogos, ecos e ressonâncias indiretamente com o pensamento exposto por Stengers (2018) sobre a ideia de *cosmopolítica*, Krenak (2019), diz: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.”. Nessa mesma pegada, com Krenak, podemos traduzir como povos confluentes, os povos agarrados na terra, que “são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes...”. Desta feita, este exercício imprime uma composição dos encontros entre as “bordas do planeta” em que se encontram a feira-livre, no centro de Redenção-CE.

Quando Deleuze e Guattari (1972) escreveram o anti-édipo a dois, disseram: “Escrevemos O Anti-Édipo a dois, mas como cada um de nós eram vários, já era muita gente”. Se fossemos pensar no percurso dessa pesquisa que se deu em diversos outros encontros até chegarmos nos encontros com a feira-livre em Redenção – CE, que também é um território de uma multiplicidade, a-cêntrica, relação com o infinito e com o inconsciente, agenciamentos têm limites territoriais moventes (dimensões e natureza diferentes nos devires), poderíamos assinalar minimamente entendendo que o encontro opera por contato e contágio, como foi o caso do meu encontro com a UNILAB, com o curso interdisciplinar em humanidades (BHU), o com antropologia na UNILAB, com a cidade de Redenção no Ceará, com o centro da cidade de Redenção, com o centro da a cidade de Redenção, com a feira-livre que acontece todo domingo nesta mesma cidade.

5. FEIRA-RÉQUIEM, FEIRA-MUNDO

Estamos vivendo em pleno cenário pandêmico, em que o vírus da COVID-19 já tirou milhões de vidas humanas no Brasil⁵³ e no mundo.

No ano de 2020, fomos pegos de assalto, em pleno pós-carnaval, com a presença de um novo vírus que se espalhava rapidamente pelo mundo e que acabou desembarcando também no Brasil.

Muitos de nós, humanos, nos encontramos confinados, exilados em casas, tabancas, aldeias, florestas, nos quilombos, nas periferias, em apartamentos, palafitas, barracões, debaixo de marquises, pontes e papelão. Entre territórios urbanos e rurais, em isolamento social; distanciados uns dos outros.

Um quadro pandêmico foi anunciado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), no início do ano de 2020, o que paralisou diversas atividades humanas.

Aproximando-se do nono mês desde que começou a explodir a pandemia, no Brasil já se somaram mais de 173.862 mortes por Covid-19 e mais de 6.388.526 casos confirmados de infectados. Entendendo que estes são números que se trata de subnotificações, os números reais

⁵³ Situação do Brasil hoje: 632.720 mortes e 26.605.137 casos conhecidos. Dados retirados do Consórcio de veículos de imprensa, uma parceria inédita entre G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo e UOL. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>.

podem ser ainda maiores. A fonte dessas informações faz parte do consórcio de veículos da imprensa⁵⁴ no boletim das 20h do dia 01 de dezembro de 2020.

Os números são ainda mais assustadores quando observamos um panorama da morte pelo mundo, por COVID-19. O site da WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard⁵⁵ imprime em forma de dados esses corpos numéricos.

Foi decretado o fechamento de lugares com aglomeração. Entre um decreto e outro, a feira foi um dos primeiros lugares a ser interditado. Contudo, a feira enquanto campo de pesquisa deste trabalho teve que ficar em suspensão temporariamente, haja vista que a feira havia desaparecido do centro de Redenção. *Lockdown* decretado pelo governador, em todo o Estado do Ceará.

Essa sessão está marcada por um quadro pandêmico que assola nosso planeta com a presença do Coronavírus (COVID-19); período que marca um lapso nesse trabalho e de uma certa suspensão da Feira.

Estamos tendo que nos adaptarmos à novos comportamentos; de higienização e desinfecção de tudo que é produto levado para dentro de nossas habitações; o uso de máscara (quase como parte do corpo fixado ao rosto cobrindo o nariz e a boca), entre outras situações. Isolamento e distanciamento social, a não circulação de pessoas pelas ruas, o medo de recebermos visitas ou de visitarmos alguém por muito tempo provocou uma certa insegurança de contato com as pessoas.

Todos os dias tem ocorrido milhares de mortes pelo mundo. Em pouquíssimo tempo a morte se tornou algo hiper-naturalizado entre as sociedades humanas, principalmente com as overdoses de imagens através de noticiários de todos os lugares do mundo que anunciavam incessantemente os rastros de morte no mundo, causado pelo Coronavírus (COVID-19). Corpos-números que representam apenas mais um valor estatístico que estampavam uma banalização da vida nesse período de pandemia.

Depois de alguns meses sem ter contato com as ruas da feira, decidir caminhar um pouco mais, entre as ruas do centro de Redenção.

Meu percurso normalmente era muito curto nesse período (primeira onda pandêmica): de casa para o supermercado, do supermercado para casa (um movimento de poucos metros

⁵⁴ Consórcio de veículos de imprensa, uma parceria inédita entre G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/01/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-1-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>

⁵⁵ Mundo: 62.844.837 casos confirmados, 1.465.144 mortes. Disponível em: <https://covid19.who.int/>

nesse trajeto que normalmente fora condicionada a uma rotina semanal). No máximo até um banco ou outro comércio em caso de extrema necessidade.

Nesse período eu tinha mudado provisoriamente do bairro do Conjunto Antônio Bonfim⁵⁶, para o Centro de Redenção, há poucos metros do circuito da feira. Assim, eu não precisaria ficar circulando pela cidade por muito tempo, correndo o risco de ser infectado e/ou infectar alguém caso fosse infectado. Quanto menor o tempo de exposição e circulação na rua, mais aliviado eu me sentia.

Caminhando pelas ruas da feira, principalmente da parte da Baixa da Feira, me deparei com um circuito em ruínas. Uma obra mal-acabada no barracão da feira sinalizava a construção de algo novo, mas que aparentemente imprimia uma feira em demolição. Urbanização/ segregação/ novas condições para expositores. Novas ocupações surgiram durante aqueles meses iniciais da pandemia. Com a ausência humana nesse território da feira foi possível perceber a presença de outros viventes. Principalmente a forte presença vegetal que explode entre os concretos entre as novas obras mal-acabada na Baixa da Feira.

Estaremos andando pelos escombros desse território em demolição em um diálogo com outros territórios, fazendo contato com os outros modos de vida que resistem a esse colapso em que nos encontramos agora.

“As paisagens globais de hoje estão repletas desse tipo de ruína. Ainda assim, esses lugares podem ser animados apesar dos anúncios de sua morte; campos de ativos abandonados às vezes geram novas vidas multiespécies e multiculturais. Em um estado global de precariedade, não temos outras opções além de procurar vida nessa ruína” (TSING, 2019, p.07)

Os espíritos vegetais estavam criando novas conexões, novos arranjos, sem nenhuma intervenção do homem, a vida vegetal estava povoando aquele circuito da feira. O que era impossível para os corpos humanos ocuparem, os corpos vegetais cresciam e se comunicavam livremente, sem nenhum tipo de ameaça no qual pudesse comprometer sua existência, a não ser a própria intervenção humana. Como diria Ailton Krenak:

“Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise.” (KRENAK, 2020, p.05)

Um mundo globalizado de catástrofes e desigualdades que não nos cabe mais, uma vez que este mundo é consumido a cada dia por uma máquina aniquiladora de existências. Os *humanóides* deixaram sob a pele de Gaia uma camada sem vida.

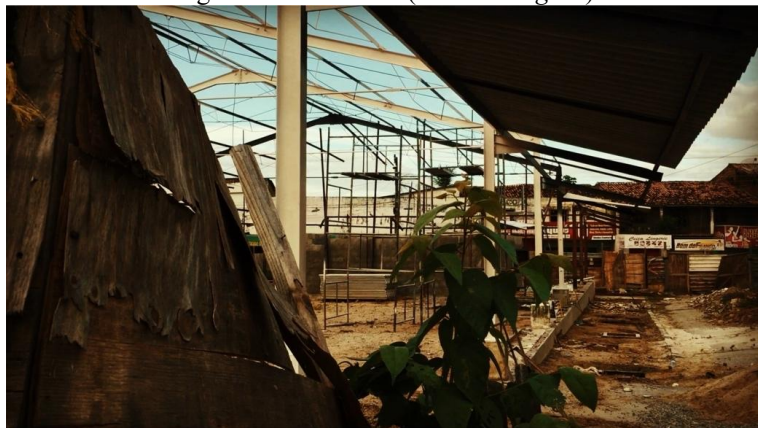
⁵⁶ Bairro de Redenção, em que eu levava aproximadamente 15 minutos caminhando a pé até o centro da cidade.

Figura 20 – Barracão (Série *Feiragens*)

Fonte: Imagem do autor. (2020)

Figura 21 – Barracão (Série *Feiragens*)

Fonte: Imagem do autor. (2020)

Figura 22 – Barracão (Série *Feiragens*)

Fonte: Imagem do autor. (2020)

A Terra se transforma em um grande latifúndio de exploração, dominação e eliminação, que acumula, engole e digere corpos humanos e inumanos. Essas ações humanas imprimem uma camada de morte sobre o planeta, o que algumas autoras e autores contemporâneos estão chamando de Antropoceno, o que Donna Haraway (2016) acrescenta outras variações que estão

implicadas, nesse conjunto de ações e efeitos causados pelo humano no planeta, como: Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno.

Estamos desabrigoando um mundo que teve como política um projeto de extermínio a outros modos de existir. Enquanto em fitas de *videotapes* a imagem sonora que reverbera é daquela voz grave gravada de Arnaldo Antunes dizendo: Isto Não É Um Poema⁵⁷ é apenas um Manifesto, um desabafo.

Entre contatos e contágios, vírus e informações, pandemia e infodemia estamos cercados de epidemias onde o real resiste⁵⁸, “é só pesadelo, depois passa”. Essa máquina operacionalizada pelas grandes incorporadoras, as multinacionais, banqueiros e empresários que devoram o planeta. Como nas imagens do vídeo *Feiragens*: morte que corta, pesa, compra, vende, descarta... linha molecular que reproduz e realimenta a linha molar.

Nesse emaranhado complexo, o que mais tem sido noticiado nos últimos dias, além das consequências da pandemia pelo mundo, são as notícias sobre mudanças climáticas, as elevadas temperaturas no planeta, o degelo das calotas polares. Mas não são apenas mudanças, são, sobretudo, catástrofes de várias ordens.

“Para os neoliberais o discurso da crise é um duplo discurso – eles preferem falar, entre si, de “dupla verdade”. Por um lado, a crise é o momento vivificante da “destruição criadora”, criadora de oportunidades, de inovação, de empreendedores, em que só os melhores, os mais motivados, os mais competitivos sobreviverão. “Talvez seja no fundo a mensagem do capitalismo: a “destruição criadora”, a recusa de tecnologias obsoletas e de velhos modos de produção em proveito de novos é a única forma de elevar os níveis de vida.” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 18)

As imagens e vídeos diários que circulam nas redes sociais, denunciam florestas incendiadas, indígenas, quilombos e outros povos ceifados pelos acordos que beneficiam a presença e a ampliação do agronegócio, evidenciam mais assassinatos, mais destruição das diversas espécies de viventes, incluindo as vidas microscópicas que também coabitam este

⁵⁷ “[...] e “não existe amor em SP” ou “no coração do Brasil” fraturado nesses dias brutos de coturnos xucros a chutar a cara de quem ama arte cultura educação liberdade de expressão diversidade cidadania solidariedade democracia mas não se dá a mínima o que importa é se subiu a bolsa caiu o dólar se todos vão prosseguir seguindo docilmente para o abismo nessa insanidade coletiva em que o Brasil nega qualquer Brasil possível cega qualquer futuro possível e o ódio o horror e o ódio e nada que se diga faz sentido mais para quê expor na cara desses caras a palavra explícita (gravada em vídeo e repetida, repetida, repetida) do seu “mito” dizendo “eu apoio a tortura” “eu defendo a ditadura” “eu vou fechar o congresso” “não servem nem para procriar” “não te estupro porque você não merece” “a gente vai varrer esses vagabundos daqui” “o erro foi torturar e não matar” “viadinho tem que apanhar” etc etc etc etc etc e tudo mais que repete incansavelmente há anos ante câmeras e microfones para quê mostrar de novo e de novo o mesmo nojo se é justamente por isso que o idolatram? e sempre haverá os que vêm disfarçar dizendo: “estamos entre dois extremos” “sim, mas veja a Venezuela” “é para acabar com a corrupção” “nós queremos segurança” ou “não é bem assim...” enquanto constatamos cada vez mais que sim, é assim mesmo, é assim que é...”. Isto não é um poema, Arnaldo Antunes, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/eusBEkn2ABQ>. Acessado em: 14 de março de 2021.

⁵⁸ Trecho da Música, O real resiste, Arnaldo Antunes, 2020. Disponível em: https://youtu.be/wx_Pd-rpEhc. Acessado em: 14 de março de 2021.

planeta, esse amontoado de denúncias evocam um “choro da natureza”; como entoado no poema da escritora moçambicana, Paulina Chiziane (2018): “E onde estão as outras florestas? Foram destruídos. Assassinadas. Substituídas. Os altares naturais deram lugar às florestas comerciais. Desgraça. O planeta devastado chora lágrimas de fogo.” (p. 111-112). Lágrimas que se somam à quantidade de poluição nos oceanos por contaminação, testes nucleares, vazamento de petróleo e materiais radioativos; dentre tantas outras catástrofes mortais provocadas por humanos que vem deixando uma espécie de camada cancerígena sobre a epiderme de Gaia.

“O Antropoceno marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios. Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios.” (HARAWAY, 2016, p.139 – 140)

Esses atravessamentos proporcionam também o encontro com um apanhado de autores, artistas e suas produções, capazes de dar movimento ao pensamento, problematizando o modo de vida capitalista, que caminha em direção a uma ideia de progresso e desenvolvimentismo a partir do consumo e da ordem, consumindo e triturando corpos, carne, sangue e ossos de (sobre)viventes.

Em um processo de muita luta, mas também de luto e uma tristeza que também precisa ser sentida, mesmo quando nos faltam entendimentos. Dessa maneira, entendemos luto e luta como verbo, que se conjugam em movimento, matéria de potência para exercitar o pensamento diante de um mundo em pedaços.

Outro dia observei um cartaz pendurado na parede de um palestrante, em uma dessas centenas de *lives* que a gente consome todos os dias. No cartaz estava escrito, “lute como que sonha” me perdi bastante na fala daquele filósofo prestando atenção naquele cartaz e lembrando da fala do xamã Yanomami, Davi Kopenawa (2016), no livro *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*, que diz, “os brancos dormem muito, mas só conseguem sonhar com eles mesmos”. Os brancos, nesse plano, se referem aos humanos que partilham desta ideia de humanidade-civilizada-moderna, ocidentalizada e sobretudo etnocêntrica, vivendo substancialmente no “mundo da mercadoria”.

Em “Ideias para adiar o fim do mundo”, Krenak (2019), faz diversas colocações sobre os binômios inventados pela modernidade, em que o mundo é dividido por: civilizados e não civilizados, humano e natureza, humano e sub-humano. Essas questões, estão atravessadas a esse conjunto ficcional que temos como uma ideia de humanidade, que é uniforme, e, que em

grande medida se deram nesse projeto civilizatório, extremamente predatório e disciplinador, e, que é contínuo na medida em que passa por novas atualizações. O indígena nos provoca a pensarmos: “somos mesmo uma humanidade?”. Essa pergunta coloca o pensamento em movimento, um movimento em que o pensamento não está descolado da vida. Dessa maneira, saberes e práticas se encontram, e se aproximam de um pensamento-vida, onde é possível compor com outras realidades, outros mundos e até de criar novos mundos possíveis, em que “Tudo é natureza”. O cosmos é natureza” (KRENAK, 2019, p.10).

Esses dias visitando o site do ABIP⁵⁹ para acompanhar as notícias referente ao “Acampamento Terra Livre”, em que está implicado a tese do “marco temporal” os povos indígenas através de manifestações e mobilizações vêm dizendo: “Nossa história não começa em 1988!”. Através do Manifesto Luta pela Vida⁶⁰ esses povos reafirmam:

“Somos filhos da Terra! E a Terra não é Nossa, somos nós que fazemos parte dela. É o útero que nos gera e o colo que nos acolhe. Por isso damos a Vida por Ela. Na nossa tradição nunca houve essa história de regulamentar quem é ou não é dono da terra, pois a nossa relação com ela nunca foi de propriedade. A nossa posse é coletiva tal qual é o usufruto. É esse o fundamento basilar da nossa existência, que a ignorância da cultura da dita civilização ocidental não entende, mesmo após 521 anos.” “[...] em um mundo doente e enfrentando um projeto de morte, nossa luta ainda é pela vida.” (ABIP, 2021)

Imaginem então a cena da tragédia em Brumadinho e Mariana. Daquela anta queimada à beira de um rio e as centenas de milhares de espécies que desapareceram nas chamas do Pantanal e entre as outras queimadas. O vazamento e derramamento de petróleo na costa brasileira, o assassinato de George Floyd, transmitido ao vivo; um homem negro asfíxiado e morto brutalmente após um policial branco pressionar com o joelho por quase nove minutos sobre o pescoço de Floyd, que disse por mais de 20 vezes “não consigo respirar”.

Os mais de 4 milhões de mortos⁶¹ humanos no mundo pelo Coronavírus (COVID-19), povos indígenas que são brutalmente assassinados há mais de 500 anos, os corpos pretos e periféricos que são executados diariamente por essa política de extermínio. Do *Black Lives Matter* (vidas negras importam) ao *Acampamento Terra Viva* (ATL 2021).

Porque essas vidas não causam minimamente uma comoção nacional?

Podemos então pensar essa experimentação, como uma flecha lançada no tempo, como uma relação de alianças entre-espécies durante esse período de pandemia e de confinamento em que, atualmente, estamos vivenciando. A proposta então seria a de encontrar possibilidades

⁵⁹ Articulação dos Povos Indígenas do Brasil.

⁶⁰ A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Luta pela Vida. Disponível em: <https://apiboficial.org/luta-pela-vida/>

⁶¹ Dados coletados do Site: World Health Organization. Disponível em: <https://covid19.who.int/>

de encontros, a partir de composições com a vida cotidiana, um pensamento-vida, que encontra diálogo com as diversas situações urgentes que estamos vivenciando neste período de exílio.

Evocado por quem perdeu um irmão em meio a esse momento de pandemia e exílio, esse desterro convocou a humanidade ao isolamento e ao distanciamento, e, que nesse presente, nos encontramos entre esquinas e becos virtuais, em imagens *mosaiquiadas* com bordas fixas que mais parecem cercas geométricas que dividem e individualizam corpos e corpos virtualizadas; dessa experiência real-artificial operacionalizado por estas tais inteligências artificiais.

Quantas pessoas nessa pandemia morreram sem conseguir respirar?

Meu irmão foi uma dessas vidas interrompidas abruptamente.

Não estou falando de morte apenas por contaminação do Coronavírus (COVID-19), mas também outras diversas vidas que foram asfixiadas.

Fico pensando nas palavras de Krenak (2020), quando ele pensa com a obra, *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*, de Michel Foucault (1999), no qual afirma que essa sociedade de mercado em que vivemos só considera o ser humano útil quando está produzindo. “[...] ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer.” (KRENAK, 2020, p. 08).

Em meio às imagens que circularam nesses últimos dias nas redes-sociais, do temporal em Nova York, - que já declarou estado de emergência. Uma avalanche de águas que adentraram as estações de metrô em NY, imagens desse último terremoto no Haiti que deixou um rastro de mais de mil mortos. Aquecimento global que assola o mundo em ondas de calor beirando os 50 graus no Canadá, marcam algumas catástrofes nesses últimos meses.

“O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio.” A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento.” (KRENAK, 2020, p. 07)

O mundo catastroficamente vem mudando sua paisagem; paisagens sonoras, sons de um mundo em erosão, paisagens em seu campo mais profundo e complexo de entendimento. Assistimos uma onda de refugiados, dentre esses, os refugiados climáticos, enquanto o mundo cada vez mais se parece um grande acampamento fincado sob solos inférteis e áridos do esquecimento.

Terra sugada, extraída, violada e violentada.

Uma terra improdutiva e sem vida.

É gado, é soja, é o fim do caminho...

É agro, é pop! Deu no intervalo comercial...

Mais veneno na terra e no prato, mais Pata de Boi⁶² e trator movido a energia fóssil sob a epiderme de Gaia. É garimpeiro, grileiro e mais um banqueiro investindo em doenças, drogas e armas. É feijão que some do prato para um corpo cheio de bala. E tudo isso está longe de se pensar apenas em vida e morte Severina. A realidade se apresenta bem pior que a Geografia da Fome⁶³ de Josué de Castro (1946) cercado pelas fronteiras da lama da Vale, um vale de lama e lágrimas.

“Nada de sociedade, portanto, mas sim mundos. (...) Não há nenhum céu social acima de nossas cabeças, o que há é apenas nós e o conjunto de laços, de amizades, de inimizades, de proximidades e de distâncias efetivas que experimentamos. Não há nada senão vários nós, potências eminentemente situadas e sua capacidade para estender as ramificações no seio do cadáver social que se compõe e se recompõe sem parar”. (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.133)

A Terra é agora um lugar inabitável, ou vamos correr para tentarmos nos segurarmos na asa ou em alguma parte de algum avião, como os afegãos?

E não querendo minimizar as problemáticas envolvidas dessa tripulação em que não vemos sequer uma mulher ou crianças nessa corrida por uma sobrevivência possível, será que mulheres e crianças já despencaram dessas aeronaves antes mesmo de chegar ao aeroporto de Cabul?

Colonização de Marte ou a morte da morte?

A pergunta que agora é disparada para esse exercício, parte da seguinte implicação:

- Aonde há vida nisso tudo?

Em “Kafka: Por uma literatura menor”, Deleuze e Guattari (1997) extirpam a arte e a escrita do controle das representações que são interpretativas, apontando a potência de transformação, potência revolucionária a partir da literatura política e experimental de Kafka. Não como metáfora, mas como uma metamorfose. Uma máquina literária menor, que produz desvios e revides a esse modo representativo subordinados pela linguagem.

A linguagem visa submeter os outros modos de expressão aos regimes semióticos e às regras interpretativas para decifrar mensagens e/ou sobrecodificar a vida,” fixando referentes através da representação, a fim de garantir o equivaler generalizado e suas sobrecodificações capitalísticas (GALLICCHIO, 2011, p. 89). Assim, a literatura experimental e política Kafkiana é uma máquina de guerra que cria abertura para novos possíveis.

⁶² Referência ao documentário, **Sob a Pata do Boi**. Trailer disponível em: <https://youtu.be/fMwfsILKW70>

⁶³ Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Livro por Josué de Castro (1946)

Apontar a possibilidade de uma antropologia menor (minoritária), não se trata de diminuí-la, mas de indicar sua potência de desvio em relação ao modelo que se estabelece por meio da representação. Viveiros de Castro (2015), em seu livro “Metafísicas Canibais” quando se refere a uma antropologia como uma ciência menor, se refere a essa potência de desvio e reverde com relação às ciências maiores.

A experimentação enquanto um exercício prático-teórico dessa antropologia menor; nesse exercício com a feira possibilitou nos aproximar através dos encontros com saberes e práticas diversos, encontros de encontros e entre encontros.

O que cabe nos encontros?

O que pode produzir essa relação dos encontros?

Na relação com o trabalho e a alimentação foram dois pontos estratégicos para pensarmos inclusive os movimentos:

O trabalho como feira, o trabalho como pesquisa.

Do trabalho da feira/ na feira/ e com a feira.

Do trabalho de pesquisa/ da feira/ na feira/ e com a feira.

Dos/das trabalhadores(as) da feira/ na feira/ e com a feira.

Dos/das trabalhadores(as) da pesquisa/ na pesquisa/ e com a pesquisa...

Alimentação como alimento da feira; alimentação como alimento da pesquisa; alimentação como alimento do/da pesquisador(a). Alimentar-se com a feira; alimentar-se da feira; ser alimento da feira.

Trabalhar e alimentar-se com a feira, não é fazer da feira um lugar de significados, decodificados, decifrados, e sim promover uma inversão com a feira. Contato e contágio com esse território-feira é impregnar-se, contaminar-se com esse território, como um vírus, revertendo sua potência letal para a criação de uma “máquina-de-guerra” contra-colonial que ao invés de produzir morte é capaz de produzir vida, isso seria inverter a lógica capitalística que insiste em um projeto de morte. Inversão não significa dizer que existem dois lados de uma mesma moeda, isso seria um jogo perverso para controlar as relações de poder; a partir das identidades (no campo das representações), sem perder a centralidade. O centro é sempre um ordenador que padroniza e unifica os corpos. Escapar dessa monocultura é trazer a ideia de uma policultura, e desse modo não significa dizer que uma policultura seja um outro modelo central, nem como uma nova identidade, nova representatividade que reivindica uma policentralidade.

A ideia de centro sempre irá operacionalizar por um conjunto de regras e moralização que excluem corpos e eliminam corpos, por isso, não nos interessa o centro e as centralidades, e sim as descentralizações.

Com o processo de desaparecimento da feira durante a pandemia, principalmente na primeira onda, em que a feira não pode funcionar devido o decreto municipal e estadual que atendia as normas da Organização Mundial da Saúde (OMS), foi possível se dar conta de outras ocupações, que já estavam presentes na feira; o tempo todo, mas que nesse período de invisibilidade da feira enquanto estrutura física ganhou ainda mais destaque, e o que estou chamando de invisível-visível e que também acaba povoando este trabalho, inclusive através dos sonhos, que é um entrelace com as *rabiscagens*, e que podemos entender sobre a presença dos espíritos vegetais. Essa noção vem sendo construída a partir do evento da pandemia, através da presença de um vírus (COVID-19) de alta letalidade aos humanos.

A presença de um organismo microscópico, de como um vírus é capaz de contaminar corpos humanos, adoecer e fazer morrer. O que faz com que somente manifestada uma doença no corpo é capaz de se tornar parte desse corpo a ponto de fazer com que uma espécie microscópica (invisível) se torne presente (visível) a partir de um quadro sintomático de um corpo adoecido.

Passamos por uma primeira onda e agora se aproxima uma segunda onda de contaminação. No mundo capitalístico atual e global, um cenário pantanoso e movediço paralisa, mas também ganha outras velocidades; diminui e restringe os encontros físicos; acelera e incita/investe nos contatos digitais (intensifica o controle e a subjetivação). O limite é uma espécie de brinqueado sádico nas mãos de uma elite que tensiona os sujeitos sub-humanos, provocando uma razão, em escala exponencial em que a economia é majoritariamente prioridade, e a vida é algo secundário nesse projeto. Nesse mundo competitivo e hierárquico, que segrega e elimina; onde carne, ossos, sangue e espíritos são colocados em máquinas de triturar existências, esgotamento, até a morte. Comportamentos e assujeitamentos de um corpo-capitalístico, que investe no próprio corpo, como o único bem que lhe resta.

Nessas superfícies de virtualidades presentes nos *corpos-cyborg's*, de humanos modificados por um hibridismo tecnológico, e cada vez mais modificados pelas novas ferramentas tecnológicas; aparelhos, próteses, chips, inteligências artificiais e avatares que capturam o comportamento humano, por imitação e modelam essa figura do *cyber-humano ultramoderno*.

Na aridez dos afetos, pegadas do antropoceno; num mundo pantanoso, envenenado, contaminado, se aglutinam aos algoritmos que produzem através das grandes corporações a relação de consumo e morte. Nessa relação numérica fabricam-se emoções, subjetivações que neutralizam os devires e as intensidades.

humanos mortos por esse novo vírus. Máquinas de morte, que invadem a floresta e engolem vidas humanas e inumanas. Estarmos trancados em nossos cubículos o cheiro de morte que se espalha pelo mundo fica distante; parece não nos afetarmos, e me parece que já estamos contaminados há muito tempo.

A morte, e o cheiro da morte, pegadas de morte que nos atormentam, rastros de guerra, sangue que escorre das periferias no/do mundo. Enquanto os rumores de guerra na Ucrânia enquanto escrevo parece estar cada vez mais próximo.

A prioridade é atender a agenda neoliberal; é o que está na ordem do dia. Há cheiro dos corpos mortos, humanos e inumanos, parecem estar tão distante como a fumaça da morte que escapava das chaminés nos fornos alemães instalados em campos de extermínio nazista, e assim, diante de um mundo inodoro e insípido, onde milhões de humanos contaminada pelo COVID-19 perderam o olfato e o paladar; a cegueira coletiva é anunciada por um glaucoma social, fazendo com que os humanos vivenciem uma paralisia mental, ambiental e social que precisa urgentemente serem discutidas; de modo a criar e inventar novos mundos possíveis.

Para o povo yanomami, o cheiro de morte vem da “fumaça do metal” que é também chamado de “fumaça do minério” e que são todas as mesmas fumaças da *xawara*⁶⁸.

Na cosmogonia yanomami, *Omama*⁶⁹ escondeu debaixo da terra o ouro e os outros minérios para que não fossem tocados, uma vez que esses minérios poderiam despertar coisas terríveis e espalhar doenças e mortes. Foi por esse motivo, que *Omama* escondeu esses minérios debaixo da terra e ensinou os yanomami que nunca deveriam ser retirados.

Agora sabemos de onde provém essa fumaça maléfica. É a fumaça do metal, que também chamamos de fumaça dos minérios. São todas a mesma fumaça de epidemia *xawara*, que é nossa verdadeira inimiga. *Omama* enterrou os minérios para que ficassem debaixo da terra e não pudessem nunca nos contaminar. Foi uma decisão

⁶⁸ Xawara: epidemias “associadas às fumaças produzidas por suas “máquinas” (maquinários de garimpo, motores de aviões e helicópteros) e à queima de suas possessões (mercúrio e ouro, papéis, lonas e lixo). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami#Urihi.2C_a_terra-floresta>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2021. “São os brancos, os napëpë, que contaminam a terra. Esta é minha fala. Eles não parecem se preocupar com isso, mas nós, que vivemos na floresta, sabemos dessas coisas e por isso pensamos assim. Os brancos ficaram muito numerosos e começaram a destruir a floresta, a cortar suas árvores e a sujar seus rios. Eles fabricaram quantidades de mercadorias. Fizeram carros e aviões para andar rápido. Para fabricar todas essas mercadorias, cavaram o chão da terra para arrancar as coisas que estão nas suas profundezas. Assim começaram a propagar muitas fumaças-epidemias *xawara* por toda parte, estragando a terra.”. Por Davi Kopenawa Yanomami publicado originalmente no livro Povos Indígenas no Brasil 2006-2010 (ISA). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/%22Toda_essa_destrui%C3%A7%C3%A3o_n%C3%A3o_%C3%A9_nossa_marca,%C3%A9_a_pegada_dos_branco%22>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2021.

⁶⁹ “Os Yanomami remetem sua origem à copulação do demiurgo *Omama* com a filha do monstro aquático *Tëpërësiki*, dono das plantas cultivadas. A *Omama* é atribuída a origem das regras da sociedade e da cultura yanomami atual, bem como a criação dos espíritos auxiliares dos pajés: os “xapiripë”(ou “hekurapë”). O filho de *Omama* foi o primeiro xamã. O irmão ciumento e malvado de *Omama*, Yoasi, é a origem da morte e dos males do mundo.”. Texto retirado da página: Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2021.

sábua e nenhum de nós jamais teve a ideia de cavar o solo para tirá-los da escuridão! Essas coisas maléficas permaneciam bem enterradas, e nossos maiores não ficavam doentes o tempo todo, como ficamos hoje. Todavia, os brancos, tomados por seu desconhecimento, puseram-se a arrancar os minérios do solo com avidez, para cozê-los em suas fábricas. Não sabem que, fazendo isso, liberam o vapor maléfico de seu sopro. Este sobe então para todas as direções do céu, até chocar-se com seu peito. Depois volta a cair sobre os humanos, e é assim que acaba nos deixando doentes. Seu veneno é terrível. Não sabemos o que fazer para resistir a ele. É por isso que ficamos tão aflitos (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 363).

Em um encontro com os estudantes da UnB no #InspiraUnB⁷⁰, Ailton Krenak (2020) fala sobre o quão esse modelo capitalístico é precário: “Esse tipo de sociedade retira de cada um de nós o que há de mais capaz de invenção, que é a nossa subjetividade. Ela nos põe em um lugar em que nossa imaginação e sonho ficam em subterfúgio”. Uma vida que se vale da pauperização, do cansaço e do esgotamento, para se manter atualizado e predominantemente dominante, tem produzido ao longo dos séculos, segregação, dominação, colonização, escravidão, doenças e mortes. Esse modo de vida tem se mostrado cada vez mais insustentável. Um modelo sustentado no desgaste exacerbado dos recursos naturais em nome de um mundo moderno, enquanto esvazia e esgota a vida de todas as maneiras em nome do capital.

Os traços de ocupações de humanos pela Terra vêm provocando extermínios sem precedentes de vidas humanas e inumanas. Esse maquinário capitalístico que opera em uma lógica de comando e consumo, investe na produção e reprodução de alienação, catequização e medo, a cada pacote de uma atualização vertiginosa.

Precisamos urgentemente discutir sobre esse modo de vida capitalístico que se mostra insustentável.

Com o aquecimento global, diversas espécies de animais e plantas têm migrado em busca de temperaturas mais amenas e climas mais frescos.

Algumas espécies têm se adaptado e se estabelecido bem, mesmo distante de seu lugar nativo. Quando esse evento acontece, essas espécies ficam conhecidas como espécies exóticas. Algumas vezes essas espécies acabam também atrapalhando as espécies nativas desse local resultando em um desequilíbrio ecológico. Esse desequilíbrio acontece quando a espécie exótica se torna uma “peste”, conhecidas como espécies invasoras.

As espécies invasoras acabam trazendo diversos prejuízos, acabando com plantações, áreas de pesca, etc. O que acaba afetando drasticamente a economia. Ou seja, mudanças climáticas causam crises ambientais e econômicas. E não só. Outro ponto que queremos trazer

⁷⁰ Por Serena Veloso 10/03/2020. Ailton Krenak defende coletividade e expansão dos horizontes acadêmicos no #InspiraUnB. Na edição diurna da aula inaugural do semestre, líder indígena expôs a necessidade de incentivar tolerância e diversidade de visões na Universidade. <http://noticias.unb.br/67-ensino/3993-ailton-krenak-defende-coletividade-e-expansao-dos-horizontes-academicos-no-inspiraunb>

para essa discussão é em especial o da saúde. Essas migrações de animais também aumentam as chances de surgirem novas doenças infecciosas. Isso acontece quando parasitas saltam de um hospedeiro para outro hospedeiro, que pode também ser um corpo humano. Como foi o caso do novo Coronavírus (COVID-19), que provavelmente migrou de vários outros corpos-hospedeiros.

Segundo noticiado no jornal EL PAÍS⁷¹, “até 850.000 vírus desconhecidos em aves e mamíferos” tem o potencial de infectar humanos. Quanto mais quente o planeta fica, mais os animais migram, mais eles trocam de hospedeiros. Circulação de presentes (trocas de hospedeiros). Animais que estavam isolados em um determinado local migram e encontram com outro grupo de animais que estavam isolados em outro local, o que cria uma relação de troca de parasitas, aproximando cada vez mais do contato com os humanos até explodir epidemias e pandemias, além da degradação ambiental, o aquecimento global, mudanças climáticas e ainda o tráfico de animais que podem propiciar o aumento das pandemias.

Por fim, é importante entender como o invisível, como força de potência como um vírus ao se compor com o organismo humano, como é o caso do Coronavírus (COVID-19), pode produzir tantas mortes à espécie humana, como uma máquina de extermínio ao som da missa réquiem.

Um vírus que passa do invisível ao visível, quando acomete um corpo, como uma chuva de veneno transportada pelo vento, atirada por uma dessas aeronaves agrícolas que outrora fora usado pelo exército norte-americano como ferramenta de guerra (máquina de morte) para despejar dos céus, um desfolhante químico apelidado de “agente laranja” durante a Guerra do Vietnã, entre os anos de 1961 a 1971, e que essa técnica foi também já foi usada para desmatar áreas no Amazonas⁷².

Fato que ocorreu principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, em que o mercado agrícola ganhou destaque como promissor, “a agricultura surge, novamente, como mercado para desenvolvimentos que apareceram com intenções destrutivas, não construtivas”, segundo Lutzenberger (1985, p. 1).

A serviço do Ministério da Guerra, químicos das forças armadas americanas trabalhavam febrilmente na procura de substâncias que pudessem ser aplicadas de avião para destruir as colheitas dos inimigos. Outro grupo, igualmente interessado na devastação, antecipou-se a eles. Quando a primeira bomba atômica explodiu no Japão, no verão de 1945, viajava em direção ao Japão um barco americano com uma carga de fitocidas, então declarados como LN 8, LN 14, suficiente para destruir 30% das colheitas. Com a explosão das bombas, o Japão capitulou e o barco voltou. Mais tarde,

⁷¹ Matéria disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-10-29/ate-850000-virus-desconhecidos-em-aves-e-mamiferos-poderiam-saltar-para-os-humanos.html>

⁷² Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/07/area-no-amazonas-e-desmatada-com-tecnica-usada-na-guerra-do-vietna.html>.

na Guerra do Vietnã, estes mesmos venenos, com outros nomes, tais como “Agente Laranja” e agentes de outras cores, serviram para a destruição de dezenas de milhares de quilômetros quadrados de floresta e de colheitas. Da mesma maneira que os físicos que fizeram a bomba, para não ter que abolir as estruturas burocráticas das quais agora dependiam, propuseram o “uso pacífico” da energia nuclear, os químicos que conceberam aquela forma de guerra química, passaram a oferecer à agricultura seus venenos, agora chamados de herbicidas, do grupo ácido fenoxiacético, o 2, 4-D e o 2, 4, 5-T MCPA e outros. (LUTZENBERGER, 1985, p. 1).

Essa máquina de morte se faz presente principalmente na relação que envolve o agronegócio e a mineração, e que fazem parte desse grande pacote de extermínio. Esses projetos “avançam sobre os territórios com a proposta de progresso, mas que devoram e devastam as paisagens, solo, água e demais bens naturais⁷³.” Impactam na produção de alimentos promovendo insegurança alimentar, além de produzir uma rede de destruição que envolve, desmatamento e queimadas, grilagem e garimpo, invasões, assassinatos e ameaças aos povos indígenas e quilombolas; comunidades rurais, camponesas, assentamentos da reforma agrária e agricultores familiares, entre os mais diversos povos agroecológicos, que produzem resistências (como máquina-de-guerra), frente a mineração e ao agrotóxico. Como é o caso do projeto⁷⁴ que voltou a tramitar sobre a mineração de urânio e fosfato no Ceará. Um projeto que ameaça e irá impactar a vida de pelo menos 150 comunidades que vivem entre os municípios de Canindé, Madalena, Santa Quitéria e Itatira. Além de todos os impactos incalculáveis que um projeto desses pode atingir em escala exponencialmente destrutiva, ameaçando as mais diversas existências no mundo.

Quando voltamos essas questões para um prato com comida (para quem tem condições de comer) e observamos uma simples tomate, nem sempre temos a certeza de onde veio aquele vegetal, muito menos quem e como foi cultivado. Principalmente se tratando de um alimento comercializado em supermercados. Mas, imaginemos que aquela mesma tomate teve aplicação de agrotóxico durante seu cultivo; o veneno presente na tomate é aparentemente invisível.

Se tratando do consumo alimentar estamos ingerimos todos os dias uma grande quantidade de venenos, microplásticos, e tantas outras partículas desse invisível corrosivo. O que não nos coloca imunes de também estarmos corroborando, de alguma maneira, com essa rede de extermínio; a partir desse consumo exacerbado, propagado e veiculado aos grandes setores midiáticos, que empurram goela abaixo produtos de um mercado industrializado. Isso

⁷³ Texto retirado do site <https://contraosagrototoxicos.org/>. Matéria: “Mineração e agronegócio: Quando dois projetos de destruição se encontram”. Disponível em: <https://contraosagrototoxicos.org/mineracao-e-agronegoci-quando-dois-projetos-de-destruicao-se-encontram/>>. Acessado em 13 de janeiro de 2022.

⁷⁴ Matéria publicada no site “Mapa de conflitos” - “CE – Radiação e extração de urânio ameaça cearenses e baianos”. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ce-radiacao-e-extracao-de-uranio-ameaca-cearenses-e-baianos/>>. Acessado em 13 de janeiro de 2022.

tem gerado um grande número de lixo, não apenas nessa rede que envolve produto alimentar, mas também em outros setores de consumo.

Essa rede também atravessa as formas de produção e trabalho, e que reverbera em nosso modo de viver atrelado a essa forma capitalística. Assim, a discussão que estou acenando rapidamente nesse bloco sobre o modo de vida capitalístico, consumo e extermínio, é bastante amplo, principalmente se tratando dos resíduos de todas as ordens, produzidos por esse modo de vida, que são descartados e despejados no mundo.

Destacando o invisível-visível presente nos agrotóxicos e no envenenamento da vida o que percebemos é desencadeado nessa rede de adoecimento e mortes, e tem se tornado cada vez mais visível pelo rastro deixados pelo caminho. Somente em contato com humanos é perceptível que o contato com agrotóxicos tem produzido um número exponencial dos mais diversos tipos de: câncer, infertilidade, má formação do feto, TDAH, espectro autista, Alzheimer, depressão, entre outros adoecimentos que levam a morte.

Além da questão do consumo, o caso se torna ainda mais grave se tratando de quem tem contato direto na manipulação do veneno.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirma que os agrotóxicos causam 70 mil intoxicações agudas e crônicas por ano e que evoluem para óbito, em países em desenvolvimento. Outros mais de sete milhões de casos de doenças agudas e crônicas não fatais também são registrados. O Brasil vem sendo o país com maior consumo destes produtos desde 2008, decorrente do desenvolvimento do agronegócio no setor econômico, havendo sérios problemas quanto ao uso de agrotóxicos no país: permissão de agrotóxicos já banidos em outros países e venda ilegal de agrotóxico que já foram proibidos (CARNEIRO et al., 2015).

Na página do Instituto Nacional de Câncer (INCA), é possível encontrar diversos artigos⁷⁵ que tratam com mais detalhes sobre a questão dos agrotóxicos, relacionando de maneira detalhada sobre causas e prevenções.

Destaco alguns dos trabalhos realizado por dois fotógrafos referente a esse tema, apenas para rascunhar um pouco do que estou querendo chamar atenção nessa relação da feira com o mundo e que se fazem presentes nessas relações de maneira mais ampla.

O fotógrafo argentino, Pablo Piovano, realizou um projeto que durou 2 anos fotografando adultos e crianças da zona rural na Argentina. Em um ensaio fotográfico, intitulado: O Custo Humano⁷⁶ (2014 – 2019), a série registrou diversos corpos adoecidos e

⁷⁵ No site do INCA está disponível um artigo sobre agrotóxicos no qual usei como material de estudos. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxicos>.

⁷⁶ O Custo Humano (2014 – 2019). Do fotógrafo argentino, Pablo Piovano. Disponível em: <http://www.pablopiovano.com/el-costo-humano.html>

deformados, acometidos dos efeitos do agrotóxico glifosato naquela população. O projeto também produziu um material em audiovisual intitulado: O Custo Humano⁷⁷ (dos Agrotóxicos).

Figura 23 – Fotografia do projeto O Custo Humano



Fonte: Imagem de Pablo Piovano⁷⁸. (2014 - 2019)

O fotógrafo norte-americano, W. Eugene Smith ficou bastante conhecido por registrar pessoas com a *Doença de Minamata*⁷⁹, na cidade de Minamata no Japão.

Sua fotografia intitulada: *Tomoko and Mother in the Bath* (1971), mostra uma mãe embalando sua filha acometida da *Doença de Minamata* em um banho tradicional japonês.

Figura 24 – Tomoko em seu banho



Fonte: Imagem de W. Eugene Smith⁸⁰. (1971)

⁷⁷ Documentário curta-metragem do fotógrafo Argentino Pablo Ernesto Piovano. Disponível em: <<https://youtu.be/lSu01ikLdQY>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.pablopiovano.com/el-costo-humano.html>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁷⁹ Doença de Minamata: é uma síndrome neurológica causada por severos sintomas de envenenamento por mercúrio.

⁸⁰ “Tomoko Uemura em seu banho”. Fotografia de W. Eugene Smith (1971). Disponível em: <<https://americanart.si.edu/artwork/tomoko-her-bath-minamata-japan-22604>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Em um dos relatos de Davi Kopenawa em *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*, referente aos *napëpë*⁸¹; os comedores de terra. Nessa passagem do livro, o xamã yanomami aponta para as tragédias ambientais, a exploração e devastação na floresta durante as últimas décadas, contaminações do solo e dos rios, os impactos na saúde dos povos indígenas e a produção desenfreada de morte através das ações do garimpo e outros meios de exploração na vida amazônica, e que essas ações impactam em escala planetária. De modo que:

Foi quando os garimpeiros chegaram até nós que realmente entendi de que eram capazes os *napë*! Multidões desses forasteiros bravos surgiram de repente, de todos os lados, e cercaram em pouco tempo todas as nossas casas. Buscavam com frenesi uma coisa maléfica da qual jamais tínhamos ouvido falar e cujo nome repetiam sem parar: oru – ouro. Começaram a revirar a terra como bandos de queixadas. Sujaram os rios com lamas amareladas e os enfumaçaram com a epidemia *xawara* de seus maquinários. Então, meu peito voltou a se encher de raiva e de angústia, ao vê-los devastar as nascentes dos rios com voracidade de cães famintos. Tudo isso para encontrar ouro, para os outros brancos poderem com ele fazer dentes e enfeites, ou só para esconder em suas casas! Naquela época, eu tinha acabado de aprender a defender os limites de nossa floresta. Ainda não estava acostumado à ideia de que precisava também defender suas árvores, seus animais, seus cursos d’água e seus peixes. Mas entendi logo que os garimpeiros eram verdadeiros comedores de terra e que iam devastar tudo nas florestas (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 335).

Durante o *Climate Story Lab*, que ocorreu em novembro de 2021, a cineasta indígena Aldira Munduruku revela uma das faces mais cruéis sobre o avanço do garimpo na Amazônia, que aponta os brutalismos e o lastro de morte que o garimpo tem produzido através da contaminação nos rios e comprometendo a saúde das espécies humanas e não humanas. De modo que, além dos riscos que as populações, sobretudo indígenas que vivem em áreas próximas ao garimpo; uma das maiores preocupações da cineasta é que as mulheres estão expostas à contaminação por metais, o que afeta diretamente a vida dos bebês que estão no ventre dessas mães. “A gente não quer ter mais filhos, porque temos mercúrio no sangue. Nós estamos contaminadas⁸²”. Ou seja, a contaminação proveniente desses metais pesados dejetados pelo garimpo nos rios pode produzir impactos irreparáveis em uma geração inteira.

Em Glasgow, Escócia, na abertura da 26ª Cúpula do Clima (COP26), a jovem indígena, de 24 anos e única brasileira a discursar naquela reunião mundial que discute sobre mudanças

⁸¹ Na língua do povo Yanomami *Napë* significa: pessoa não Yanomami; inimigo; estrangeiro. *Napëpë* (é plural): inimigos; brancos; estrangeiros.

⁸² Trecho da matéria retirada do site “Luneta”. Disponível em: <

climáticas⁸³. Txai Suruí⁸⁴ alertou o mundo: “A Terra está falando. Ela nos diz que não temos mais tempo. Os povos indígenas estão na linha de frente da emergência climática, por isso devemos estar no centro das decisões que acontecem aqui. Nós temos ideias para adiar o fim do mundo.” Seguindo esse mesmo espírito, podemos encontrar relatos de mulheres Shanenawa; mulheres indígenas no estado do Acre. Essas narrativas inter cruzam questões de gênero e clima, através de relatos orais e que essas falas podem ser visitadas através do relatório intitulado: “O impacto das mudanças climáticas na vida das mulheres Shanenawa: o convívio entre duas pandemias.⁸⁵”. Em uma de suas falas e que estão presentes nesse relatório⁸⁶, Edina Pekãshaya, conhecida como Edina Shanenawa (primeira cacica do povo Shanenawa), que no ápice da pandemia apontou as problemáticas referente a: mudanças climáticas, insegurança alimentar e seus efeitos para as mulheres indígenas.

[...] Essa época era mês de colher várias frutas e legumes, e hoje ou eles morreram, tá perdendo semente ou agora que eles tão nascendo, então tá mexendo muito com nossa sobrevivência, segurança alimentar, nosso território, porque teve muitas queimadas na região Norte que afetou diretamente o estado do Acre, eu vi que esse ano foi o ano que teve mais queimadas aqui no nosso estado, é muito preocupante para nós populações indígenas. [...] Foi o momento que a gente ficou com duas pandemias: pandemia dessa doença, que veio vírus e a pandemia da fumaça que atingiu e prejudicou muito mais ainda a nossa respiração, a nossa saúde, principalmente das crianças e das pessoas mais velhas. (PEKASHAYA, 2021)

Nesse relatório é possível perceber como a pandemia impactou os povos indígenas em seus territórios, e as problemáticas para além do Coronavírus, que envolve: mudanças climáticas e segurança alimentar. Dessa maneira, entende-se que a feira neste trabalho, encontra além dos outros trânsitos, diversas veredas, e muitos trabalhos em territórios variados, de modo que, os impactos do aquecimento global, mudanças climáticas, catástrofes ambientais, os modelos de produção agrícola predominantes no agronegócio e os efeitos dessas linhas molares; de alguma maneira se atravessam com a feira, haja vista que a feira enquanto um território movente, afeta e é afetada por essas linhas que a atravessam.

⁸³ “As mudanças climáticas são transformações a longo prazo nos padrões de temperatura e clima, principalmente causadas por atividades humanas, especialmente a queima de combustíveis fósseis.” Texto retirado do site das Nações Unidas – Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/150491-o-que-sao-mudancas-climaticas>>. Acessado em 13 de janeiro de 2022.

⁸⁴ Discurso de Txai Suruí na COP26. Disponível em: <<https://youtu.be/1gnUH7HNBAU>>. Acessado em 13 de janeiro de 2022.

⁸⁵ Edital Sementes - O impacto das mudanças climáticas na vida das mulheres Shanenawa: o convívio entre duas pandemias. Disponível em: https://generoeclima.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/08/Edital-Sementes_04_Edina-Shanenawa.pdf. Acessado em 13 de janeiro de 2022.

⁸⁶ Esse relatório juntou algumas das falas de Pekãshaya Shanenawa em palestras, eventos, webinários e lives em que ela participou. Foi publicado no site “gênero e clima” e foi organizado pelo Instituto Fronteiras.

São inúmeros os impactos que afetam não apenas os meios de produção da feira, mas também experimentamos com o mundo e com a feira, os efeitos adversos através das mais diversas crises anunciadas: climáticas, ambientais, sanitária, alimentar, hídrica, etc.

Nesse sentido, a feira experimenta o comércio da vida em uma dimensão planetária; sangue e morte, lucro, entre os ruídos da máquina de corte, a balança e a transação comercial. O cheiro de sangue impressos em uma política de morte, alguns bichos sendo cortados vivos, prenunciam os efeitos da pandemia.

A feira em sua relação microfísica, é perpassada pelas linhas molares que vão desembocar em linhas de fuga; que estariam ligadas às eco-potências. Ou melhor, as linhas moleculares se transformam em linhas de fuga na chamada eco-potências e as linhas moleculares que se engancham nas linhas molares inclusive com as práticas da *necropower*; vivido nas práticas cotidianas da feira, ganham outras escalas no desenho Mundial, como estão indicadas nessa sessão; em um movimento da *Missa-feira* para a feira-mundo.

A asfixia e o desaparecimento da feira nesse período de pandemia, uma feira que também sofre os cortes em sua estrutura e funcionamento. Esquartejada pelas diversas engrenagens e lâminas, ferragens e o concreto cimentado que encobre a terra.

O projeto de urbanização que abriu uma espécie de vala na Baixa da Feira, que para um passante, aquele lugar mais parece um canteiro de obras, ou mesmo um jazido da feira em um centro fantasmagórico. Entre os escombros de uma feira em ruínas, sua ausência também indica uma feira soterrada, mas com alguns focos de resistência, que eclode no que ainda sobrou da feira atualmente pelo centro da cidade de Redenção.

Em meados de 2020 e nos anos de 2021 e 2022 a feira foi sofrendo diversas mudanças. Ela foi reduzida e realocada para o alto da feira conforme o **mapa da feira - figura 2**.

Nas imagens abaixo é perceptível o quanto a feira foi acometida por essa pandemia, além da presença de grandes supermercados que cresceram bastante nesse período. A redução e a limitação de seu território e a queda drástica de seus ocupantes trouxeram à feira um processo de apagamento e que vem se arrastando para um possível desaparecimento. Como já anunciado em um programa de rádio popular, de uma das principais rádios da cidade. Além das novas construções e urbanização na Baixa da Feira, como já foi citado anteriormente, apontam para uma reconfiguração na paisagem do centro de Redenção. Além dos novos cortes, novas sensações de uma “navalha na carne”.

No início do ano de 2022, a lâmina de serra também andou amputando algumas árvores que se encontravam na praça princesa Isabel, na parte do Médio da Feira. Um verdadeiro “massacre da serra elétrica” em pleno sol a pino, escaldando ainda mais a cidade, a cada árvore

que vem desaparecendo naquele chão. Essas práticas nos levam a pensar sobre os impactos ambientais não somente a nível local, mas também em escala nacional e global. Pois, é como esse projeto que devasta a vida tem sido imposto; atualmente de maneira cada vez mais veloz.

Lembrei de um provérbio turco que diz:

Quando o machado entrou na floresta, as árvores disseram:

- O cabo é dos nossos!!

Figura 25 – Alto da Feira
(segunda onda – EEMTI Padre Saraiva Leão⁸⁷)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 26 – Alto da Feira
(segunda onda – Prefeitura de Redenção⁸⁸)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

⁸⁷ Ao final da primeira onda o comércio de frutas e verduras localizadas antes na Baixa da Feira foi remanejada para o Alto da Feira, na R. José Costa Ribeiro (Praça Joaquim Távora). Nesta fotografia ao fundo a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Padre Saraiva Leão.

⁸⁸ Ao final da primeira onda o comércio de frutas e verduras localizadas antes na Baixa da Feira foi remanejada para o Alto da Feira, na R. José Costa Ribeiro (Praça Joaquim Távora). Nesta fotografia ao fundo o prédio da prefeitura de Redenção. Também remanejada para este local depois de seu antigo prédio ter sido afetada pela explosão por parte de assaltantes, em uma onda de roubos em agência bancária do Banco do Brasil em cidades do interior do Estado. O fato ocorreu na madrugada do dia 10 de julho de 2017. O prédio que hoje é a prefeitura da cidade antes também já funcionou com o cinema da cidade.

Figura 27 – Alto da Feira
(Segunda onda - Vicente Mulato de máscara na pandemia)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 28 – Baixa da Feira
(Segunda onda - Reforma no barracão)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 29 – Baixa da Feira
(Segunda onda - Reforma no barracão)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 30 – Baixa da Feira
(Segunda onda - Reforma no barracão)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 31 – Baixa da Feira
(Segunda onda - Novo Calçadão)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 32 – Baixa da Feira
(Segunda onda - Reforma do Mercado Popular)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 33 – Médio da Feira
(Segunda onda - Novo Posto de Saúde)



Fonte: Imagem do autor. (2021)

Figura 34 – Médio da Feira
(Terceira onda – Árvores decepadas na praça da princesa)



Fonte: Imagem do autor. (2022)

Figura 35 – Médio da Feira
(Terceira onda – Árvores decepadas na praça da princesa)



Fonte: Imagem do autor. (2022)

Figura 36 – Médio da Feira
(Terceira onda – Árvores decepadas na praça da princesa)



Fonte: Imagem do autor. (2022)

6. ESPÍRITOS VEGETAIS

Com a pandemia e o esvaziamento da cidade, ficou ainda mais evidente os processos de verticalização de Redenção, entre outras ocupações que iremos apontar mais adiante. Esses processos são responsáveis pela alteração na paisagem, que tem produzido perturbações no ecossistema daquele território; além de produzir uma sensação térmica mais elevada. A vegetação aos poucos vem desaparecendo juntamente com o rio que atravessa a “cidade da liberdade”; que vira caminho de passagem de velhos caminhões; aparentemente clandestinos, que descem de diversos lugares da serra, carregados de madeiras todos os dias e que atravessam Redenção quase como uma procissão, aquele rouco motor, barulhento, fumaça, o caminhão parece um tapurú⁸⁹, se arrastando pela CE-060. A fuligem e a fumaça que constantemente circula de um lado a outro da cidade produzidos pela ação das queimadas; como práticas que se perpetuam a cada geração. A chuva de mosquitos no período de corte das canas nas grandes propriedades e a podridão que exala do processo de fabricação da cachaça local é nauseante.

“Agora o clima muda tão depressa/ Que cada ação é tardia/ Que dá paralisia na cabeça/
Que é mais do que se previa/ Algo que parecia tão distante/ Periga, agora tá perto/ Flora que
verdejava radiante/ Desata a virar deserto/ O lucro a curto prazo, o corte raso/ O agrotóxico, o

⁸⁹ Tapurú (como é conhecida no nordeste brasileiro), são larvas encontradas normalmente em alimentos apodrecidos, corpos em putrefação e/ou em decomposição.

negócio/ A grana a qualquer preço, petro-gaso Carbo-combustível fóssil/ O esgoto de carbono a céu aberto/ Na atmosfera, no alto/ O rio enterrado e encoberto/ Por cimento e por asfalto”⁹⁰.

O centro de Redenção tem se transformado em um espaço de pedras, concretos e ferros retorcidos; cimento jogado sobre a terra, sepultando parte daquela vegetação que vai sumindo em meio a um projeto moderno de urbanização sem saneamento básico.

Esse hábito é, também, perigoso, pois um espaço feito apenas de pedras é, *tecnicamente*, um deserto, e a fúria mineral do urbanismo moderno só pode levar à desertificação do planeta. Desse ponto de vista, a humanidade, através de suas cidades, parece ser a grande Medusa do planeta. Uma cidade mineral opera de forma oposta à floresta. Toda floresta faz da vida uma força capaz de acolher a luz do sol no corpo de Gaia para anima-la. De fato, crescer, para cada planta, é acumular luz em seu próprio corpo. Acumular cada vez mais luz a partir de uma estrela extraterrestre. (COCCIA, 2020, p. 181).

Nesses dois anos (2020 e 2021) em que caminhei por entre o território da feira; principalmente no ano de 2020, tentei enxergar a feira entre aquelas ruas vazias; procurava imaginá-la, tateá-la; de modo a fixar-me naquele território a procura da feira; como se a feira fosse um lugar fixo, e ocupada apenas por seres visíveis. Por muitas vezes me questionei sobre o que fotografar, o que filmar, o que gravar naquele centro que parecia ter soterrado a feira. Passava horas e horas, ziguezagueando nas ruas da feira, questionando: como fotografar e/ou filmar o invisível?

Neste mesmo período, fiz novas leituras sobre seres invisíveis e seres vegetais, escrevi em meu caderno de campo diversos ensaios; *insights* sobre como fazer um trabalho de campo em um campo soterrado; uma feira invisível, por exemplo. Era muito óbvio que eu estava caindo na mesma problemática antropológica clássica de procurar um objeto visível e descrever seus fenômenos. Esse imbróglio quase me fez desistir de continuar com esta pesquisa com o tema: feira. Até pensei em mudar de tema, e acho que isso ficou notório na própria produção desse trabalho escrito. Mas foi nesse período quase de hiato que comecei a sentir a feira de uma outra maneira. Nesse novo processo, começo a aproximar os sonhos com alguns rabiscos; imagens-espíritos, impressos em cadernos e que davam outros contornos a feira-invisível-visível; como uma espécie de composições entre sonhos, desenhos rabiscados; que depois chamei de *rabiscagens*⁹¹ e espíritos vegetais; como um outro fio que desalinhasse aquela feira. Uma experiência capaz de produzi reviravoltas; um outro jeito de perceber, um outro jeito de

⁹⁰ Trecho da música: "Quede Água?". Composição: Lenine, Rennó. Disco: Carbono (2015). Disponível em: <https://youtu.be/d8ig62PxmGk>.

⁹¹ Chamei esse processo de *rabiscagens*; pelo simples fato de não ser um artista plástico, ou mesmo um ilustrador, pintor, desenhista, enfim...

sentir, um outro jeito de sonhar (nem utópico, nem distópico). Nesse sentido, as produções carregam mundos, aproximam mundos.

Esse trabalho é um encontro de mundos diversos que sinaliza possibilidades infinitas de composição e criação; um encontro marcado na feira de Redenção no Ceará, em que variados mundos perambulam com esse mundo-feira desembocando em uma feira-mundo. Sonho e arte se misturam nesse plano produzindo fissuras e porosidades na linha molar da feira.

Sonho na cosmologia xamânica yanomami, de Davi Kopenawa: é uma relação entre espírito e cosmos; um agenciamento do pensamento com o cosmo. Uma dimensão intensiva do pensamento; encontros intensivos, uma agitação de mundos.

Em “Sonhos para adiar o fim do mundo” (p. 33-47), presente no livro “A vida não é útil”, Ailton Krenak (2020), indica uma íntima relação entre o mundo dos sonhos com as práticas cotidianas do povo Krenak.

Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural, em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo. Você não conta o sonho em uma praça, mas para as pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. [...] Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia: o pescador pode ir pescar, o caçador pode ir caçar e quem não tem nada a fazer pode se recolher. Não há nenhum véu que o separa do cotidiano e o sonho emerge com maravilhosa clareza” (KRENAK, 2020, p. 36-7).

No prefácio, do livro: *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*, escrito por Eduardo Viveiros de Castro em “O recado da mata”, o antropólogo comenta sobre as palavras do xamã yanomami, Davi Kopenawa sentenciada no capítulo 17: “[Os Brancos] dormem muito, mas só sonham consigo mesmos” (p.390).

Esse é, talvez, o juízo mais cruel e preciso até hoje enunciado sobre a característica antropológica central do “povo da mercadoria”. A desvalorização epistêmica do sonho por parte dos Brancos vai de par com sua autofascinação solipsista – sua incapacidade de discernir a humanidade secreta dos existentes não humanos – e sua avareza ‘fetichista’ tão ridícula quanto incurável, sua crisofilia. Os Brancos, em suma, sonham com o que não tem sentido. Em vez de sonharmos com o outro, sonhamos com o ouro. É interessante notar, por um lado, que há algo de profundamente pertinente do ponto de vista psicanalítico no diagnóstico de Kopenawa sobre a vida onírica ocidental – sua Traumdeutung é de fazer inveja a qualquer pensador freudomarxista –, e, de outro lado, que se diagnóstico nos paga com nossa própria moeda falsa: a acusação de uma projeção narcisista do Ego sobre o mundo é algo a que os Modernos sempre recorreram para definir a característica antropológica dos povos “animistas” – Freud foi, como se sabe, um dos mais ilustres defensores dessa tese. No entender desses que chamamos animistas, ao contrário, somos nós, os Modernos, que, ao adentrarmos o espaço da exterioridade e da verdade – o sonho –, só conseguimos ver reflexos e simulacros obsedantes de nós mesmos, em lugar de nos abriremos inquietante estranheza do comércio com a infinidade de agências, ao mesmo tempo inteligíveis e radicalmente outras, que se encontram disseminadas pelo cosmos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015a, p. 37-38).

Assim, esta sessão que encerra por hora este trabalho; de maneira entreaberta, experimenta com o que estamos chamando de espíritos vegetais; que são composições entre sonhos e *rabiscagens*, em uma aproximação de mundos com a feira e da feira com mundos, produzidas ainda de maneira muito tímida; entre os anos de 2020 e 2021, e que é por assim dizer, produções ainda muito recentes para tentar dar algum tipo de explicação confortável (legendável) a um(a) leitor(a) desavisado(a) e/ou interessado(a) em bases analíticas. O fato é que não se tratam de imagens descritivas/interpretativas. O que não quer dizer que essas *rabiscagens*; espíritos vegetais, estejam impressas nesse processo de metamorfoses com a feira sejam ilustrativas. As *rabiscagens* não são ilustrações; e é importante ressaltar que os espíritos vegetais não se tratam de algo revelável; daquilo que estava escondido, ou mesmo que se encontram nas entrelinhas do desenho com o autor ou do desenho com a pesquisa; nem mesmo tem a pretensão de reproduzir imagens de um pensamento indígena que justifique sua presença nesse trabalho para transcrever os xapiri⁹² através de desenhos; como uma espécie de coleção de autorretratos feito a mão de um artista a partir da escuta descritiva de sonhos xamânicos. Não se trata disso! Mas quando aproximamos os sonhos que sonhamos com os outros mundos sonhados podemos encontrar possibilidades de serem produzidos outros modos de sonhar, criando assim brechas que escapem de um sonho egoico, onde só caibam nós mesmos; os humanos, ou mesmo de um sonho-mercadoria que atendam majoritariamente o “sonho americano”, de existir nesse mundo globalizado-capitalístico. Diferentemente dessa lógica subordinada, estamos falando então da possibilidade de experimentarmos um sonho como “um lugar de veiculação de afetos.” (Krenak, 2020), em uma relação sensível com o cosmos.

As *rabiscagens* são metamorfoses de uma experimentação entre-imagens: *Derivações de afectos*⁹³: *um ensaio entre-espécies* (2020); imagens mutantes, entre rabiscos, negativo de fotografias e outras experimentações, e que foi realizado na quarentena, na primeira onda pandêmica; período mais crítico. *Derivações de afectos: um ensaio entre-espécies* reuniu

⁹² “Os xapiri são guardiões invisíveis das florestas, espíritos nos quais os ancestrais animais dos povos Yanomami se transformaram. Eles são evocados nos rituais xamânicos para refrescar a terra, curar o corpo e afastar as epidemias. Sua aparição é cintilante e, seus cantos, ensurdecedores. Nos sonhos de Kopenawa, eles amarravam as cordas de sua rede bem alto no céu. “Era como se longas antenas de rádio fossem esticadas ao meu lado e funcionassem como caminhos para os xapiri e seus cantos chegarem até mim, assim como o caminho das palavras do telefone dos brancos”, escreve o xamã.”. Texto retirado do site: <https://www.select.art.br/>. Título da matéria: “Demini na escuta: sobre o experimento Xapiri”. Disponível em: <<https://www.select.art.br/demini-na-escuta-sobre-o-experimento-xapiri/#:~:text=Os%20xapiri%20s%C3%A3o%20guardi%C3%B5es%20invis%C3%ADveis,e%2C%20seus%20cantos%2C%20ensurdecedores>>. No filme: XAPIRI, de Leandro Lima e Gisela Motta, Laymert Garcia dos Santos e Stella Senra, Bruce Albert, experimentam com o audiovisual “os processos de incorporação e transformação do xamanismo.”. Disponível em: <https://youtu.be/BA2L5Lta1tA>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

⁹³ Disponível em: https://issuu.com/home/published/derivac_o_es_de_afectos_-_um_ensaio_entre-especies.

diversos tipos de expressões artísticas, criando possibilidades de composições: entre-mundos, entre-espécies, entre-expressões, entre-estéticas.

Nesse mesmo espírito, esses encontros são capazes de produzirem ecopotências (uma ação de comunidade); imagens compartilhadas, nas encruzilhadas que assinalam passagens e devires. Como no encontro entre a missa e feira (desterritorializando o objeto); a antropologia e a arte (desterritorializando a ciência); a etnografia e a cartografia (desterritorializando o método). Na pandemia a suspensão da feira, as novas ocupações, os espíritos vegetais, “entre o sonho e o som”. *Rabiscagens* atravessam e desalinham as linhas da feira com: imagens-sonhos, imagens-ruídos, imagens-espíritos, imagens-mundos, imagens-afectos.

O sonho é um intercessor que encontra potência no eco que ecoa e ressoa com a vida; trans-bordando mundos possíveis, linhas indiscerníveis que “dançam com o cosmos”.

Muitas vezes sonhei com isso. Possuir a potência das lagartas. Ver as asas surgirem de seu corpo de verme. Voar ao invés de rastejar no chão. Se sustentar no ar e não na pedra. Passar de uma existência a outra sem ter que morrer e renascer e assim demolir o mundo sem tocá-lo. (COCCIA, 2018, p.1⁹⁴).

Como este trabalho é rizomático; à medida que tem uma produção muito variada; outros trânsitos, abertura de muitas outras veredas, muitos outros territórios, muitos outros encontros e de conformações estéticas; das mais variadas, e que insiste nessas torções e tensões para produzir esse esgarçamento com as fronteiras da antropologia; é importante que retornemos a ideia de rizoma. O Coronavírus é um rizoma, à medida que faz conexões com a indústria farmacêutica, as relações sociais, o comércio, o sistema de saúde, a saúde mental, os planejamentos e os projetos para o futuro, o medo da morte, as festas, etc.

Um vírus em rede – em rizoma, trama um tecido heterogêneo. Emanuele Coccia (2020), autor de *Metamorfoses* (2020), *A vida das plantas – uma metafísica da mistura* (2019), *A vida sensível* (2010), entre outras obras. Em uma entrevista a revista “Philosophie Magazine⁹⁵”, e traduzido por Mariana Silva da Silva (2018), intitulado “O vírus é uma força anárquica da metamorfose”, Coccia responde uma pergunta sobre seu último ensaio: *Metamorfoses*, com relação ao que estamos experimentando na pandemia, esboça a ideia de que o vírus é uma maneira do futuro existir no presente:

O vírus, de fato, é uma força pura de metamorfose que circula de uma vida para outra sem se limitar às fronteiras de um corpo. Livre, anárquico, quase imaterial, não

⁹⁴ Teoria da metamorfose, por Emanuele Coccia. Disponível em: <https://subspeciealteritatis.wordpress.com/2018/11/19/teoria-da-metamorfose-emanuele-coccia/>.

Link para o original: <https://aoc.media/opinion/2018/11/05/theorie-de-metamorphose/>.

Tradução: Vinícius Alves. Revisão: Clarissa Comin.

⁹⁵ Disponível em: <<https://www.philomag.com/articles/emanuele-coccia-le-virus-est-une-force-anarchique-de-metamorphose>>. Acessado em: 23 de janeiro de 2022.

pertencendo a nenhum indivíduo, ele tem a capacidade de transformar todos os seres vivos e permite que eles atinjam sua forma singular. Pense que parte do nosso DNA, provavelmente em torno de 8%, é de origem viral! Os vírus são uma força de novidade, modificação, transformação; eles têm um potencial de invenção que desempenhou um papel essencial na evolução. Eles são a prova de que estamos em nossas identidades genéticas de bricolagem multiespecífica. Gilles Deleuze escreveu, em *Mille Plateaux* (com Félix Guattari, Éd. de Minuit, 1980), que “fazemos rizoma com nossos vírus, ou melhor, nossos vírus nos fazem rizoma com outros animais”. Desse ponto de vista, o futuro é como a doença da identidade, o câncer do presente: força todos os seres vivos a se metamorfosearem. (COCCIA, 2020⁹⁶).

Eco-potências são profusões que indicam coletividade, multidão e resistências que resistem a morte através da arte. Como bem definiu, o escritor e diretor francês, André Malraux: “A arte, é a única coisa que resiste à morte⁹⁷”. Assim, insistimos no plano dos sonhos como a arte, a arte de sonhar; que criam com os espíritos vegetais possibilidades de continuarmos sonhando, refletindo, imaginando outros mundos, produzindo resistências e revides, como uma recusa diante dos instrumentos capitalistas que comem a Terra e os recursos da vida do planeta; como é o caso do *Capitaloceno*, que sorve não só as materialidades, mas inclui em seu banquete a subjetividade.

Assim, se a poeira de ossos produz a graxa que trava as engrenagens das máquinas, o sangue é rosto e os espíritos vegetais desrostificam essa política de morte, num sobressalto que aponta pra vida, através do sonhar. “Sem folha não tem sonho/ Sem folha não tem festa/ Sem folha não tem vida/ Sem folha não tem nada.”. Trecho da canção “Salve as Folhas⁹⁸”, dos compositores baianos, Geronimo e Ildásio Tavares, muito conhecida na voz da cantora baiana, Maria Bethânia, que parafraseiam com a expressão Yorubá: “Kò sí ewé, kò sí òrìsà”, que quer dizer: “Sem folha, não há orixá”; essa expressão nos dá a compreensão da importância que tem os vegetais para os povos de matriz africana criando uma relação entre o Òrìsà e os vegetais, não apenas folhas, mas também suas sementes, raízes, frutos, casca, caule etc. Nessa perspectiva, os vegetais representam: cura, transformação força, e potência de novas possibilidades (*ecopower*). Assim, a força (o axé) vem dos vegetais. Os espíritos vegetais são as forças da mata; ecopotências que emanam na/da floresta.

⁹⁶ Emanuele Coccia: “O vírus é uma força anárquica da metamorfose”. Entrevista publicada na página : *Philosophie Magazine*. Versão para português disponível em: Mariana Silva da Silva. Disponível em: <http://grupoflume.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Coccia_Entrevista_Philomag.pdf>. Acessado em: 23 de janeiro de 2022.

⁹⁷ André Malraux, escritor e diretor francês (1901–1976)

⁹⁸ “Sem folha não tem sonho/ Sem folha não tem vida/ Sem folha não tem nada/ Quem é você e o que faz por aqui/ Eu guardo a luz das estrelas/ A alma de cada folha/ Sou Aroni/ Così euê/ Così orixá/ Euê ô/ Euê ô orixá/ Sem folha não tem sonho/ Sem folha não tem festa/ Sem folha não tem vida/ Sem folha não tem nada/ Eu guardo a luz das estrelas/ A alma de cada folha/ Sou aroni”. Disponível em: <https://youtu.be/PoHXiJlu7cw>. Acessado em: 23 de janeiro de 2022.

Quando a força vegetal explode o concreto, o asfalto, o tijolo o azulejo; as paredes desse mundo de pedras, quando cria rachaduras no cimento que encobre a terra e reaparece entre as ruínas, seus espíritos evocam a presença da floresta. Como a “urihi a”, que na língua yanomami quer dizer “a terra-floresta”; “urihi a pree”, “a grande terra-floresta”.

Os espíritos vegetais, sempre estiveram presentes no circuito da feira, e não só, mas em tudo. Falar dos espíritos vegetais como é colocado nesse trabalho, é perceber que se trata do elemento fundamental do que a vida é feita. Os espíritos vegetais, no dá oxigênio para estarmos respirando, continuar existindo e nos conectar com o cosmos; pensar com o cosmos. Além de nos alimentarmos e nos dá todos os nutrientes necessários para que não precisemos participar dessa lógica da carnificina mercadológica; carne como produto, carne-consumo.

Os vegetais ocupam uma grande parte do planeta. No território da feira os vegetais também ocupam uma grande parte de produtos comercializados, até na própria estrutura utilizada por boa parte dos feirantes. Os resíduos vegetais (matéria orgânica) produzidos na feira podem se transformar em adubo – fertilizantes orgânicos, em um processo biológico de decomposição dessa matéria orgânica. Os espíritos vegetais se tornam visíveis nessa pandemia quando retornamos ao circuito da feira e observamos a vegetação ocupar rapidamente aqueles lugares ausentes de humanos.

Cada planta é, portanto, um agente de assimilação de uma matéria extraterrestre que vem de uma estrela no corpo mineral de Gaia. A árvore, que imaginamos como a expressão mais terrestre da vida, contém e retém, em sua carne carbônica, uma luz que vem de outros lugares. Uma maçã, uma pera, uma batata; pequenas luzes extraterrestres encapsuladas na matéria mineral do nosso planeta. É essa mesma luz que cada animal busca no corpo do outro quando come (pouco importa se come outros animais ou plantas): cada ato de alimentação nada mais é do que um comércio secreto e invisível de luz extraterrestre que, através desses movimentos, flui de corpo para corpo, de espécie para espécie, de reino para reino. (COCCIA, 2020, p. 181).

Acompanhamos pelos noticiários principalmente na primeira onda, que o humano teria uma chance de apaziguar-se com a natureza, em uma perspectiva positiva em que diversos estudos apontavam para uma considerável redução de emissão de poluentes na atmosfera do planeta. As máquinas teriam diminuído seu funcionamento, os vegetais e as outras espécies animais lentamente estavam reocupando os espaços urbanos no mundo. E, ainda houve quem dissesse que esta experiência iria nos tornarmos uma humanidade melhor. Remetendo essa desaceleração muito mais alinhavado com o poema: “Cota zero” de Carlos Drummond de Andrade (1999): “Stop. A vida parou ou foi o automóvel?”.

Mas, será que o mundo parou?

É bem sabido que depois da primeira onda e principalmente em meados da segunda onda, as atividades humanas, as máquinas e os computadores retornaram as suas atividades a

todo vapor, e talvez nunca deixaram de estarem ligadas, mesmo de “modo moderado”, o fato é, que esse retorno tem funcionado como se fosse uma forma de compensar uma espécie de “tempo perdido”. Com as máquinas ligadas em sua potencia máxima de produção-destruição, os sonhos, a vida, voltam a serem suprimidas por essa máquina capitalística de extermínio, produzindo mortes em uma velocidade ainda maior.

Quando entrelaçamos as *rabiscagens* produzidas através dos sonhos em uma aproximação com os espíritos vegetais; nesse plano, sonho pode ser entendido como uma máquina-de-guerra, assim como a feira pode se transformar em máquina-de-guerra quando produz alimentos orgânicos, livres de venenos, por exemplo. Pelo simples fato de criar uma outra relação; um movimento desviante, que escapa desse tal do agro-pop; pois, se é agro, é morte!

Se o reflorestamento funciona como uma ideia de recuperar a vida no planeta através do um repovoamento de novas árvores em territórios degradados; e/ou com baixa qualidade de recursos naturais, bem como as práticas agroecológicas, que por meio dos princípios do manejo ecológico é capaz de produzir um outro modo agrícola, preservando a biodiversidade e integrando diversos sistemas produtivos. Assim como os modos de vida: de indígenas, de quilombolas, de caiçaras e de outros povos “agarrados na terra”, como já citados por Ailton Krenak; essas ações indicam os diversos modos de vida que através de saberes e práticas criam uma relação outra com a terra, que difere de propriedade, em concepção de terra não como exploração e/ou comercialização, mas como práticas compartilhadas de existir de uma maneira cosmológica, entre parentes plantas, parentes bichos, parentes rios, parentes espíritos, parentes montanhas, parentes fungos, e demais parentes viventes que co-habitam este planeta que chamamos de Terra.

É preciso nos contaminarmos com esses pensamentos que produzem ecopotências. É preciso re-habitarmos nossas produções sejam artísticas e/ou acadêmicas, com árvores, com bichos, com espíritos, com sonhos, com povos da terra; como máquinas-de-guerra. Efetivamente e afetivamente alinhavadas às nossas práticas cotidianas. Nesse sentido, sonhar é um sopro em direção a vida. É preciso sonhar como sonha a “terra-floresta”, como uma maneira possível de adiar o fim do mundo.

O que vocês chamam "natureza" é, na nossa língua, urihí a, a terra-floresta e sua imagem utupê vista pelos xamãs: urihinari a. É porque existe essa imagem que as árvores são vivas. O que chamamos de urihinari a é o espírito da floresta, das suas árvores: huu tihiripê, das suas folhas: yaa hamaripê, e dos seus cipós: t'ot' oxiripê. Esses espíritos são muito numerosos e brincam no seu chão. Nós os chamamos também urihí a, “natureza” da mesma maneira que os espíritos animais yaroripê e mesmo os das abelhas, das tartarugas e dos caracóis. O poder da fertilidade da floresta,

nê rope a, também é "natureza" para nós: ele foi criado com a floresta, é sua riqueza. (KOPENAWA, 2009⁹⁹)

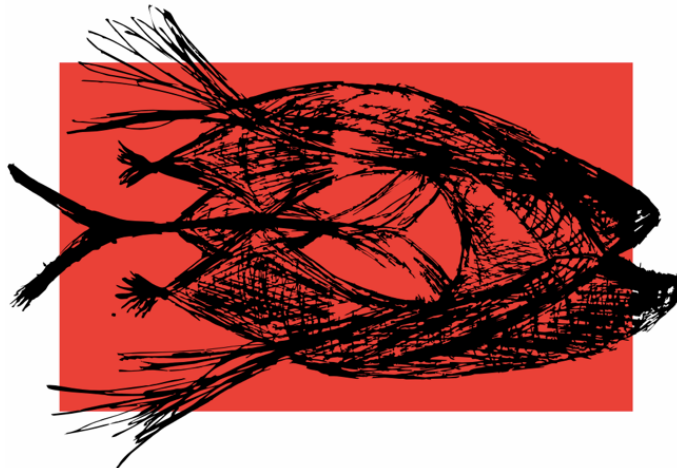
O possível é pensar uma outra relação que entrelaça nossa existência com as dos espíritos vegetais, e de tantos outros espíritos, de maneira totalmente diferente das que são produzidas pela lógica capitalista. Possível, não como algo dado; como se existe um paraíso pronto esperando ser habitado. O que cabe é criarmos possíveis em todas as escalas, nessa conexão dos sonhos com o cosmos. E isto não é um papel único e exclusivo a essa humanidade.

Figura 37 – Série Rabiscagens, *Antropologyras*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 38 – Série Rabiscagens, *Bolúm-yampym*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

⁹⁹ Depoimento recolhido, traduzido da língua Yanomami e editado por Bruce Albert, publicado no livro “Urihia a: A terra-floresta Yanomami” – Bruce Albert e William Milliken. ISA, 2009. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/210618>. Acessado em: 20 de março de 2021.

Figura 39 – Série Rabiscagens, *Molohã-yamdê*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 40 – Série Rabiscagens, *Benûmpyara*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 41 – Série Rabiscagens, *Wykehã*



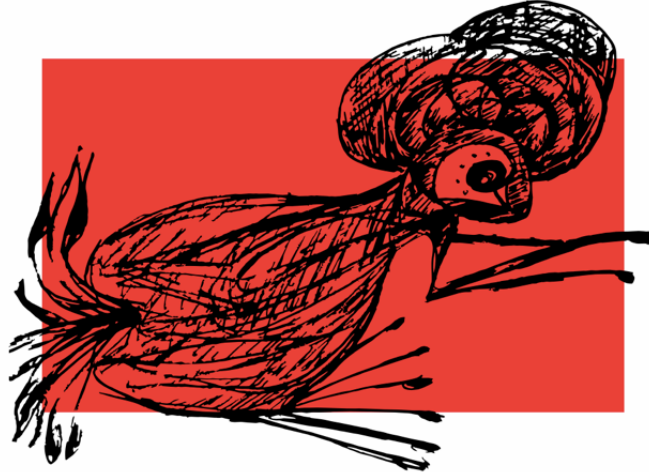
Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 42 – Série Rabiscagens, *Yanahãm-kambyra*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 43 – Série Rabiscagens, *Urûmadú*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 44 – Série Rabiscagens, *Gûyrá-aiutchú*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 45 – Série Rabiscagens, *Tútuínhandê*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 46 – Série Rabiscagens, *Taiendê-caaxixé*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 47 – Série Rabiscagens, *Bololoyandim*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

Figura 48 – Série Rabiscagens, *Kanampytuya*



Fonte: Imagem do autor. (2020 - 2021)

7. CONSIDERAÇÕES

O processo de criação e montagem desse relatório, como está escrito, expressa a experimentação ético-estética de *Feiragens*; é uma experimentação com a feira, com suas imagens. Imagens são signos e afetos que potencializam criação de pensamento naquele que os experimenta. O lapso da feira que atravessa a pesquisa e suas produções diversas, de algum modo também encontrou ressonâncias nesse trabalho escrito, em uma sensação de que a feira desapareceu de fato nesse período pandêmico mais crítico, que foi a primeira onda.

Nesse trabalho, toda a feira parece ser nessa imagem grande demais, sobra na feira o que não é visto. A feira é em seus próprios termos um terreiro em constante composição, é uma espécie de imagem da mistura e da circulação. O trabalho é informado por essa perspectiva tanto no filme como no relatório. Uma perspectiva teórica, mas também uma escolha estética, que atravessa o sangue em uma imagem que se mistura a uma imagem dessa conexão entre os corpos dos feirantes e os corpos animais abatidos. Essa escolha foge bastante do que seria uma visão mais tradicional sobre a feira possível. Uma visão, por exemplo, como a banca dos feirantes que é também por assim dizer um lugar familiar; a escolha foi não seguir por essa linha.

O filme contém também uma recusa de algum modo. Não é tão somente um registro feito na feira; um doc-feira, ou uma coleção de registros que catalogam todas as coisas materiais e imateriais que fazem parte daquela feira específica, como um inventário social, estrutural, e/ou funcional do que foi, do que é, e do que ainda sobra da feira; como elemento especulativo que prevê o futuro da feira. Ou mesmo de um filme que marca um tempo sócio-histórico que

registra a cidade em sua época, de pessoas e paisagens que desapareceram e suas imagens nos filmes viram uma espécie de recordação. Por isso, os sons e às imagens que estão agarradas aos filmes e as fotografias não se tratam apenas das memórias de uma feira em uma cidade do interior do Ceará. O filme dispara a própria experiência, que experimenta a feira/com a feira. Assim, o filme se distancia dos moldes etnográficos e documentais para produzir com a feira uma experimentação sonora e imagética; flanando na profusão da feira. Assim como no processo de montagem fílmico, esse trabalho também passou por um processo parecido. Atravessadas as imagens e sons (vide as referências musicais como trilha sonora¹⁰⁰ desse trabalho), com os sonhos impressos através das *rabiscagens* – sonhos e espíritos vegetais. Todos esses processos, de algum modo, foram maneiras de povoar este trabalho através de outras composições com a feira.

Entre as imagens que destacam fronteira e enquadramentos de uma organização; destruição e consumo, a ocupação heterogênea e a procissão desordenada, geram o indiscernível, especialmente no plano sonoro, cujos ruídos e burburinhos indicam a multiplicidade na qual um ou outra frase salta e se destacam nos filmes que atravessam esse trabalho, fazem rizoma de sons e imagens de um agenciamento territorial e mutante. Nesse sentido, o cinema compartilha pensamento; nos conecta de alguma maneira com as forças do mundo. Um pensamento capaz de produzir uma experiência, um acontecimento, uma transformação, nos vários planos da existência; sejam elas individuais e/ou coletivas.

A *Missa-feira* traz na sua efervescência; uma profusão de imagens, uma profusão de movimentos, que envolvem esses enquadramentos e deslocamentos que procuro demarcar. Nessa profusão e nessa efervescência de eventos com uma espécie de procissão desordenada, conseguimos trazer a heterogeneidade e a sensação de multidão, que se intensifica na balburdia sonora do filme.

Feiragens tem esse movimento de uma massa quase indiscernível dessa heterogeneidade que se faz no som da *Missa-feira* e que entre uma frase e outra salta e que reconhecemos alguma fala. Nesse sentido, a heterogeneidade, marcam as linhas da multiplicidade, e da feira como um agenciamento territorial e mutante.

No mercado das carnes, se sente o cheiro das carnes; quase que nauseante. O encarnado do filme “*A Necropower*” marca a linha do sangue que é uma linha que possibilita pensar na necropolítica e o antropoceno. Nesse caso, o sangue é a linha molar, desse cruzamento com a prática do mercado de carnes assinalando esses vetores dessas linhas moleculares neste

¹⁰⁰ Foi criada uma *playlist* no Youtube com as músicas que foram citadas e que referenciam este trabalho. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLAf0n1MtAYgcHu0T2oA3eTB0zf2mtgmcM>.

trabalho, ao escolher a feira como “objeto”. Objeto que nas encruzilhadas desse trabalho tem diversas camadas. Nessas encruzilhadas, tem momentos que se inicia respondendo com movimentos de desterritorialização das encruzilhadas. Entre a missa e a feira, desterritorializando a ideia de objeto que tradicionalmente a ciência propõe. Entre a antropologia e a arte, desterritorializando as fronteiras de ciência e de teoria, e entre a etnografia e a cartografia desterritorializando o método; fazendo prática com os filmes.

Os filmes: *Missa-feira*, *A Necropower* e *Feiragens*, experimentam a feira através do audiovisual. Um filme é capaz de nos colocar dentro da feira, tornando possível experimentar a feira a partir das imagens e das sonoridades. Com essas imagens em movimento, cores e sons nos colocam dentro da feira. Imagens experimentam com a feira e experimentamos com as imagens; criando pensamento. Os filmes nesse sentido são encontros com a feira, que criam pensamento com essas imagens da feira, e que também cria pensamentos com o autor dos filmes e com a feira.

Se o sangue salta a tela com o vermelho saturado, o som das serras ao transpassarem as carnes, nos faz experimentar a poeira dos ossos. As imagens são impressões de signos e os signos são afetos. Com as imagens em movimentos, com as cores e os sons, e as pessoas que fazem a feira. Os filmes nos colocam dentro dela (da feira), produzindo a sensação de se estar andando naquele chão. Pisando aquele chão, vivendo tudo o que está a acontecer naquele mundo. O que desperta também memórias de uma feira-familiar capaz de trazer outras sensações, como: o cheiro das frutas, dos legumes, do mercado; mas não só.

Poeira de ossos, sangue sem corpos e espíritos vegetais, é o que estamos usando nesse exercício para tratar daquilo que escapa da/na feira. Signos como efeitos das linhas de morte; que podem ser ignorados pelas relações comerciais capitalísticas.

A poeira de ossos que salta da lâmina, que corta e divide os pedaços de corpos-animais, são os farelos que escapam daquele processo de comercialização em uma lógica de consumo, e que circula por todo o mercado, impregnando o chão, se acumulando nas máquinas de corte, formando uma massa de osso e gordura, encrostando dentro dessas máquinas, entre os balcões, nas paredes e em toda superfície do mercado. Assim como o sangue que tinge, respinga, escorre, e dá a cor do filme *A Necropower*.

O sangue também se mistura a outros sangues desrostificando o corpo. “Sangue sem corpos” é uma provocação a forma de como essa lógica de extermínio tenta esconder os vestígios dos corpos aniquilados. Como se os corpos esquartejados uma vez colocados em embalagens atrativas e na vitrine de um supermercado pudesse esconder os vestígios de um corpo de um boi, por exemplo, ou de qualquer outra espécie. Ou como se o sangue desses corpos

conseguisse ocultar de alguma maneira esses cadáveres. Assim, sublinho que, todo sangue tem corpo, e que são muitos os corpos que trafegam através do sangue, mesmo misturados com outros dejetos líquidos, viajando do chão de um matadouro, de um mercado, de uma cozinha; entre córregos, becos, esgotos, canais, rios e oceanos. Os rastros desses corpos mortos estão impressos nas veias do mundo através do sangue, que expressa o excesso de corpos assassinados, que dá cor e tom a esta política de extermínio, que atravessa corpos e fronteiras geopolíticas, que macera e tritura a vida. Sangue como vestígios de crimes, de assassinatos, de genocídios. Também é o sangue que justifica as demandas de segurança que sustentam a necropolítica.

O olhar cartográfico se conecta com o antropoceno, a linha dura da feira e dos mercados, como estão nas cenas do vídeo que chamam atenção principalmente para dois planos:

Plano 1- **plano de cima** (motor, com o corte e a balança): conexão com a linha molar, esse *link* com a necropolítica em que podemos pensar essas práticas da *necropower* vividas no mercado, na sua microfísica, nos seus hábitos, nos seus comportamentos, e é desdobrada; quase que pré-anunciando, esse episódio da pandemia, que se coloca como efeito dessa política de extermínio.

Plano 2 - **plano de negociação**: pessoas apertando a carne, o comprador e o vendedor e a carne no meio. A vida sendo negociada e a balança, fazendo referência a balança comercial – o mercado mundial.

As fotografias nesse trabalho, trazem planos para compor com as noções das vizinhanças dos cortes, dos enquadramentos na relação da feira com o centro – como centro. Em destaque, o plano de cima do corte dos peixes (o homem “limpando” os peixes vivos) – plano: mapa de destruição das vísceras das escamas. As imagens dos processos de asfixia da feira com o próprio processo de urbanização e toda aquela aridez de concreto e de ferro que vão recortando vai se recortando e perdem as cores. Da mesma maneira que elas vão fazendo as vizinhanças com as *rabiscagens*, que estão extremamente articuladas aos espíritos vegetais; a presença dos espíritos vegetais.

Assim, a dimensão de pesquisa procura tensionar, enfrentar os limites da antropologia como ciência trazendo conceitos: de encontro e apelidos, ensaiando uma discussão mais teórica do extermínio através do antropoceno e da necropolítica.

É também preciso sublinhar que neste trabalho escrito há uma diferença entre um olhar cartográfico e um olhar discursivo, que por algumas vezes pode parecer haver mais um olhar discursivo do que o cartográfico; evidentemente que os dois olhares se entremeiam, mas não se trata de tomar o cartográfico pelo discursivo. Este trabalho não vem tratar exatamente e/ou tão

somente, de uma etnografia da feira, mas ensaia uma experiência que se atravessa com as feiras (essa feira que é plural) e se experimenta com as antropologias, e com as artes, e com as filosofias e com as ciências (saberes e práticas plurais). Desse modo, essas pluralidades em um encontro com mundos diversos, territórios moventes podem criar deslocamentos e descentralizações a cada encontro-composição produzindo eco-potências capazes de criar caminhos desviantes, uma máquina-de-guerra.

Uma máquina-de-guerra produz luta e combate.

Pensar em uma produção antropológica como máquina-de-guerra é fazer de suas práticas uma reversão que escape das vias interpretativas antropomórficas, criando novas composições, capazes de produzir um devir-minoritário, positivando e potencializando o menor. Um exercício que minimamente seja capaz de deslocar esse humano do centro da antropologia, já poderia produzir novos desvios, outros rastros e marcações.

Assim, esse trabalho em um apanhado geral, pegando todas as instâncias, realiza um exercício de experimentação da feira com as suas vizinhanças, definindo esse trabalho como encruzilhadas, assinalando as passagens dos devires: da missa pra feira, da antropologia pra arte, da etnografia pra cartografia. Trazendo as linhas como foco: das linhas moleculares ganhando vetores, na relação dos vetores da feira com linhas de fuga associadas a eco-potências, como uma ação de comunidade, que vão sendo retomadas nos espíritos vegetais e que fazem conexões com as possibilidades de desrostificação; dos devires e de sonhos como eco-potências.

Por fim, entendendo todos os saltos e sobrevoos que este trabalho produziu; por muitas vezes de maneira apressada, compreendo que esse material como se apresenta atualmente, precisará de mais maturação, no sentido de amadurecer alguns dos conceitos apresentados nessa escrita, e um certo refinamento.

Nessa toada, este trabalho escrito em composição com o *Feiragens*; como produto filmico, não se conclui na entrega deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Assim, o trabalho entrever uma possível continuidade no futuro, sobretudo de modo compartilhado, em um espírito de comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce; MILLIKEN, William. **Urihi A: a terra-floresta Yanomami / The Urihi: Yanomami land-forest**. São Paulo; Institut de Recherche Pour le Développement; 2009. 207 p. ilus, mapas, tab.

ALMEIDA, F.H.O. **Devir-filmico: uma experimentação cartográfica entre as ruínas e as cinzas do caminho de ferro do Maciço de Baturité**. 2018. 15 f. Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

ALMEIDA, F.H.O. **Ecosofia e uma possível antropologia das sensações: ecos da feira livre em Redenção - CE, transbordamentos etnográficos a partir da experimentação imagética**. In: II SEMANA DE ANTROPOLOGIA UNILAB, 2019, Redenção. Disponível em: <https://semanadeantropolog.wixsite.com/antropologia/copia-apresentacoes-orais-resumos-d>

ANDRADE, C. D. de. **As impurezas do branco**. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

ANTUNES, Arnaldo. **O real resiste**. Altafonte, 2020. 1 CD (29 min).

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. **A Cidade dos Sábios**. São Paulo: Summus, 1999. pg 45 a 49.

BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã: Peixes e Humanos: Um ensaio de Antropologia Indígena**. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFAM. Manaus, 2013.

CARNEIRO, F. F. et al. Segurança Alimentar e nutricional e saúde. Parte 1. In CARNEIRO, Fernando Ferreira et al. (org.) **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. Disponível em: Acesso: 15 ago. 2017.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 3. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, [ca. 1952].

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. 1. ed. São Paulo: Gaia, 2010.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. Tradução de Edições Antipáticas. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

_____. **Teoria da Metamorfose**, 2018. Tradução: Vinícius Alves. Disponível em: <https://subspeciealteritatis.wordpress.com/2018/11/19/teoria-da-metamorfose-emanuele-coccia/>. Acessado em 13 de out. 2020.

[93XICOS%20-%20Jos%C3%A9%20Lutzenberger,%20maio%201985.pdf](#). Acesso em: 22 maio. 2020.

MACIEL, Lucas da Costa. 2019. **Perspectivismo Ameríndio**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/perspectivismo-amer%C3%ADndio>

MAUSS, M. 1974 [1923-24]. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

_____. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.

PEKĀSHAYA, Edina. **O impacto das mudanças climáticas na vida das mulheres Shanenawa: o convívio entre duas pandemias**. 2021. Disponível em: https://generoeclima.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/08/Edital-Sementes_04_Edina-Shanenawa.pdf. Acesso em: 13 janeiro. 2022.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, ano 20, n. 42, pp. 377-391. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014_etnografia_ao_e_metodo.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. 2015. Brasília. INCTI/UnB. 5pp

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, L.A.; RUFINO, L. **Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

TSING, Anna. **Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras**. ILHA – Revista de Antropologia, v. 17, n. 1, jan-jul de 2015, p. 177-201.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. N-1 edições. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2015a. **“O recado da mata”**. In: D. Kopenawa & B. Albert. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 11-41.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.